

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC

FIC

Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

CADERNO DE
DRAMATURGIA DA TURMA
F3


16

JUNHO_JULHO2021



**Mostra FIC
de Processos e
Experimentos**

Programa Fundação das Artes FIC



OS CADERNOS
ACADÊMICOS
SÃO
PUBLICAÇÕES
QUE
REGISTRAM
PROCESSOS E
EXPERIMENTOS
CULTURAIS E
ARTÍSTICOS
ELABORADOS
NOS CURSOS
DO PROGRAMA
FUNDAÇÃO DAS
ARTES FIC.



Volume 16: **Caderno de Dramaturgia da Turma F3**

CADERNOS DO PROGRAMA FUNDAÇÃO DAS ARTES FIC. **Caderno de Dramaturgia da Turma F3**. São Caetano do Sul: FASCS. V. 16, jun./2021.

O acervo disponível para consulta neste volume, composto de obras desenvolvidas pelos estudantes dos cursos do Programa Fundação das Artes FIC, foi disponibilizado tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo desta publicação, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Esta é a versão acadêmica, lançada em junho de 2021. A Fundação das Artes poderá editar novamente e relançar o caderno como parte da produção artístico-acadêmica posteriormente.



APRESENTAÇÃO

O curso de dramaturgia do Programa Fundação das Artes FIC tem como intenção inicial proporcionar uma introdução de conceitos dramáticos à interessados de São Caetano do Sul e região.

O curso foi dividido em 03 módulos ministrados pelos professores Diego Cardoso, Diogo Noventa e Lígia Souza. Organizado a partir dos três gêneros da escrita: épico, lírico e dramático, os dramaturgos aprendizes foram convidados a experimentarem a escrita em espaços diversos, na relação com questões sociais, subjetivas e da linguagem.

Junto com os experimentos relacionados aos gêneros, cada um e cada uma desenvolveu ao longo do curso um texto autoral que partiu de questões, temas, formas e linguagens de interesse de cada aprendiz. Estes textos estão reunidos neste caderno, um esforço criativo que revela a capacidade heterodoxa da dramaturgia contemporânea em lidar com temas diversos que nos



atravessam. Essa pluralidade de experimentações e ênfases pode ser notada nas 11 dramaturgias aqui reunidas. São materiais diversos que, a partir da pulsão dos participantes, foram desenvolvidos no Laboratório de Escrita conduzido pelos 03 professores.

Validar a escrita aqui apresentada é também se posicionar diante à condição perpétua do dramaturgo: eterno aprendiz das experiências e leitor diário do mundo. A formação só começou, e o trajeto, a passagem, o percurso, pode ser observado nessas páginas, que agora encontrarão seus possíveis leitores.

Boa leitura!

Diego Cardoso

Diogo Noventa

Lígia Souza

TEXTOS | F3



O mar em nós – Amanda Costa

Em um lugar qualquer – Analu Camargo

Nosso louco amor – André Briesi

Meu brasil, brasileiro – Davi Bosio

Enredando Alice - Elena Lagroteria

Pré-Destino - Gabriel Barros

Espiral – Gabriel Felix

E se ouvissem ela? - Ingrid Veiga

Sobre voos – Henrique Andrade

Adonirando, Sim Senhor! – Jota João

As Cumadi – Temoteo Ramos

SINOPSES



O mar em nós – Amanda Costa

Antônia e Vicente vivem em uma vila de pescadores e têm o mar como sustento. Após o filho do casal morrer afogado, Antônia mergulha em um luto profundo e o oceano passa a ser seu pior inimigo, porém mais cedo ou mais tarde ela terá de enfrentá-lo novamente.

Em um lugar qualquer – Analu Camargo

Em um lugar qualquer, pode ser ali na esquina, na cidade próxima ou em outro país, mas principalmente dentro das mazelas da vida dessas comunidades ciganas.

Nosso louco amor – André Briesi

Afonso desenvolve um amor doentio por sua noiva, que cancela o casamento. É o início de um desentendimento que pode ter um trágico desfecho.



Meu brasil, brasileiro – Davi Bosio

Há um misto de loucura e de esperança dentro de cada brasileiro, sempre que se formam eleições. Nos últimos anos a polarização política tomou conta do cenário nacional. Nesse contexto meu brasil brasileiro trás à tona alguns dos problemas mais evidentes do Brasil, questões puramente sociais que serão abordadas num tom direto e irônico, uma mistura da problemática com humor.

Enredando Alice - Elena Lagroteria

Alice planeja vingança após descobrir que seu namorado a trai com uma amiga. Seu plano dá errado e ela é passada para trás por quem confiava, mas ainda tenta buscar um jeito de consertar as coisas.

Pré-Destino - Gabriel Barros

O que lhe é entregue, lhe é predestinado. Um bebê recém-nascido encontrado próximo à casa de alguém é muito mais palpável do que crianças vivendo em instituições por todo o país. Há ainda, uma lei não jurídica. A lei da sociedade. Toda mulher que pode gerar um bebê, deve ser mãe. Não há escolha. Para nenhuma, em nenhum caso. O que lhe é imposto, lhe é predestinado.



Espiral – Gabriel Felix

Um homem e uma mulher tentam conviver com o luto diário pela perda de um familiar próximo no meio da pandemia de coronavírus. Mas o isolamento social e o constante convívio escancaram suas maiores diferenças e desenterram segredos antigos. Tudo isso, quando sabemos que um homicídio irá acontecer.

E se ouvissem ela? - Ingrid Veiga

Uma mãe rodeada de pessoas, porém, solo. Quantas palavras serão engolidas para que ninguém se sinta “ofendido” com uma mãe que quer seguir a própria vida? Questionar a paternidade e suas responsabilidades, colocará Nanci de frente ao seu futuro.

Sobre voos – Henrique Andrade

Plínio Garcia, é um jovem dramaturgo que tem encontrado dificuldades para escrever sua peça. O tema escolhido por ele é liberdade, mas como falar em liberdade em tempos onde o isolamento reflete em segurança e como dizer que é errado manter preso em gaiolas quem nasceu pra voar quando seu irmão é morto em uma tragédia que o faz pensar todos os dias em como poderia ter evitado. Sobre voos relata a crise de identidade deste jovem que se vê sozinho quando o que mais precisa é de alguém.



Adonirando, Sim Senhor! – Jota João

Adonirando, Sim Senhor! Com sua poesia popular, quase que jornalística, Adoniran, em suas composições evidencia as questões periféricas da população paulistana. Usando esse arsenal de característica descrita pelo compositor, Adonirando, Sim Senhor! Apodera desses personagens tão ricos em suas particularidades tão simples. Quem é essa gente? Divirtam-se!

As Cumadi – Temoteo Ramos

As Cumadi é uma comédia que apresenta alguns momentos de personagens em seu cotidiano. Personagens simples que vivem a vida de modo simples.

O MAR EM NÓS

Amanda Costa

CENA 1

Casa de pescador. Ao fundo, escuta-se o barulho das ondas do mar e chuva forte. Antônia, sentada em um sofá e enrolada em seu xale de tricô, folheia um livro sem prestar atenção no que está escrito. Vicente, sentado no chão enquanto costura uma rede de pesca.

VICENTE (*cantando 'O Pescador', de Tim Maia*):

“Pescador, tem que pescar
Areia, canoa, pescador
Tem que pescar
Como vou poder sobreviver
Se não tenho nada pra comer
Como é cruel e fria esta gente
Não será possível resistir
Se não temos nada pra vestir
Como esse povo é sofrido e carente
Pescador, tem que pescar
Pescador, tem que pescar”

VICENTE: Você não vai comer?

ANTÔNIA: Estou sem vontade.

VICENTE: Você precisa se alimentar, faz dias que só belisca a comida e não come nada de sustância. Quer que eu frite um peixe pra ti?

ANTÔNIA: Já disse que estou sem vontade.

VICENTE: Você emagreceu... Tenho medo de que fique doente.

ANTÔNIA: Eu não vou morrer, não se preocupe.

Silêncio.

VICENTE: O que você tá lendo?

ANTÔNIA: Sei lá... *(fecha o livro e se levanta).*

Vai até a mesa e enche um copo de água. Ele a segue e senta-se ao lado dela. Um trovão mais alto a assusta e a faz derramar água em si.

VICENTE: Cuidado! Deixa eu te ajudar *(tenta limpá-la, mas ela o afasta).*

ANTÔNIA: Não se preocupe *(enrola o xale ainda mais forte em volta do corpo).*

VICENTE: Já está na hora de lavar esse xale, não acha?

Silêncio.

VICENTE: Na segunda-feira eu vou pescar sozinho, o Mateus não vai poder ir. Você poderia ir comigo? Nem que for pra fazer companhia... Sinto falta de quando a gente ia pescar juntos e depois a gente montava uma fogueira na areia e você assava o peixe ali mesmo, lembra? Você não também não sente falta disso?

ANTÔNIA *(distráida e mexendo na borda do xale)* Uhum...

VICENTE: Poderíamos ir bem cedo e passar pela prainha pra ver o nascer do sol, você gostava disso.

ANTÔNIA: Uhum...

VICENTE: Ou podíamos comer peixe podre e depois sair correndo pelados pela vila, hein? O que acha disso?

ANTÔNIA: Uhum...

VICENTE (*bufando*) Antônia?

ANTÔNIA: Uhum...

Silêncio.

VICENTE: ANTÔNIA!?

ANTÔNIA (*assustada*) O que foi?

VICENTE: Você tá escutando o que eu tô dizendo?

ANTÔNIA: O você quer Vicente?

VICENTE: O que eu quero?

ANTÔNIA: É, o que você quer? Será que você não consegue me deixar em paz só por um segundo?

VICENTE: Droga Antônia, eu tô preocupado contigo.

ANTÔNIA: Eu já disse que não tem com o que se preocupar. Eu tô bem!

VICENTE: Você tá bem? Você tem certeza de que está bem? Antônia, olha pra mim? Você tá no mundo da lua, não come, só fica deitada o dia inteiro enrolada

nessa dro... nesse... xale. Você mal conversa comigo, não escuta o que eu falo e ainda tem coragem de dizer que está bem?

ANTÔNIA: Não se preocu...

VICENTE (*interrompendo-a*): Mas eu me preocupo! Eu me importo com você e não aguento mais te ver nesse estado. Todos na Vila perguntam de você, todos sentem sua falta. Eu sinto a sua falta. Falta do seu sorriso, do seu bom-humor, sinto falta de dançar com você, de andar de mãos dadas pela rua à noite, sinto falta de você inteira. Você precisa de ajuda e eu quero te ajudar, mas você precisa superar isso.

ANTÔNIA: Superar?

VICENTE: Deixa eu te ajudar?

ANTÔNIA: Pelo visto você superou bem rápido.

VICENTE: Eu não...

ANTÔNIA: Você fala e age como se fosse fácil, como se você estivesse lá aquele dia e como se fosse você que tivesse perdido ele.

VICENTE: Eu não quis dizer que é fácil, mas...

ANTÔNIA: Mas o que, Vicente? Hein? Você sabe por que eu não como? Porque essa comida me embrulha o estômago! Esse cheiro salgado remexe minhas entranhas e me atinge como se mil espadas estivessem sendo fincadas em minha costela sem me deixar respirar. Eu não consigo respirar, Vicente! Tô sufocada.

VICENTE: É por isso que eu tô tentando...

ANTÔNIA (*interrompendo-o*): Você não está tentando me ajudar, o que você quer é que eu seja a mesma de antes, mas não dá. Eu não consigo. Não consigo superar. E se pra você é tão difícil assim conviver comigo, então vai embora. Já que você superou tão rápido, vá logo de uma vez. E me deixa em paz e sozinha com a minha dor. Só não venha me dizer o que eu deva ou não fazer.

VICENTE: Antônio, não é isso, por favor... Eu sei o quanto é difícil, eu também estou sofrendo ou você acha que eu também não sinto falta dele?

ANTÔNIA: Não parece que sente.

VICENTE: Eu também o amava! Mas a vida continua, e estamos aqui. E me desculpa se eu não sei lidar muito bem com essa situação, se eu quero que você reaja e olhe lá pra fora outra vez, se eu quero que você apenas olhe novamente lá pra fora, pra ele. Que você molhe os seus pés outra vez nele. Se você não se perdoar pelo que aconteceu, você nunca vai conseguir seguir em frente.

ANTÔNIA: Me peça qualquer coisa Vicente, menos isso. Eu não posso... Não posso...

VICENTE: E o que você quer fazer então? Ir embora daqui? Por que o mar vai continuar sendo a nossa fonte de renda e sustento, se você não pode lidar com isso, como vai sobreviver? Você disse que não ia morrer, lembra?

ANTÔNIA: Eu odeio o mar, Vicente. Odeio! Odeio! Odeio! E... eu não... Não posso. Eu odeio essa Vila. Odeio olhar pela janela e ver todos aqueles pescadores saindo para o trabalho, odeio ver aqueles barcos, aquelas mulheres esperando seus maridos voltarem, odeio o cheiro de maresia, odeio esse barulho incessante das ondas quebrando na rebentação. ODEIO.

VICENTE (*respira fundo*) Você quer ir embora, então?

ANTÔNIA: Vicente, por favor, me entenda... Eu não consigo, eu não aguento mais. Eu sinto falta dele. Eu o vejo em toda parte. Eu o vejo correndo pra casa sorridente com peixes na mão; eu o vejo sentado nas pedras tentando fazer anzóis; eu o vejo brincando nas redes... Tudo aqui me faz lembrar ele. E essa... Essa dor que eu sinto... É como se eu corresse a 200 quilômetros por hora e de repente, sem nenhum tipo de aviso prévio, desse de cara em com um muro de concreto. Eu me sinto quebrada e partido ao meio. Sinto o sangue escorrendo pelos meus poros sem identificar de onde vem e, de repente, percebo que vem de todos os membros do meu corpo. E não passa. Nunca.

VICENTE (*suspirando*): Antônia...

ANTÔNIA: Meu coração tá dilacerado, Vicente. Você me diz que vai passar, que eu vou superar, mas eu não consigo esquecer porque sempre que eu fecho os olhos eu o vejo escapando das minhas mãos e... Eu vejo aquelas ondas gigantes o levando pra longe de mim sem que eu consiga trazê-lo de volta para os meus braços. Tudo que eu vejo é...

Silêncio.

ANTÔNIA: Quanto tempo você acha que demora para eu me acostumar a não ouvir mais a voz dele?

Vicente passa a mão pelo rosto angustiado. Fica em silêncio.

ANTÔNIA: Quer saber, esquece, eu não quero mais falar disso (*Enrola ainda mais o xale em meu corpo, abraçando-o*).

VICENTE: Eu ainda não estou pronto para deixar esse lugar.

ANTÔNIA: Então talvez não possamos mais ficar juntos...

VICENTE: Você não está sendo justa.

ANTÔNIA: Essas águas malditas me tiraram a pessoa que eu mais amava no mundo. Mas quer saber? Não tem problema! Vamos continuar aqui, nessa vila, vamos apodrecer aqui, sempre fazendo as mesmas coisas para sempre, nunca mudar, nunca crescer, nem evoluir. Continua indo pescar todas as manhãs, sem hora para voltar e muitas vezes sem conseguir nada. Continua aqui adorando essas águas até que elas tirem tudo de você, inclusive sua vida. Se for isso que você quer, então continue aqui. Sozinho.

Antônia sai, deixando Vicente sozinho. O barulho de chuva aumenta.

VICENTE (*contemplando o vazio*): A chuva veio forte e arrasadora essa noite... Se não fosse isso, eu estaria lá fora agora. A água salgada sempre me acalmou, mesmo quando as ondas fortes tentavam derrubar meu barco. Eu via Antônia me esperando no cais. Minha sereia. Tão linda... Lembro de quando corríamos juntos em direção ao oceano. Parece que foi em outra vida. A água salgada nos purificava e nos dava força. Eu podia sentir o mar dentro de mim. O mar em nós. (*Suspira fundo*).

CENA 2

Vicente está abotoando a camisa e calçando os sapatos. Antônia entra e se senta no sofá. Volta a folhear o livro da noite anterior. Continua usando o xale.

VICENTE: Bem, estou de saída.

ANTÔNIA: Aonde você vai?

VICENTE: Trabalhar, onde mais eu estaria indo?

ANTÔNIA: Por quê?

VICENTE: Porque a semana foi péssima, não pesquei quase nada e hoje tem poucos pescadores em alto mar, posso conseguir...

ANTÔNIA (*interrompendo-o*): Alto mar?

VICENTE: É Antônia, alto mar...

ANTÔNIA: Você me prometeu que não iria mais pescar em alto mar. Depois do que aconteceu com... (*para antes de dizer o nome*). Você prometeu que não ia além do recife, Vicente. Você prometeu.

VICENTE (*respirou fundo*): Não adianta, em alto mar é que eu consigo mais peixes, não está dando certo só no recife e eu preciso sustentar essa casa, preciso de um pouco de dignidade pelo menos. Eu preciso pescar Antônia. É que eu sou, é a única coisa que eu sei fazer. É nossa tradição.

ANTÔNIA: Que tradição? Ou você se esqueceu que não tem mais ninguém aqui pra seguir sua tradição?

VICENTE: Uma hora ou outra vamos ter que ter outro filho.

ANTÔNIA (*rindo sarcástica*): Você só pode estar de brincadeira. Quer saber? Vai se ferrar você e sua tradição!

VICENTE: Essa é a realidade e agora eu preciso ir pescar. Já faz meses que ele se foi, não posso permitir que isso nos impeça de continuar vivendo.

ANTÔNIA: Eu já disse o que eu penso sobre você sair. Além disso, hoje é domingo, seu dia de folga e de ficar comigo, e choveu a noite toda, o mar ainda está agitado.

VICENTE: É quando tem mais peixes. E eu entendo que você queira ir embora, mas já disse que não concordo. Não quero ir embora daqui, pelo menos não por enquanto. Eu preciso ir... Bom dia!

ANTÔNIA: Vicente, eu estou falando sério. Se você sair por aquela porta, eu também saio.

VICENTE: Ótimo! Você precisa mesmo sair de dentro de casa. (*Sai, deixando-a sozinha*).

ANTÔNIA (*dá um grito agudo e sufocado*): Vicente!

CENA 3

Antônia está andando em círculos com um relógio de mesa nas mãos. Ao fundo, ouve-se barulho de chuva forte. Olha pela janela aflita.

ANTÔNIA (*sussurrando*): Por favor... Você é tudo o que me restou, eu não posso perder você também...

Você não vai me fazer ir atrás de você, Vicente. Não mesmo. Acho bom você aparecer...

Céus! Que os deuses te protejam...

Ouve-se fortes batidas contra a porta e Antônia se assusta.

ANTÔNIA: Graças a Deus, graças a Deus! (*Abre a porta eufórica*). Vicente!

Entram três pescadores molhados pela chuva.

MATEUS: Antônia nós vimos quando o Vicente saiu todo carrancudo, pegou o barco e foi pro mar. A gente ainda pediu pra ele não ir, mas ele não quis ouvir. E agora essa chuva... O que aconteceu? Por que você deixou ele sair?

ANTÔNIA: E quem disse que eu deixei, Mateus? Aquele teimoso desgraçado não me ouviu, eu implorei pra ele não sair. E agora isso, já se passaram horas...

SEU ZÉ: A gente tava esperando ele no cais, mas nada dele voltar e já anoiteceu. Fomos até lá no farol e pedimos para ativá-lo, mas nada do Vicente. Estamos começando a ficar muito, muito preocupados.

Antônia começa a sentir desespero e falta de ar. O pescador Jorge pega um copo d'água para ela.

JORGE: Vamos procurá-lo, nós prometemos. Não deve ter acontecido nada demais, o Vicente é bicho esperto, o melhor marujo desse lugar, sabe como controlar uma embarcação como ninguém. Ele está bem, eu tenho certeza.

Os três pescadores apertam a mãe de Antônia e saem, deixando-a sozinha. Luzes se apagam.

Antônia está dormindo de mau jeito em uma cadeira. Conceição entra e a cutuca para levantar.

ANTÔNIA (*acorda assustada*) Vicente?

CONCEIÇÃO: Sou Antônia, a Conceição.

ANTÔNIA: Onde ele está? O que aconteceu?

CONCEIÇÃO: Os rapazes saíram em busca dele... O Mateus me pediu para ficar com você.

ANTÔNIA: Faz três meses que você não vem me visitar. Aliás, que ninguém vem me visitar.

CONCEIÇÃO: Me desculpe por isso, Antônia. Eu tentei... Todas nós tentamos, suas amigas. Nós te amamos, mas não sabíamos como, como...

ANTÔNIA: Não sabiam como me encarar? Não sabiam o que dizer? Tudo bem, eu não culpo você. Não culpo nenhuma de vocês. Jamais poderia culpar alguém por não entender o que se passa no coração alheio.

CONCEIÇÃO: Eu sinto muito, Antônia. Sinto muito mesmo.

ANTÔNIA: Alguma notícia dele?

Silêncio.

ANTÔNIA: Você está estranha, aconteceu mais alguma coisa?

CONCEIÇÃO: Hoje de manhã encontraram o barco dele no cais...

ANTÔNIA: Isso é um bom sinal, não é? Se o barco dele está no cais quer dizer que ele está em algum lugar por perto, não é?

CONCEIÇÃO (*apreensiva*): Antônia...

ANTÔNIA: Diz logo Conceição, diz de uma vez.

CONCEIÇÃO: Apenas os destroços do barco foram encontrados. Os rapazes foram em busca do corpo dele...

ANTÔNIA: Do corpo dele? Como assim? Do que você estava falando? Quem te deu o direito de me dizer isso, com essas palavras? Vocês acreditam que Vicente está morto, é isso? Simplesmente decidiram que meu marido morreu e que era melhor me falar de uma vez? Não. Eu não aceito isso. Ele está vivo! Vicente está vivo, eu tenho certeza. Ele me prometeu que voltaria. Ele vai voltar, eu tenho certeza.

CONCEIÇÃO: Céus, todos nós esperamos que sim!

Os três pescadores entram na casa de Antônia.

MATEUS: Não encontramos nada, ele simplesmente sumiu...

JORGE: Só encontramos os destroços do barco... Com a tempestade de ontem...

SEU ZÉ: Vamos fazer outra procura mais tarde, mas...

ANTÔNIA: CHEGA! Eu não quero mais saber de nada, vão embora daqui, todos vocês.

CONCEIÇÃO: Mas Antônia...

ANTÔNIA (*gritando*): Vão embora, agora!

Luzes se apagam.

Antônia está sentada no chão, encolhida e abraçada em seu xale.

ANTÔNIA: Dois dias... Dois dias se passaram e Vicente continua desaparecido. Os pescadores estão querendo desistir, mas eu não posso... O que vai ser de mim sem ele? Já não basta ter perdido meu filho pra essas águas, agora elas também querem me levar meu marido? Que me mate de uma vez também!

O telefone toca. Antônia levanta num pulo e atende.

ANTÔNIA (*ouve por um segundo*): Não! Mateus não, por favor. Não desistam. Continuem procurando, eu sei que ele está em algum lugar, não desistam, eu imploro! Você não sente muito coisa alguma, se sentisse não ia desistir de procurar. Mas você ouviu o que Jorge disse, ele sabe navegar como ninguém, ele já enfrentou outras tempestades antes, Mateus, eu está em algum lugar. Está vivo, ele tem de estar... (*desliga o telefone*).

NÃO! Mateus está enganado. Meu marido está vivo.

(Sussurra) Ele tem que estar...

Começa a andar em círculos.

ANTÔNIA: Então é isso? O mar me tirou outro amor? Levou outra pessoa de mim? O que eu fiz de errado para essas águas traiçoeiras? Meu filho tinha apenas cinco anos... Meu pequeno peixinho, era só uma criança... Meu Lucas... Isso não pode acontecer comigo outra vez, eu não aceito. Não posso aceitar.

Antônia sai de casa e bate a porta atrás de si.

CENA 4

Antônia está de frente para o mar. Fecha os olhos e respira fundo.

ANTÔNIA: Oi, meu velho amigo. Cá estamos nós novamente. Como cogitei imaginar que jamais colocaria meus pés em você novamente? Lembra quando minha mãe me deu à luz dentro de ti e depois se foi? E então você me adotou. Passou a ser minha mãe, meu confidente e melhor amigo. Eu nasci em você, e é a sua água salgada que corre em minhas veias. Foi você que me fez conhecer Vicente, quando ainda crianças eu o salvei de se afogar logo quando ele se mudou para a Vila e não sabia direito como nadar. Você lembra? Eu o ensinei a nadar e contei para ele os seus segredos e suas lendas. Eu o fiz se apaixonar por você. Por favor, traga ele de volta pra mim? Eu imploro.

Fecha os olhos novamente e toca a água com as mãos. Se benze com o sinal da cruz. O barulho das ondas invade o ambiente.

ANTÔNIA *(sussurrando)*: Lucas?

Antônia arrasta o barco até a beira da praia, entra nele, puxa a âncora e içã a vela. Em seguida entra na pequena cabine e começa a navegar.

ANTÔNIA (*cantando - 'Eu pescado', de Milton Nascimento*):

“Ah... meu peito de sonhador
Sábios abismos do amor
Como a canoa, os do mar
Eu que fiz dos meus sonhos, meus navios
Eu que fiz velas de rimas
De canções o meu pescueiro
Eu que arrei redes de estrelas
Ainda espero entre anzóis e sereias
Quem ficou de me encontrar”

Ela pára, vai até a proa, senta e encara a imensidão à sua volta. Respira fundo.

ANTÔNIA: Você sempre foi minha fonte de vida e força, sabia? Sempre pareceu mais calmo ao meu lado, mas até hoje não consigo acreditar que você levou meu filho embora. Por que você fez isso comigo? Não bastava meu pai naquela noite de tempestade? Eu te perdoei pelo meu pai perdoei, pois sabia que era a hora dele. Mas quando você levou Lucas... Eu desabei. Eu deixei de confiar em você. Qual o seu problema afinal? Por que tirou de mim quem eu mais amava? Por que logo eu?

Eu não sabia mais nada sobre você. E descobri também que não sabia mais nada de mim.

Meu filho tinha apenas cinco anos...

Não
era
justo.

Lucas era só uma criança, aprendendo a nadar, sonhando em ser pescador... Você roubou o futuro dele. Arrancou ele das minhas mãos enquanto estava em meu colo, enrolado nesse xale (*aperta o tecido em seu corpo*). Esse xale foi tudo o que me restou dele, por que eu não pude segurá-lo mais... Porque de repente suas ondas traiçoeiras o afogaram.

Que tipo de maldição cruel é essa?

Antônia fecha os olhos e toca na água por algum tempo e chora.

ANTÔNIA: Eu espero que você esteja cuidando dele agora. Eu posso ouvir ele me chamando... Mamain... Eu posso senti-lo quando toco em você. Sinto a presença de meu filho...

(Sussurrando) Por favor, me leve até Vicente, por favor...

Antônia volta a navegar até avistar a terra. Ela chega até à praia e corre até o corpo estendido no chão.

ANTÔNIA (*desesperada*): Vicente! Você está vivo? Por favor? (*Faz respiração boca a boca e bate no peito do homem desacordado, até ele reagir. Ela o abraça*). Eu pensei que tinha perdido você também. (*Ela enrola o xale em seu marido e o aninha em seu colo. Volta a cantar a canção 'eu pescador'*):

De sol em sol
Cruzando o mar
Calmaria sonhei
Loucura sã, a paz

De quem provou do querer bem
Mas sopram tantos vendavais

Ah, meu peito de pescador
Sabe que a lua passou
Finda a maré de pescar

Eu que dei os meus sonhos, meus navios
Que troquei mares porfios
Que aportei o meu pesqueiro
Nas paragens do desejo
Ainda guardo para alguém o meu beijo
E adornos de corais

VICENTE: Antônia... É você mesmo? Você me encontrou?

ANTÔNIA: Shiii. Eu estou aqui agora!

Antônia continua abraçando e aninhando o corpo do marido até ele voltar a ter consciência.

VICENTE (*gaguejando*): C-como? O que houve?

ANTÔNIA (*emocionada*): Eu sabia que você estava vivo. Eu simplesmente sabia...

VICENTE: Como você me achou? Você entrou nele? Entrou novamente no mar?

ANTÔNIA: Foi uma longa jornada meu amor, mas Lucas me guiou até ti.

VICENTE (*surpreso*): Lucas?

ANTÔNIA: Sim, nosso filho me deu forças e coragem pra te encontrar. Eu não podia desistir de você. Você foi o único amor que me restou e eu precisava lutar por nós. Então permiti que a água me tocasse. A espuma branca molhou meus pés e eu senti uma eletricidade atingir meu corpo inteiro, como se tivesse levado um choque. Entrei no barco e passei a guiar o leme sem um destino certo. Apenas fui. Com a certeza de que algo além da minha compreensão estava me guiando naquele momento. Foi imenso e profundo e turbulento.

VICENTE: Você tem uma ligação extraordinária com o oceano, sempre teve.

ANTÔNIA: Passar o recife não foi difícil, o mar não estava muito agitado e eu já havia feito isso muitas vezes. Mas a sensação de estar em alto mar outra vez me perturbava. Eu perdi a noção de quanto tempo estava navegando sem rumo algum. Foi quando decidi ir até a proa. Sentei na beirada e nós conversamos outra vez. Foi tão mágico... Eu e o mar, juntos de novo. Você tem razão, nossa conexão é surreal.

VICENTE: Me perdoa Antônio? Me perdoa por ter saído de casa, por ter te abandonado quando você mais precisava de mim, por ter desistido...

ANTÔNIA: Está tudo bem agora, Vicente. Eu acho que... Acho que finalmente consegui perdoá-lo. Eu ouvi a voz de Lucas. Ele me dizia para perdoar o mar, pois só assim eu seguiria em frente. Eu não quero mais ir embora, eu nunca quis de verdade. E eu também quero outro filho. E quero que ele cresça cercado por água também. Eu nunca vou esquecer Lucas, muito menos deixar de amá-lo. Mas você tem razão, já faz meses e agora eu finalmente percebo que é preciso viver. Devemos isso a ele.

VICENTE: Eu tenho certeza absoluta que onde quer que ele esteja nesse momento ele está muito orgulhoso de você.

ANTÔNIA: Ele está nele (*aponta para o mar*).

Eles se abraçam e permanecem, unidos. As luzes vão se abaixando e lentamente vai escurecendo.

VOZ DE ANTÔNIA AO FUNDO: Entender o mar é entender a vida e é preciso escolher entre mergulhar ou ficar na superfície. Eu me dei conta de que nunca serei rasa. Toda profundidade que existe no oceano é a profundidade que existe em mim. Não importa quantas perdas e quantas batalhas eu enfrente, minha vida é como o mar: onda após onda, dia após dia. Sem roteiro e sem pressa. Sou essas ondas todas que fazem de cada recuo um impulso para ir mais adiante. Essa é minha história, a que irei passar para meus futuros filhos, a que continuarei vivendo ao lado do meu marido. Eu entendi que o mar havia levado meus amores, pois tinha chegado a hora deles. E quando chegasse a minha ele me levaria também, e levaria a todos que o amassem e que confiassem nele. O mar sabia, ele simplesmente sabia, pois ele é a força da natureza mais potente de todo o mundo.

Eu quero mergulhar novamente para a vida. Um mergulho cheio de coragem. A mesma coragem dos pescadores que vão todos os dias em busca de seu sustento sem saber o que o destino lhes reserva. A mesma coragem dos homens que pulam do alto de grandes pedras em direção ao mar em busca de aventuras. Essa é a lei da vida. Seguir em frente mesmo quando o mundo parece desabar, seguir em frente mesmo que tudo perde o sentido e nada mais parece ser justo. Seguir remando em frente. Ao mar, que a água salgada leve todas as impurezas e nos purifique sempre que mergulharmos de corpo e alma nele.

Sobre a autora: Amanda Costa nasceu em Santo André e é formada em jornalismo, mas faz alguns tramos de social media. Apaixonada por palavras e histórias desde que se entende por gente, ama tudo que envolve arte e poesia. Escorpiana, *pseudo cult* e romântica enrustida.

Contato: amandacosta.ct@gmail.com

EM

UM

LUGAR

QUALQUER!

Analu Camargo

CENA 01

Entra a NARRADORA e diz:

NARRADORA - Pessoas seguem seu rumo através de estradas e acampamentos. Em um lugar qualquer de qualquer lugar, mulheres de descendência cigana vivem suas mazelas.

Entram três ciganas e cada uma vai para seu canto no palco

NARRADORA: Na Europa nos idos da 2ª Guerra Mundial, elas foram perseguidas pelos nazistas, um dos povos mais dizimados pelo Holocausto: do total de 1 milhão de ciganos que viviam na Europa, 500 mil foram assassinados!

ALBA – Venha meu filho, corra... não solte a mão da sua irmã... Corra, eles estão vindo! (*ouvi se tiros e gritos*) – Filhos se escondam no sótão desta casa enquanto isso, eu vou ficar aqui olhando para que ninguém ache vocês... Fiquem quietinhos e se alguma coisa acontecer, não saiam por nada... por nada...

ANABELA – Preciso terminar o almoço, sair e ir até a cidade, vai chover e terei que ir andando, a caminhada é longa...

NARRADORA: No Brasil o primeiro grupo de ciganos, de maioria da etnia Calón, chegaram aqui por volta no século 16, deportados de Portugal. Os Rom vieram a partir da 2ª metade do século 19. Naquela época, eram comerciantes ambulantes de escravos, mulas e artesanatos, hoje compram e vendem carros, motos, televisores e toalhas.

ANABELA – Olha a toalha e o pano de prato... branquinho... branquinhooo! São cinco panos, dez reais... só dez reais! (*barulho de feira*) – Se fosse na época da minha avó, como ela contava, a gente só sairia para ler mãos e os homens para vender seus burricos, mas como tudo muda, vamos vendendo o que dá para vender... olha o pano de prato branquinhooooo!

CARMELA- Tá faltando comida pra dar de comer pras crianças, ninguém tá comprando nada, como vou vender meus panos... Agora precisarei comprar remédios, com que dinheiro?

NARRADORA: Ciganas lêem a sorte, amparadas pelo mistério que as rodeava a cada cidade, cada povoado, perceberam que poderiam utilizar a curiosidade das pessoas sobre o futuro como um modo de fazer negócio e ganhar algum dinheiro para sobreviver. A crença virou parte da cultura cigana.

CARMELA – Ei... perafá... só um pouquinho, é rápido, vem ler a mão... vem??? Ah... você quer saber seu futuro, te falo também do presente. Vem cá... te ensino uma garrafada que serve para esquentar a cama, sabe como é... né? Tenho uma receita infalível de maceração de ervas para qualquer doença do estômago. Vem cá? Vem!!!! (*barulho de rua*) Puxa... como tá difícil conversar com as pessoas, parece que elas só têm medo, medo e mais medo... assim não dá mais! Vem cá.... vem... me dá sua mão!!!!?

ela deixa o corpo cair de cansaço

ALBA – Eu não vou com vocês, tirem a mão de mim.... tirem a mão de mim... seus porcos, nojentos, tirem a mão de mim!!! Ninguém deve sair de onde está... tirem a mão de mim... socorro... (*os soldados arrastam a ALBA pelas ruas e levam ela para o campo de concentração*)

ALBA- (*Chorando*) snif... pelo menos não acharam as crianças... meu Deus... minha Nossa Senhora... snif...

CARMELA- Vivemos ameaçados, uns falam, não coloca o acampamento aí não... outros que vamos roubar a vizinhança. Na maioria dos lugares não deixam a gente usar a água e a luz, aí temos que ir longe buscar, e agora vem essa pandemia, como ficar longe? Se alguém adoecer nem o posto de saúde atende porque não temos documentos. E não consigo vender nenhum pano de prato...

ANABELA - Sentimos dor, fome! Somos muito precisados. Gostaríamos que muita coisa mudasse para melhorar a nossa situação e condições de vida. E agora esse vírus!

CARMELA- Ser cigano é ser humano, é ser necessitado.

CENA 02

Entra DALILA e JASMIN, pensando nas músicas e poesias de seus avós:

JASMIN- Algumas músicas aprendi com minha vó, cantar, tocar, cozinhar... ela falava que as panelas tinham que brilhar como um espelho, e ensinava as meninas como fazer, era tão doce ficar no colo dela ouvindo histórias!

DALILA- Eu não conheci minha vó, mas conheci meu vô e ia andar de carroça com ele quando ele ia pra cidade, aprendi a vender as mulas, a cuidar delas e jogar bola... mas falavam que era não coisa de menina... eu adorava!

Entra DOLORES e caminha

DOLORES- Aprendi a trançar cabelo, fazer vestido, eh... comida... que coisa boa cozinhar com ela, mas nunca consegui aquele gostinho especial que só ela fazia.

DALILA – *(Declama uma poesia:)*

Me movo como o sol e a lua.

Sou nômade como as ondas

Quando uma se vai outra chega.

Rápidas, sagazes como o vento!

Entra o CORO e ficam a frente de DALILA

CORO – *(Declamam a continuidade da poesia)*

Ora estão, oram somem pelo mar.

Meu mar é uma estrada,

Que ecoa na música e no relinchar dos cavalos.

Não somos os ventos, somos filhas dele.

Entra o músico e dedilha uma música

CENA 03

Saem as ciganas uma atrás da outra, pessoas começam a se aglomerar na praça. Entra uma turba, como se tudo acontecesse na praça, o CORO fala ao mesmo tempo, as mulheres riem alto, mas olham para o lado e veem chegar duas ciganas, entra ALBA e ANABELA, abrem o caminho para elas passarem se afastando delas e olhando com estranhamento.

MESSIAS – *(vira para a KAREN ao seu lado e diz:)* - O que essa gente vem fazer na cidade? Trazer doença? Aquele vírus que está se espalhando por aí... a culpa deve ser deles!

KAREN – Vem nos explorar, tirar dinheiro de quem acredita em bruxarias, vem nos roubar, cuidado com elas!!!

CELIA – E pior trazer doenças...

MESSIAS- Se eu pudesse mandava todo esse pessoal embora, tirava todo esse povo da cidade.

ALBA- Você viu? Acho que estão falando da gente... será?

ANABELA- esse povo só sabe falar mal mesmo... mas deixa pra lá!

ALBA- Vamos pro outro canto que não quero encrenca, só sobra pra gente.

ANABELA- Melhor ir embora, daqui a pouco vão chamar a polícia, vamos pra outro canto.

ALBA- Acho bom que esse povo não mexa com a gente, tô sem paciência!

MESSIAS- Olha lá... estão indo embora, deve ser porque sabem que aqui só tem gente de família, não dá para misturar com essa gatinha.

ALBA- Olha o pano de prato... toalha... banhos de cheiro ... *(a voz vai ficando bem baixinha e distante)*

As CIGANAS saem da praça

CENA 04

Entra a NARRADORA se coloca no meio do palco e diz:

NARRADORA: Não há poesia em ser excluído e viver chutado de canto em canto. Bonito na literatura do imaginário... não na vida diária com crianças e idosos para proteger e dar de comer. Não romantizemos o sofrimento!

(Algumas fotos antigas são projetadas no fundo do palco enquanto ALBA se senta na cadeira em uma mesa de bar, olha para a cadeira vazia da frente e entabula uma conversa com uma pessoa imaginária, que seria cigana)

MESSIAS: Vocês fazem feitiçaria???? São mágicos e feiticeiros viajantes? Mas eu não acredito, já foi provado que isso não existe, é apenas invenção para

enganar os crentes...vocês chegam nas praças e bares e intimidam a gente... coitados de nós gente de bem dessa cidade, ameaçados por vocês!

Sai MESSIAS e entra KAREN, se senta na cadeira vazia e entabula uma conversa com a pessoa imaginária

KAREN – *(fala baixinho...)* - Minha mãe dizia para eu tomar cuidado quando vocês chegavam na cidade, sabe ... vocês poderiam me levar embora... ela tinha muito medo que isso acontecesse... vocês raptam as criancinhas e levam para pedir dinheiro para vocês.

Sai KAREN e entra MESSIAS, senta-se na cadeira e volta a falar com a pessoa imaginária

MESSIAS- *(ele vai falando, se movimenta, abre os braços, mostra felicidade, conforme ela vai falando ao fundo aparecem imagens de circo e ciganos)* – Uma coisa vocês têm de bom, quando vocês chegavam com o circo, a cidade ficava mais feliz, a gente podia ir ao espetáculo, comer pipocas e dar boas risadas, ahhh.... minha paixão sempre foi o trapézio, como era bonito ver as mulheres voarem de um lado para o outro..., mas é isso que recordo de bom...

Entra CELIA – e se senta à mesa, junto com MESSIAS

CELIA- Sabe que esse pessoal não acredita em Deus, na Família e nas pessoas de bem, eles são desvairados, dançam, cantam, bebem... *(sussurra)* dizem que são filhos do Demo! *(Faz o sinal da cruz)*.

MESSIAS e CELIA – Cuidadoooooo!

voltam as projeções de cenas cotidianas de grupos ciganos

CENA 05

Entram as CIGANAS e o CORO e se espalham pelo palco, alguns descem até a plateia e começam a perguntar.

CIGANAS E CORO – Cuidado com quê?

- Cuidado com quem?
- Para quê?
- Por quê?
- Quer ler a sorte?
- Vamos ler a mão?
- Tenho umas ervas maravilhosas, curam tudo!
- Estou com fome!
- Preciso trabalhar...
- Vou comprar aquele tecido.
- Tenho leite para vender.
- Nossa! Como está frio!
- Chegamos ontem na sua cidade, precisamos de abrigo?!
- Estrada...estrada... estrada...

entra DOLORES, refletindo

DOLORES- (*Começa a despetalar uma rosa*), quando eu era criança, gostava de brincar de pique esconde, um dia, sai de perto do acampamento e fui me embrenhando pelas ruas próximas, com minhas roupas diferentes, as pessoas me olhavam com umas caras tão esquisitas, uma cara de nojo, mas eu não tava nem aí para aquelas caras, só queria me esconder e não ser achada pelos meninos. Não me dei conta que estava correndo perigo, até que um bando de moleques da rua perto do lago, pararam na minha frente... depois começaram a me empurrar e me chamar de bruxa, eu nem sabia o que era aquilo, eu nem

sabia por que eles estavam fazendo aquilo comigo. Só quis chorar..., mas quanto mais eu chorava, mais eles zombavam de mim. Meus irmãos e primos vieram à minha procura e viram aquela cena horrível, pegaram uns paus e puseram os moleques para correr... mas... não parou aí. As famílias dos moleques se juntaram e foram para a polícia, falaram que seus filhos foram atacados pelos “ciganinhos” e que eles representavam perigo para seus inocentes filhinhos... no final nosso acampamento teve que sair daquela cidade porque tínhamos medo de que alguém colocasse fogo nas nossas barracas... isso acontecia muitas vezes na nossa vida e só entendi quando comecei a crescer!

ANABELA- Vamos embora novamente? Mal chegamos aqui, não aguento dar mais nenhum passo... quero dormir, tomar banho, comer... chegamos ontem!!! E já vamos embora??? Não acredito nisso... não acredito!!!

CARMELA- Venham e parem de reclamar, não foram vocês que arrumaram essa confusão, agora a solução é ir pra estrada de novo, vamos... vamos...

Aos poucos todas saem do palco.

CENA 06

Entra o MÚSICO {cantando} e JASMIN e DOLORES {dançando}, ele tocando e elas dançando, depois de um tempo bailando entram KAREN e MESSIAS conversando e falando mal da vida deles)

KAREN – Olha o que está acontecendo aqui... esse bando de gente gritando e cantando...

MESSIAS – Obscenidade!!! olha aquela lá se mostrando para o homem!

KAREN – Não te disse, quando chegaram na cidade que isso ia virar uma balbúrdia? Precisamos que os militares voltem para pôr ordem aqui!!!!

Entra CELIA e fala:

CELIA: O que precisamos é de mais vergonha na cara, se dependesse de mim pegaria uma arma e botaria essa gatinha para correr... Vamos??? vocês vão ficar só olhando???? *(chama as outras pessoas para ajudarem a expulsar os ciganos)*

A MESSIAS e KAREN se entreolham e fazem gestos que não estão entendendo

MESSIAS – Vocês não entendem mesmo... precisamos ir até o distrito policial falar do que está acontecendo aqui, precisamos tomar alguma atitude... esse povo não pode entrar na cidade, fazer que quiser e a gente ficar olhando... Bora moscas mortas!

CELIA- Eu não quero me meter com eles, tenho medo de que façam alguma coisa contra a gente.

KAREN- eu não sei se isso é o que se deve fazer... eles têm crianças... mas deviam saber se comportar. Tem razão vamos resolver isso!

As pessoas se juntam e se encaminham para o Distrito Policial, encostam em um balcão e falam como se lá estivesse alguém da força policial, uma pessoa imaginaria

MESSIAS, KAREN E CELIA *(Falam juntos)* – Policial!!! temos uma denúncia a fazer!

MESSIAS- Tem um monte de ciganos invadindo nossa cidade e vocês não vão fazer nada?

KAREN – Nada!

CELIA – Nada? Nada?

Eles ficam esperando o policial falar, mas ele se cala, não tem resposta para suas indagações e eles insistem

MESSIAS – Eu pago meus impostos, sou homem de bem, minha família é de bem e não podemos ver essa arruaça nas ruas, eu quero meus direitos, vocês não vão tirar essa gente daqui?

KAREN – Não vão?

CELIA – Não Vão!!!!

Diante do silêncio do policial

MESSIAS- O senhor policial, não fala nada... não toma atitude? Nós pagamos nossos impostos e não é pouco... e quando precisamos de ajuda o senhor fica aí olhando para nós como se a gente fosse louco, como se não tivéssemos nada pra fazer... meu direito é andar pela rua sem ...sem... sem ver esses vagabundos, e ainda mais agora que tão falando de uma doença que está pegando todo mundo, eles podem ficar por aí andando...

o policial nem se mexe

MESSIAS- Vamos embora!!! Esses bananas... não vão fazer nada!

KAREN- Fazer nada!

CELIA – Nada! Fazer Nada!

Eles saem da delegacia e voltam para a rua

CENA 07

Entra MESSIAS e começa a pregar panfletos que falam que os ciganos devem ficar nos seus acampamentos e que não podem mais entrar na cidade

Entra ANABELA correndo e encontra na estrada a JASMIN e DOLORES

ANABELA – Vocês souberam o que o pessoal da cidade está fazendo? Não... viram???? (sem esperar a resposta) Proibiram que a gente entre lá para trabalhar!!!!

DALILA e JASMIN se entreolham e ficam sem reação

DALILA- Por que isso agora?

JASMIN- Porque eles acham que a gente vai levar a pandemia, aquela doença, para a cidade... só que precisamos trabalhar, vender, alimentar nossas famílias e....

Entra a CARMELA dando gargalhadas e questiona a ação das mulheres da cidade

CARMELA – Ahhhh... vocês acham que aquelas donas... cheias de não me toques... vão colocar a mão na massa e limpar suas casas, ou fazer comida?

ANABELA- Estamos vivendo com um vírus e sem poder vender nossas coisas... eu nem em casa de dondoca trabalho?!

JASMIN- Isso sempre foi assim? Novidade zero!

DALILA- Quero saber como vamos comer, só isso?

ANABELA- Vamos nos juntar e entrar na cidade, quero ver quem vai nos impedir...!

CARMELA- A polícia, a polícia vai nos impedir, você acha que aquele povo já não foram procurar os “home” para que eles façam o serviço sujo? Ah e não adianta colocar máscara e usar um tonel de álcool gel, nem que a gente se jogue dentro do tonel, esse povo vai mudar de ideia.

JASMIN- Isso não é novidade para ninguém, já fizeram isso várias vezes, quando expulsaram nossos ancestrais da Europa, prenderam em campos de concentração, eliminaram em câmaras de gás. Hoje elas só fazem isso porque... porque... sei lá por quê?!

DALILA- Sabe sim, porque somos diferentes, temos nossa cultura e isso não é aceito por esse povinho retrógrado, mas sempre foi assim, como você disse não é novidade, a única coisa nova por aqui é esse vírus, precisamos cuidar dos nossos.

DOLORES- Pera lá, cuidar como? Com pouca água, quase sem luz nas barracas, sem assistência médica, temos que fazer de um jeito que essa doença não entre aqui.

JASMIN- mas até parece que vamos ficar aqui parados, sem fazer nada, sem vender, e precisando de comer! Não dá para ficar parado esperando não.

CAMELA- Pelo que me falaram vem um tal de lock... lock alguma coisa que vai deixar todo mundo em casa, aí que o bicho pega.

DALILA- Então... vamos fazer o que mesmo?

ANABELA- Não sei!

CARMELA- Não sei!

DOLORES- Não sei!

JASMIN- Ah ninguém mais fala ... não sei!... Vamos saber sim, se nossos ancestrais viveram e sobreviveram a tantas coisas, nós também vamos viver! Vamos conversar com o pessoal do Barro Branco, da Vila Eneida, da Cidade Duarte, que estão mais próximos e ver como podemos juntar nossas forças para que ninguém passe aperto. Chega de xororô e vamos arregaçar as mangas.

saem juntas para organizar a resistência

CENA 08

chegam na Câmara de Vereadores da cidade

ALBA- Olhem acho que já chamaram a força policial?

ANABELA- Não acredito, como são rápidos...rsrs.

CARMELA- mas não vai adiantar nada a gente ir falar com esses políticos, me sinto perdendo um tempo precioso da minha vida...

DALILA- Larga de trazer mau agouro... vai dar tudo certo.

CARMELA- Mau Agouro nada... hoje de manhã uma lagartixa correu no teto da barraca e isso mostra que o mau agouro está andando com a gente, fiz todas as rezas, mas essa sensação não passou!

ANABELA- Suas rezas devem estar fracas ou fora de sintonia rsrs, que raio de reza é essa que só deixa você com medo? Não conversou com a vó? Eles sim tinham que ter medo, porque naquela época era na bala que se resolvia!

DALILA- Agora tem lei, e elas não podem fazer o que querem com a gente!

CARMELA- Vai se iludindo vai? Os campos de concentração são outros, mas ainda existem!

ALBA- Ei vocês, parem de discutir... eles vão deixar só duas de nós entrar para falar com os vereadores, quem vai?

TODAS AS CIGANAS- Você!!!

ALBA- Tudo bem, mas quem vai comigo?

começa uma discussão entre as ciganas

ALBA – Podem parar!!!!!!! Qual de Vocês é mais idosa e experiente?

DOLORES levanta o dedo bem devagar

DOLORES- Eu... acho que sou eu!?

ALBA- Então vamos nós e vocês ficam aqui esperando, mas não arredem o pé daqui, porque elas podem querer aprontar alguma coisa para acabar com a gente. Qualquer coisa estou com o celular. Vamos?

As duas ciganas começam a entrar no prédio e são barradas

DOLORES- Seu polícia, nós vamos conversar com os vereadores sobre como podemos sobreviver nessa pandemia, vamos precisar de ajuda, vamos precisar de alguma coisa para comer, vamos precisar de ajuda mesmo...

ALBA- Psiu... vem cá... o polícia não manda nada, precisamos falar com algum vereador... vou correr por ali e você fica aí conversando com o polícia, tá?!

sorrateiramente a ALBA sai e consegue chegar no gabinete do vereador

ALBA- O senhor me entende né, passamos por tudo isso que te contei e vamos precisar de ajuda nessa pandemia, isso não pode ser uma esmola, temos vergonha na cara, mas não vai dar não, para ficar sem nada lá nos acampamentos!

NARRADORA- O vereador ouve toda história, e resolve que se não ajudar, o acampamento todo entrará na cidade e isso será um perigo para todos, inclusive seus eleitores “cidadãos de bem”. Ele resolve que vai fazer um pronunciamento pedindo a ajuda para levar cestas básicas para o acampamento, afinal veio muita verba do Estado, e isso nem vai ser muito dispendioso. E ainda pode tirar umas fotos distribuindo as cestas para sua próxima campanha. Coisas da política!

DOLORES- Os senhores não precisam me prender não, não fiz nada... eu? Eu enrolando vocês? Imagina que eu ia fazer isso? Vocês são de respeito... ahhh... minha amiga, onde está? Não sei acho que ela ficou com medo e fugiu!!!

ALBA- Não fugi não, tô aqui soltem ela?! Vamos embora já já!

DOLORES- Quase que eu rodo né, e imagino que por nada...

ALBA- Aí que você se engana, conseguimos três meses de cestas básicas para o nosso acampamento e dos outros que estão na cidade! Sei que é pouco, mas por agora é o que temos!

DOLORES- Melhor pingar que faltar!

ALBA-Vamos embora.

Saem da Câmara de Vereadores e encontram as outras ciganas, contam tudo o que ocorreu

ANABELA- Isso é pouco né, que mixaria?!

CARMELA- Não disse que os campos de concentração são outros, bota uma comidinha no colo deles e pam... chega!

DALILA- Mas gente... olha nossa situação, não conseguimos enfrentar a polícia, precisamos de alimentação, precisamos de remédios, precisamos... precisamos... precisamos... então vamos começar pelas cestas e ver o que podemos fazer depois. Oque não dá é para ficar no meio da rua brigando entre a gente. Vamos embora!

Seguem para o acampamento

NARRADORA- Chegando no acampamento contam para todos o que aconteceu e como cada dia é um dia, resolveram provisoriamente parte do problema. Mas a história não termina aí, pois as “senhoras da sociedade”, não aceitam que parte do dinheiro dos contribuintes, seja gasto com pessoas como os ciganos e isso irá gerar um outro conflito, depois outro e mais outro...

CENA 9

amanhece na cidade e as ruas estão cobertas de cartazes

CARMELA- O que é isso? Que absurdo? Não Posso acreditar que aquelas dondocas perderam sua noite de sono para fazer um negócio desse!!!

ANABELA- Eu disse que não ia parar... eu disse!!!

DALILA- Não ia parar e nunca parou, mas estamos no nosso canto e vamos continuar por aqui, temos a promessa de chegar hoje nossas cestas básicas e pronto, acabou, vamos para nossas barracas cozinhar.

ALBA- Nos falaram que vão mandar também máscaras e álcool gel, vamos esperar.

DOLORES- Se a gente fosse que nem eles, ia rolar até um auxílio emergencial de R\$250,00 pelo banco, mas não será nosso caso.

JASMIN- Sabe o que eu acho, de verdade? Isso tudo são migalhas para calarem nossa boca, migalhas sim, só para não explodir... eu fico triste, fico brava... fico desanimada... mas quem sou eu para recusar rsrs!

ALBA- E por falar em migalhas, é isso que estão dando para o povo deles também, pelo menos a gente sabe, pior que muitos deles que acham que tem o rei na barriga e vivem disso...

CARMELA- vou arrancar todos esses cartazes, a se vou!

DALILA- Vou te ajudar.

JASMIN- Eu também.

DOLORES- Eu vou também.

saem pelas ruas próximas arrancando os cartazes e dão de cara com as três mulheres colando, entra o Músico e começa a tocar uma melodia

NARRADORA- Foi aí que tudo esquentou, as ciganas fizeram uma roda em volta das pessoas que colocavam os cartazes, era MESSIAS, KAREN e CELIA, em franca minoria, entregaram os cartazes, cola e tudo para as ciganas.

Eles saíram correndo sem olhar para trás. E as ciganas voltaram vitoriosas para o acampamento.

o Músico entra e toca uma música animada

NARRADORA- Depois do embate da manhã, a vida segue pelo acampamento, cada família em sua barraca esperando o almoço sair dentro do normal, dentro da vida cotidiana, as crianças brincando no terreiro e os homens jogando conversa fora falando do preço dos carros, das motos... O terreno está vazio, apenas uma fogueira arde, o Sol se apaga e a noite chega, um vento frio carregado de resíduos de cinzas corta a tranquilidade daquele espaço. Começa uma música ao fundo bem baixinho, vem de dentro da barraca da vó, mas depois vai aumentando...e aumentando, as mulheres começam a sair de suas barracas e quando olham a fogueira começam a dançar.

ALBA - Eu sou a outra e você quem é? (*Dança*)

ANABELA- Eu sou ancestralidade e você? (*Dança*)

CARMELA - Eu sou tradição e você? (*Dança*)

DALILA- Eu sou Família e você? (*Dança*)

JASMIN- Eu sou discriminada e você? (*Dança*)

DOLORES- Eu sou dança... corpo e alma e você? (*Dança*)

A música vai aumentando e todas as ciganas começam a dançar em volta da fogueira, a festa começa e todos do acampamento entram para dançar e cantar, entra o CORO

ALBA- (*Para de dançar e fala para ANABELA*) de verdade... acho tão lindo estar aqui sob as estrelas, olhando esse céu e sabendo que o mundo é muito maior do que as cidades que visitamos!

ANABELA- Olha eu também acho que se todas as pessoas pudessem dançar como fizemos agora, seriam mais felizes, não teriam tanta amargura...

CARMELA- Tanta força destrutiva isso sim!

DALILA- Se a vida tivesse mais liberdade e poesia, não íamos precisar brigar por cestas básicas, isso sim!

ALBA- Mas foi legal né, fazer aquele povinho sair correndo. (*risos*)

DALILA- Venha cá músico, se acheque, vem tocar uma toada para gente.

Músico se aproxima e começa a tocar

JASMIN- Já estou cansada de pegar a estrada, conheci um grupo lá no Ceará que mora em casa e tem um bairro só para eles, escrevi para uma tia de lá e acho que vou embora... ver as estrelas por lá.

Escutam um barulho forte, uma explosão e logo em seguida fogo

ALBA- peguem os baldes... tacaram fogo na barraca.... corram vamos lá... peguem água... corram

DOLORES- A Vó estava lá perto, cadê ela??? Vó... Vóóóó!!!!

JASMIN- tem uma mangueira lá perto da cozinha, corre pega, vê se tem água...

DALILA- Não tem não... tragam mais baldes...

CARMELA- Peguem as crianças e levem para trás da caixa d'água, rápido.

ANABELA- Nossa! Foi por pouco, ainda bem que conseguimos apagar, ufaaa.

ALBA- (*entra gritando*) A Vó... a vó... mataram a Vó! (*chora*)

DOLORES- Ela estava na barraca... mataram a Vó... Meu Deus, o que eles fizeram!

Entra o MÚSICO e começa a dedilhar uma música triste, enquanto as ciganas saem de cena, uma a uma

Sobre a autora: Mestre em Humanidades historiadora e pesquisadora de culturas sob o olhar da dança e educadora social e cultural. Professora, Dançarina, arte educadora, escritora, produtora cultural, fotógrafa e percussionista.

Contato: analucamargo13@gmail.com

NOSSO LOUCO AMOR

André Briesi

PERSONAGENS

ATOR 1

ATOR 2

ATRIZ 1

ATRIZ 2

AFONSO

MICHELLE

JUAREZ

FERNANDA

CENÁRIOS

QUARTO DE MICHELLE

BAR

CASA DE AFONSO

RUA DA CASA DE FERNANDA

CENA 1–

ATORES E ATRIZES ENTRAM DANDO O TEXTO EM TOM JORNALÍSTICO, UM POR VEZ MAS DE MODO QUE AO FINAL DA FALA DE UM, O OUTRO JÁ EMENDE SUA FALA.

ATOR/ATRIZ 1 – Bruno Fernandes das Dores Souza, o goleiro Bruno, condenado a 20 anos e 9 meses de prisão por ter matado Elisa Samudio e sequestrado o próprio filho, que manteve em cárcere privado em 2010. Ficou preso 8 anos e 10 meses. Em 2019 lhe foi concedida prisão domiciliar em regime semiaberto. Atualmente é contratado por um time da primeira divisão do Tocantins.

ATOR /ATRIZ 2 – Lindemberg Fernandes Alves manteve sua ex-namorada Eloá Cristina Pereira Pimentel e a amiga dela Nayara Silva em cárcere privado por mais de cem horas. Lindemberg atirou nas duas, ferindo Nayara no rosto. Eloá foi levada para o hospital, onde morreu horas depois em consequência dos dois tiros que levou. Lindemberg foi condenado a 98 anos e 10 meses de prisão, tendo posteriormente sua pena reduzida para 39 anos e três meses, Preso na penitenciária de Tremembé, sua defesa protocolou uma solicitação de remissão da pena.

ATOR / ATRIZ 1 – Em 1976 Raul Fernando do Amaral Street, conhecido nas altas rodas que frequentava, como Doca Street, matou sua namorada, a socialite Angela Diniz com quatro tiros no rosto. Inicialmente o empresário foi condenado a dois anos de detenção e conseguiu suspensão da pena. O Ministério Público recorreu e em 1981, ele foi condenado a 15 anos de prisão dos quais cumpriu três em regime fechado, dois no semiaberto e dez em liberdade condicional.

Nota do autor: serão pesquisados mais casos de feminicídio, e os crimes e sentenças vão sendo narrados pelos atores, com sobreposição de vozes e num

ritmo cada vez mais alucinante e febril até que para e uma última frase seja dita por um dos atores ou atrizes:

ATOR / ATRIZ 2 – Guilherme de Pádua foi condenado a 19 anos de prisão pelo assassinato da atriz Daniella Perez e foi solto em 1999 após cumprir um terço da pena.

CENA 2 – AFONSO E MICHELLE JÁ NOS SEUS LUGARES, ASSISTEM A CENA.

ATOR 1 – (*PARA A PLATÉIA*) – “Fiquei com vergonha de ser absolvido, não entendi. Também não entendi por que era aplaudido e por que chovia mulher. Eu saía com elas, não resistia – testosterona no máximo - , mas não entendia. Um dia, uma uma moça me perguntou: “Como eu faço para te seduzir?”. Fomos para o motel, tudo e tal, ela me disse: “Você é o Doca ou não”. Confirmei, ela me olhou decepcionada: “Você nem me bateu?”. Saiu insatisfeita. Outra vez, fui ao cinema, baita fila, o gerente me viu: “Você não precisa ficar na fila”. Eu pensava: “Será que estou ficando louco? Vou dar mais tiro por aí” (*ATOR 1 RI*)

CENA 3 – QUARTO DE MICHELLE

MICHELLE E AFONSO “GANHAM VIDA” E COMEÇAM A AÇÃO.

MICHELLE AJEITA O CABELO E RETOCA A MAQUIAGEM DIANTE DO ESPELHO. ELA USA UNIFORME DE COMISSÁRIA DE BORDO. AFONSO ESTÁ DESPOJADO. OBSERVA SENTADO EM SUA CADEIRA.

AFONSO – Nossa, você está indo trabalhar ou vai pra balada?

MICHELLE – Ih, não gostei deste tom...

AFONSO – Perguntar não ofende.

MICHELLE – Mas a insinuação atrás da pergunta é no mínimo desagradável.

AFONSO – Você tem mudado ultimamente. Antes não falava assim comigo.

MICHELLE – Antes você não implicava com minha maquiagem.

AFONSO – Me diz, quem tá implicando?

MICHELLE – Ah, amor você sempre dá um jeito de falar do que eu visto, de como me maquio. Eu sou a mesma pessoa desde que te conheci.

AFONSO (*conciliador, abraçando-a por trás e a girando de modo que os dois conversem olhando nos olhos um do outro através do espelho*) – Dois anos! Sabe por que eu implico? É porque eu te amo e quero você linda só para mim.

MICHELLE VIRA E OS DOIS FICAM FRENTE À FRENTE AGORA SIM OLHANDO-SE DIRETAMENTE NOS OLHOS

MICHELLE – E sem maquiagem eu não sou linda?

AFONSO – Muito! Muito mais linda até! Mas tá assim de caras paquerando aeromoças, eu fui um deles e te ganhei.

MICHELLE – Comissárias de bordo. E sim, tem caras paquerando a gente, mas o único que me interessou foi você, tanto que estamos aqui. E olha que eu tinha prometido a mim mesma jamais namorar pilotos.

AFONSO – Eu não conto, sou de outra companhia.

MICHELLE – Todos têm fama de garanhão.

AFONSO – Mas já lachei minha potranca.

MICHELLE – Potranca, é? Sei... E você paquera outras comissárias que eu não sou boba

AFONSO – Aeromoça, acho mais sexy... E não paquero ninguém já tenho o que eu quero.

MICHELLE – Aeromoça é cafona!

AFONSO – Por você sou cafona, mando bombom, sequestro pra jantar fora. Mas sério, acho esses uniformes que vocês usam já bem sugestivos. Precisa dessa maquiagem toda?

MICHELLE – Regras da Companhia.

AFONSO – Sai da companhia, eu ganho bem, tem as casas que minha mãe me deixou que rendem um bom dinheiro. Você não precisa trabalhar.

MICHELLE – Ah, de novo amor? A gente combinou que vai se casar, mas cada um continua mantendo seus trabalhos. Eu amo o que eu faço.

AFONSO – E se nós dois saíssemos do emprego? Temos as casas, montamos uma pousada em alguma praia paradisíaca...

MICHELLE – Não pense que a ideia não me atrai. Mas durante um tempo vamos continuar assim. Mais pra frente planejamos se vai rolar ou não sair da aviação. Gosto de ser independente.

MICHELLE SE AFASTA, PEGA SUA MALA.

MICHELLE – Vai me levar hoje ou chamo um uber?

AFONSO PEGA NOVAMENTE MICHELLE E A PRENDE EM SEUS BRAÇOS. FIRME, MAS NÃO DE UMA FORMA VIOLENTA.

AFONSO – Michelle lembra de uma coisa: Você é minha, só minha.

MICHELLE – Esse jeito de falar me assusta, Afonso.

AFONSO – Jeito de louco. Louco de amor.

MICHELLE – Vamos senão eu perco a hora.

MICHELLE SAI

TRANSIÇÃO DE CENA PARA

CENA 4 - BAR

JUAREZ E AFONSO CONVERSAM

JUAREZ – Agora ela fica me ligando, um saco isso.

AFONSO (*divertido*) – Juarez, antes ela também te ligava e você não achava ruim.

JUAREZ – Antes eu ainda estava afim. Agora to de boa.

AFONSO – Como isso! Antes você só conversava com ela pelo aplicativo, foi só ir no motel que perdeu o interesse? Foi tão ruim assim?

JUAREZ – Nada, foi ótimo. Mas não vou ficar pagando paixãozinha depois que a gente trepa. Meu, ela falou em namoro logo no primeiro dia, tá louco! Podia até comer de vez em quando, mas já vi que ia ser roubada.

AFONSO – Cara, você mandava flores pra ela antes de se encontrarem. A mina desmancha (†) Amor de aplicativo, é isso!

JUAREZ – Até parece que tu não é homem. Mulher que dá assim de primeira é chave de cadeia. Tudo vagabunda. É ou não é? A Michelle deu pra você no primeiro encontro?

AFONSO – Não, porque eu nem tentei. Rolou no segundo. E a gente tá bem, numa boa já tem dois anos. Qual a diferença de dar no primeiro ou no segundo encontro?

JUAREZ – Nenhuma. Não to falando da sua mina, mas mulher com pressa pra dar é roubada. Imagina, deve ser assim com todo mundo. Aí o panacão fica de quatro, e a princesa deita o cabelo. Repito, não estou falando da Michelle. tu pode ter dado sorte. Mas faz aí as estatísticas. A história de todo corno é parecida.

AFONSO (*incomodado com o que o amigo disse*) – Quer dizer que porque a Mi deu pra mim eu posso ser corno? É isso?

JUAREZ – Te falei duas vezes que não to falando da sua mina, toda regra tem exceção. Mas eu fico com o pé atrás. Desde quando criei pelo no saco, meu pai falou pra tomar cuidado com mulher fácil. Pra você ter uma ideia, minha mãe casou virgem.

AFONSO – E você tá procurando uma mulher para casar virgem?

JUAREZ – Claro que não. Hoje isso não existe mais. Mas não vou querer uma mina rodada não, por isso pego as mais novinhas. Mulher da minha idade, nem pensar. E se como fácil também já pego só pra trocar o óleo. Acho que nem quero mais namorar sério. A Alê foi a gota d'água. Me chifrou com o primo dela. Depois da coça que dei nela, duvido que vai vacilar de novo com o próximo.

AFONSO – Você deu foi é sorte. Tem Maria da Penha aí pra isso, malandrão. Ela não te deu queixa não?

JUAREZ – Não deu e duvido que tenha pensado nisso. Também não peguei pesado, dei nela de mão aberta. Ela não ia ter coragem de assumir numa delegacia que corneou um cara. Acho que nem pra família ela contou. E quer saber? Como a vadia até hoje. Mas namorar nem fudendo.

AFONSO – Você fala como se toda mulher fosse igual.

JUAREZ – Mas é! Abre seu olho camarada, anda na rédea curta, não mostra moleza. De vez em quando mostra os dentes pra deixar claro quem é o rei da Floresta. *(mudando de assunto)*. Cara, vamos pedir a saideira?

AFONSO – A quinta saideira, você quer dizer, né? Acho que não bro. Marquei de pegar a Michelle cedo amanhã. É raro a gente tirar folga juntos.

JUAREZ – Se liga aí, encoleirado. Só mais umas brejas. Cê volta cedo. Eu pago.

AFONSO – Bora lá então! Mas vou ficar só mais um pouco.

JUAREZ – Bora.

ENTRA ATRIZ 1 PASSANDO POR JUAREZ E AFONSO QUE DÃO AQUELA OLHADA DESCARADA. ELA PARA EM SUA MARCA

JUAREZ – Ô lá em casa!

*BLACK OUT**CENA 4 – FOCO NA ATRIZ 1*

ATRIZ 1 – “No nosso primeiro encontro ele foi encantador. Começamos a trocar mensagens. Olhando para trás, isso deveria ter sido um grande alerta vermelho. Eu recebia de 50 a 100 mensagens por dia, mensagens longas. Em determinado momento, ele me disse: “Te mandei um textão e só recebo uma frase como resposta”. Ele me buscava todos os dias no trabalho, e dizia que já tinha se apaixonado por mim no segundo almoço. Mas ele começou a beber muito e as brigas, o controle excessivo e os abusos continuaram. Ele usava tudo o que tinha descoberto sobre minha família contra mim. Disse que meu irmão era um viciado em drogas, que meu pai tinha me abandonado, que minha mãe não era boa. Falou coisas que, mais tarde, afirmou jamais ter dito. Eu dizia para mim mesma que todo casal tem discussões, que nenhum relacionamento é perfeito. Mas não é qualquer namorado que te chama de vagabunda e te manda sair de casa.”

*TODOS SAEM DE CENA**CENA 5 BAR*

NUMA MESA DE BAR FERNANDA ESPERA MICHELLE. MICHELLE NÃO ESTÁ DE UNIFORME, É UM MOMENTO DE FOLGA DELA COM A AMIGA.

MICHELLE (*chegando meio esbaforida*) Fe, amiga! Faz tempo que você chegou? Demorei porque o Afonso insistiu em me trazer e ele enrolou até onde pode. Depois, esse trânsito!

FERNANDA – Não esquentar, cheguei agora. Mas e seu carro?

MICHELLE – Então, deixei na revisão, ia vir de Uber, mas o Afonso quis me trazer. Bom, mas já cheguei! Você não pediu nada?

FERNANDA – Ah, estava dando um tempo para você chegar. Eu também não vim com o meu carro, então nós duas podemos tomar uns “bons drink” sem medo e sem culpa!

MICHELLE – Isso aí!

CHEGA O GARÇOM

GARÇOM – Boa noite. Gostariam de fazer os pedidos?

MICHELLE – Um gin tônica.

FERNANDA – Boa! Dois.

GARÇOM SAI

FERNANDA – Então menina, me conta! Vai mesmo ficar noiva? Vou perder minha companhia de happy hour?

MICHELLE – (*rindo*) Imagina, nosso happy hour é sagrado. (t) Mas é isso mesmo, vou ficar noiva, só que ainda não acertamos a data.

FERNANDA – E casar? Porque você não vai ser daquelas que ficam noivas por cinco anos, né? Ajoelhou, reza, amiga!

MICHELLE – Estamos pensando em dois anos. Para o noivado a gente faz um jantar com os mais íntimos, mas no casamento quero um festão!

FERNANDA – Na sua casa já estão sabendo?

MICHELLE – que estou pra ficar noiva sim, mas que já fiquei você é a primeira a saber.

FERNANDA – Mi, estou tão feliz por você! E o Afonso é o cara perfeito.

MICHELLE FICA LIGEIRAMENTE SEM GRAÇA.

MICHELLE – Então, sobre isso que eu queria falar com você... Tenho achado o Afonso estranho ultimamente. Ele tirou licença não remunerada da companhia, segundo ele para fazer um curso, mas não sei... ele anda pegando muito no meu pé por bobagem até com minha roupa.

FERNANDA – Ih, tá assim é? Não deixa, Mi. Hoje ele não te deixa usar uma roupa ou uma maquiagem. Amanhã controla suas saídas e depois te tira do emprego.

MICHELLE – Menina, ele já não me propôs isso? Primeiro queria que eu parasse de voar, depois veio com a ideia de ambos sairmos e montarmos uma pousada.

CHEGA O GARÇOM COM OS DRINKS

FERNANDA – Ah, mas montar pousada até que é legal.

MICHELLE – Também acho, mas o que me preocupa é que esse não é o sonho dele. Não sei, são coisas pequenas aqui e ali, mas quando monto o quadro mentalmente, fico meio apreensiva.

FERNANDA – Será que ele é um daqueles lobos em pele de cordeiro? Ele me parecia tão perfeito.

MICHELLE – Ele é perfeito, até demais. Me assustam estas pequenas mudanças na maneira de ele agir. Não parece ele. Ele nunca fala da ex-noiva, e nem me contou porque não se casaram.

FERNANDA – Ah, nessa parte não vejo problema, ex é ex, não é pra ficar falando à respeito.

MICHELLE – Não sei. Fiquei cismada, mas acho que é besteira minha. Eu sempre me auto-sabotando...

FERNANDA – Isso aí amiga! É que você deu o grande passo agora, normal ficar colocando minhocas na cabeça. Mas olha, é o homem que foge de casamento, não a mulher.

ENTRA ATOR 2 E AS DUAS NOTAM DISCRETAMENTE

FERNANDA (EM TOM BAIXO PARA A AMIGA) – Ô lá em casa.

AS DUAS RIEM

BLACK OUT

CENA 6 – FOCO NO ATOR 2

ATOR 2 – Ela também pediu. Se uma mina não quer ser azarada não sai com uma roupa daquela, Especialmente as gostosas, porque as barangas nem saindo pelada. Voltando... Só encostei e a vagabunda chamou o segurança. Claro que eu falei que foi sem querer, mas até o segurança catou a situação. Ameaçou me tirar da balada, Pedi desculpas e fui pro outro lado, Foi até melhor, peguei a mina da balada. Bem mais gostosa.

CENA 6 – MESMO CENÁRIO DA CENA 1

MICHELLE E AFONSO ENTRAM EM CENA DISCUTINDO.

MICHELLE – Não adianta Afonso, quer me impedir de ir na minha própria despedida?

AFONSO – Você pode ir, só não entendo por quê eu não posso ir com você.

MICHELLE – (*conciliadora*) Meu amor, é minha despedida da companhia, só vai ter colegas de trabalho lá, ninguém vai levar acompanhante.

AFONSO – Eu não sou acompanhante, sou teu noivo. Quase marido aliás, faltam só 15 dias. Qual o problema de eu ir?

MICHELLE – Você vai ficar deslocado e eu vou ter que escolher entre te dar atenção ou dar atenção para as pessoas que vão estar lá para se despedirem de mim. Poxa, você sai sempre com seus amigos, e eu não me oponho, pelo contrário te dou a maior força!

AFONSO – Mas quando eu saio, só vão homens. Nesta sua festinha não vai ter só mulher.

MICHELLE – E daí Afonso? Você acha que eu vou fazer algo de errado só porque você não vai estar lá? Cadê aquele cara romântico que dizia que ia sempre respeitar meu espaço? Você não queria que eu saísse da companhia? Eu não queria isso agora, mas fiz de coração pra te agradecer.

OS ATORES SAEM DE CENA.

AFONSO – Não fez pra me agradecer. Fez porque é o melhor pra gente. Vamos tocar o projeto da pousada e aí eu também deixo meu trabalho pra ficarmos mais tempos juntos. Não quero aquele monte de barbados caindo em cima de você_[GBdS3]! Parece que você gosta de ser azarada! Você provoca!

MICHELLE – Gosto de ser azarada? Cai na real Afonso! Como você está mudado! Fico pensando se não é melhor a gente adiar esse casamento.

AFONSO – Você enlouqueceu? Agora, 15 dias antes? Com convites entregues, festa, viagem, tudo acertado? Me diz, você teria coragem? Por uma... uma bosta de uma festa de despedida?

MICHELLE – Hoje é a despedida! Mas você vem agindo assim faz tempo. De uns tempos pra cá vem me controlando, cobrando satisfação de tudo... Deu pra ficar emburrado quando saímos em grupo. Meu Deus, você não era assim.

AFONSO – O Juarez te viu entrando num carro estes dias, saindo do aeroporto.

MICHELLE – Tinha que ter dedo desse Juarez na história! Eu peguei uma carona com o Nelson porque era meu rodízio. E Deus do céu, nem de mulher ele gosta. Você tem que decidir se confia ou não em mim. Melhor a gente adiar mesmo, hoje está sendo a gota d'água.

AFONSO – Para de falar besteira, ninguém vai adiar nada 15 dias antes.

MICHELLE – Casamento se desfaz até na porta da igreja.

AFONSO – Não me enfrenta assim Michelle. Você sabe que eu... Bom.

MICHELLE – Tá me ameaçando Afonso?

AFONSO – Não sou homem de ameaçar. Só estou te alertando pra não me enfrentar desse jeito. Quer saber? Vai nessa merda de despedida. Mas fica esperta na porta de entrada desse buteco fuleiro pra onde você está indo, porque eu posso muito bem dar uma incerta por lá prá mostrar que você tem dono.

MICHELLE – Dono? Você disse “dono”? Essa é nova pra mim. Se você queria estragar a minha noite, já conseguiu. Estou saindo, que já estou atrasada. Mas essa conversa ainda não acabou.

MICHELLE SAI.

CENA 5 – ENTRA JUAREZ

JUAREZ – Como assim adiou o casamento? Tá maluco, rapaz?

AFONSO – Adiou, Juarez, Faltando duas semanas pra gente casar a vaca^[GBdS4] ^[GBdS5] falou que estava se sentindo insegura. Insegura! Vai se fuder, cara... Eu amo a Michelle, amo mesmo. Viajo na gente tocando a pousada, enchendo a casa de piás... Mas se ela me aparece na frente agora, eu não respondo por mim. Nem ela nem aquela putinha da amiga dela.

JUAREZ – Como assim, se ela aparecer na sua frente? Vocês não estão se vendo?

AFONSO – Mal falando por telefone. Foda está sendo ligar pr^[AB6] a todos os convidados, dando explicação.

JUAREZ – Que explicação cara? O que tua mina fez foi canalhice... Dá um pé na bunda você mesmo. Sai por cima Afonso,

AFONSO – Como assim ‘sai por cima’? Eu amo a Michelle, amar é pouco, preciso dela pra continuar respirando. O pior é que, quanto mais vou deixando claro isso pra ela, mais ela se afasta de mim. Ela cisma que eu mudei, mas cara... Ela vai ser minha mulher, MINHA MULHER, tá entendendo? É muito louco isso, eu me mostrando mais apaixonado, ela ficando cada vez mais distante. É uma mistura de amor e ódio, que tá foda... Mas o pior tá sendo a saudade. Isso ta me matando. Outro dia segui ela. O dia todo. Ela tava de folga, e eu lá, atrás de cada passo.

JUAREZ – Caramba, velho! Você teve mesmo as manhas de fazer isso? Se ela desconfia você tá na roça.

AFONSO – Ela não desconfiou, mas eu contei. Liguei pra ela e contei cada passo que segui dela. Até o almoço com aquele viadinho amigo dela que não me desce.

JUAREZ – E ela?

AFONSO – Ficou puta...

JUAREZ – Foda foi ela ter descoberto que você seguia ela. Vacilou...

AFONSO – Ela me disse que eu estou doente, preciso de terapia... Isso é coisa daquela vagabundinha da Fernanda, amiga dela.

JUAREZ – Sei quem é. Gostosinha.

AFONSO – Uma cretina. Sempre que a Mi sai com ela, volta arredia, diferente. Tenho certeza de é ela que fica colocando essas coisas cabeça dela. Bicho, a Michelle tá muito mudada. Acho que tem outro na parada. Vou descobrir quem é e mato os dois.

JUAREZ – (*conciliador*) Não fala besteira, estraga sua vida. Falo com o Ubaldo a gente deita porrada nele. Mas toma cuidado com este lance de seguir a mina.

AFONSO – Sigo! Sigo mesmo. E te falo, se pegar alguma coisa acabo com a raça dela.

BLACK OUT- SAEM OS DOIS

CENA 6 – RUA DE FERNANDA

FERNANDA ENTRANDO EM CENA DA OUTRA COXIA AFONSO SAI DA PENUMBRA E A INTERPELA, COMO SE JÁ A ESTIVESSE SEGUINDO.

FERNANDA – Que susto, Afonso. Aconteceu alguma coisa?

AFONSO – Sim e não.

FERNANDA – O que houve?

AFONSO – Você e a Michelle estão almoçando todo dia juntas.

FERNANDA – E...?

AFONSO – Eu quero saber o que vocês andam conversando.

FERNANDA – Não seria melhor perguntar para ela?

AFONSO – Não quero que ela saiba que estou perguntando, conto com a sua discrição.

FERNANDA – Você pirou Afonso? O noivo da minha melhor amiga aparece do nada na frente da minha casa pra perguntar o que eu falo com ela? Vocês não combinaram de se dar um tempo? Acha que sou leva e traz?

AFONSO – Ela quer um tempo, não eu. Hoje era para a gente estar em Paris em lua de mel. Ao invés disso, ela foi jantar com você e outro cara junto. (*mostrando o celular*) Pode me dizer quem é este imbecil?

FERNANDA – Eu não estou acreditando que você continua seguindo a Michelle, mesmo depois da dura que ela te deu.

AFONSO – Não estava mais... mas hoje resolvi dar uma conferida, faz dois dias que eu não tenho notícia dela. (*t*) Tenta entender, não posso perder a Michelle, não posso. Ela é a mulher da minha vida. Quem é esse cara Fê?

FERNANDA – (*penalisada*) É um amigo meu, fui eu que convidei. Ele é casado, mora nos Estados Unidos e está esta semana no Brasil. Pode ficar Tranquilo Afonso. A Michelle não está vendo ninguém, ela não terminou, pediu um tempo, tá confusa... Eu vou te contar o que ela fala de você. Fala que te ama, que você é o amor da vida dela, mas foi só marcar a data do casamento e você começou a mudar o comportamento. Esse seu ciúme não é normal, Afonso. Por que você não procura um profi...

AFONSO – (*interrompendo*) Não vem você também com esta história de terapia. Que saco! Não tem nada de anormal no meu ciúme! Qualquer cara que a noiva tivesse pedido um tempo quinze dias antes iria surtar. Eu segurei firme, mas agora faz dois dias, DOIS DIAS, que a Michelle não dá sinal de vida.

FERNANDA – Você pegou pesado seguindo ela... Natural ela estar chateada.

AFONSO – O que vocês duas tanto conversam todo dia? Que tipo de conselhos você dá para ela?

FERNANDA – Isso é sentimento de posse, não é legal. A Mi tem falado com você todo dia também. Ela precisa deste tempo afastada.

AFONSO – (*sério*) Tempo? O tempo pra mim já deu, já acabou. To começando a entender a Michelle... Você tá fazendo a cabeça dela! Claro! (*tentando imitar Fernanda com deboche, vai se irritando aos poucos*) Ele é “macho tóxico, Mi”. “Pede um tempo Mi”. Você que anda fazendo a cabeça dela!

FERNANDA – Não pira, Afonso! A Michelle não precisa de ninguém pra ver que você está mudado, transtornado. Quando ela souber que me procurou...

AFONSO (*interrompendo*) – Claro que você vai correndo contar, assim que eu virar as costas.

FERNANDA – Ela é minha melhor amiga, não tenho segredos com ela.

AFONSO – (*muda o tom*) Fernanda, eu não quero te pedir para ser desleal com sua amiga. Mas se você contar que eu vim aqui, vai mais atrapalhar do que ajudar. As coisas já não estão legais entre eu e a Michelle, E eu não vou aceitar perder minha mulher. Por favor, guarda este segredo.

FERNANDA – Tá certo, Afonso. Eu não vou contar para ela, mas tem uma condição que é ao mesmo tempo um conselho: para de seguir a Michelle. Ela disse que precisava de alguns dias, então dá este espaço para ela. Me promete?

AFONSO – (*resignado, quase humilde*) – Tá bom, Fernanda. Eu prometo.

FERNANDA SEGUE EM FRENTE. – Vou subindo “que” não dá pra dar mole na rua até esta hora. Esse bairro anda muito perigoso. Cadê seu carro?

AFONSO – Deixei na rua de trás, sei lá, a Michelle podia aparecer junto com você, aí ia ser foda explicar.

FERNANDA (*com pena*) – Se cuida.

BLACK OUT

CENA 7 – MESMO ATOR DA CENA 2

ATOR 1 (*fragilizado*) – Você nunca vai entender. Nas últimas noites eu não dormia, e você não atendia mais o telefone, pra mim foi impossível entender, não tinha explicação. Você me amava tanto, dizia que seria só minha, e de repente

tava lá sem mim, encontrando suas amigas pra sair, usando aquela sua roupa que eu odiava. Fiquei feliz quando vi que você não tinha mudado o miolo da chave. (†) Mas foi uma felicidade amarga, eu não tava raciocinando direito. Na minha cabeça não cabia a ideia de viver sem você. Eu queria conversar. Você não deu chance, pegou o telefone pra chamar a polícia, eu não queria te machucar meu amor. Nunca, nunca, nunca. Um homem não deve bater numa mulher, mas porra, você tava me tratando como um animal, ia pedir que te defendessem de mim. Eu não tinha planejado nada daquilo, achei que vendo que eu estava com a faca, você ia ceder, como nas primeiras brigas... A gente se amava depois de discutir, lembra? Fazíamos as pazes na cama, fizemos isso tantas vezes. Agora no frio desta cela, neste vale sombrio em que me jogaram depois de encontrarem você... Eu sei que você também sentia frio, mas porra, você não me deu outra saída. Você é tudo o que eu preciso. Eu te amo, mas pra te libertar eu tive que tirar sua vida. Eu sei que não tá certo, tanta gente me dizendo pra te esquecer, eu mesmo tentando te esquecer, mas cada mulher que se aproximava de mim, era como se fosse um aviso de que você poderia estar fazendo isso com outros caras. Aí eu enlouquecia, mas as vadias sempre gostavam da minha brutalidade. Lógico que eu tomava cuidado pra não machucar de verdade, mas minha vontade quando eu via aqueles pescocinhos na minha mão, era de não parar mais até que a puta parasse de se mexer. Um dia uma delas desmaiou e demorou para voltar. Foi aí que eu percebi... ela lá quietinha, só pra mim, fez eu me lembrar do nosso começo, quando éramos só eu e você. Lembra? Foi nesse dia que eu comecei a pensar que isso era uma possibilidade. Às vezes o amor se realiza só depois da morte.

CENA 8

EM CENA JUAREZ, AFONSO E MICHELLE, ESTA ÚLTIMA ESTENDIDA NO CHÃO.

JUAREZ – Cara, a gente tem que sumir com esse corpo. Daqui a pouco começa a feder...

AFONSO – Não, eu prometi pra ela que nunca a abandonaria. Lá na idícula tem um freezer, a gente tira as cervejas de lá e colocamos a Michelle.

JUAREZ (TENSO) – Você só pode estar louco. Me liga dizendo que a Michelle tá passando mal, venho aqui pra tua casa feito um foguete, e encontro esta “sangueira” toda e a mina morta... agora, ao invés de dar um sumiço neste corpo todo fudido, cheio de sangue, você quer por a mina num freezer? Você tá mesmo doente. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

AFONSO (*calmo*) – Você tá certo. Me ajuda a carregar a Mi para o banheiro da hidro. Vou dar um banho nela antes de colocar no freezer. Você espera do lado de fora, que não quero deixar ela pelada na sua frente. Agora ela é só minha. (*olha para o amigo quase feliz*) Não podia ser sempre assim? Olha ela dormindo. Ela tava de olho aberto, mas um pouco antes de você chegar eu fechei. Cara, eu sou a última coisa que ela viu antes de fechar os olhos, entende? Minha vida e a dela são uma só.

JUAREZ – Quer saber, se vira. Eu vou embora daqui e vou torcer pra ninguém ter me visto entrar e ninguém me veja sair.

JUAREZ SAI. AFONSO TIRA A CAMISA E COMEÇA A LIMPAR O SANGUE DE MICHELLE.

AFONSO – Deixa ele Michelle. Eu te carrego pra hidro. Vai ficar linda e cheirosa, ainda tenho as suas espumas de banho, as que você gosta, lembra? Depois levo você pra edícula vou montar nosso quarto lá! Agora você é só minha. (*Afonso beija longamente a boca de Michelle*). Agora você é só minha.

BLACK OUT

CENA 9

DEPOIMENTO DE FERNANDA E JUAREZ FOCO DE LUZ EM QUEM ESTÁ COM A PALAVRA.

FERNANDA – Ela tava sim conhecendo um cara, o Rômulo. Mas ela já tinha terminado de vez fazia dois meses. (*tempo*) Sabia sim, o Afonso encontrou os dois num barzinho (*tempo*) Não, até onde eu sei, o Afonso não deu mais sinal de vida depois desse dia. A Michelle até pensou um tempo que ele tava seguindo ela, mas depois desencanou, porque ele sumiu mesmo. Ela nem quis ir pegar nada do que ficou na casa dele, porque já sabia que ele estava desorientado, que este silêncio dele não tava normal.

JUAREZ – Essa menina, a Michelle. Nunca confiei nela. Saímos algumas vezes, os três, eu não curtia muito porque não gosto de segurar vela. Mas nos papos eu sentia, ela tinha outra vibe. Ela olhava pros caras com o namorado do lado. Falava que não queria casar, fala muito em liberdade. Pra mim isso era desculpa, porque ela saía com outros caras. Eu entendo de mulher, e essa não me entrava.

FERNANDA – Bater, ele nunca bateu, pelo menos ela nunca falou. Mas era cheio de falar “mulher não pode isso, mulher não pode aquilo”. Eu sempre retrucava, ele devia me odiar por conta disso. (*tempo*) Tratava bem a Michelle sim, cobria ela de presentes caros, mas saindo com os dois dava pra ver que ele a intimidava. Ela não ficava natural na frente dele. Ela me dizia que sempre que iam a algum lugar, sei lá, um restaurante ele acabava brigando com ela, porque ele dizia que ela paquerava outros caras. Ele não batia nela, mas dava pra ver que ela tinha medo dele. Depois de um tempo, foi parando de sair comigo para almoçar, ela disse a uma amiga nossa que ele não gostava de mim, por isso passou a me evitar. Era outra Michelle, a amiga que eu conheci não tava mais ali.

CENA 10

MICHELLE – Afonso, devolve, por favor. Você está me enrolando há meses.

AFONSO – Você é quem tá me evitando há meses. Desde que coheceu esse imbecil do seu novo namorado. Falei que só entregaria pessoalmente.

MICHELLE – Ele não é meu namorado e se fosse, o que é que tem? A gente já estava separado quando eu conheci o Rômulo. Agora devolve, por favor?

AFONSO – E se eu não quiser devolver este anel? Se eu quiser guardar de lembrança?

MICHELLE – Se fosse só um anel eu juro que deixava com você, só pra não ter que vir até aqui. Mas era da minha mãe, e meu pai está super chateado porque pensa que eu perdi. Falou que vinha aqui pegar e eu não deixem agora pos na cabeça que eu inventei que estava com você.

AFONSO – Só devolvo com uma condição: uma última vez, de despedida.

MICHELLE – Você pirou, tá usando droga? Tá me chamando de puta?

AFONSO – Antes você gostava quando eu te pegava forte e te chamava de puta.

MICHELLE – Você me dá nojo. Devolve, e eu vou embora. Tô disposta a dar queixa na polícia se você não devolver este anel.

AFONSO – Não estou me recusando a devolver (*mostra o anel*) Já te falei. É teu se você me der o que eu quero.

MICHELLE – Vou embora, vou dar queixa na polícia.

AFONSO – Depois de tudo que você me fez, do trabalho que tive pra te convencer a vir aqui... Você não vai embora assim.

MICHELLE VAI SAIR, AFONSO CORRE ATÉ ELA E A SEGURA.

AFONSO – Calma amor! Fica aqui, vamos resolver isso...

MICHELLE – Me solta, me deixa sair daqui.

AFONSO TENTA BEIJÁ-LA A FORÇA, MICHELLE LHE DÁ UMA JOELHADA NOS TESTÍCULOS E CORRE PARA A PORTA.

MICHELLE (*tentando abrir a porta*) – Cade a chave Afonso? Me deixa sair daqui. (*grita*) Socorro!

AFONSO – Pode gritar, você sabe muito bem como aqui é isolado. Vem meu amor, nossa última vez, depois te devolvo o anel e você vai embora.

MICHELLE – Com você nunca mais. Você é um nojento, asqueroso...

AFONSO – Não fala assim meu amor. Eu sou todo amor para você (*vai caminhando na direção de Michelle*) Só eu sei te dar o que você gosta. Você já me disse isso. (*abre a gaveta e pega um revólver*) Não me obrigue a fazer o que não quero.

MICHELLE – (*tentando tomar o controle da situação*) Vai me matar? Então mata! Não tenho mais medo de você. Já tive muito, mas não tenho mais. Me deixa sair daqui.

AFONSO – Para de me provocar, você não vai conseguir nada de bom com isso. E minha paciência está acabando. Se não quer por bem, vai por mal. Duvido que esse viadinho do Rômulo te satisfaça como eu.

MICHELLE – Não seja ridículo! Ele é muito mais homem do que você, ele..

AFONSO DISPARA A ARMA. BLACK OUT OUVEM-SE MAIS TRÊS TIROS. LUC VOLTA NO CORPO DE MICHELLE. AFONSO CORRE ATÉ O CORPO, MICHELLE ESTÁ DE OLHOS ABERTOS.

AFONSO – Desculpa, meu amor, desculpa! Você não me deu opção. Eu te amo, não me olha assim... (*Afonso fecha os olhos de Michelle delicadamente*). Dorme, meu anjo, dorme... O Juarez... vou chamar o Juarez pra me ajudar com você...

AFONSO PEGA O CELULAR E FAZ UMA LIGAÇÃO.

AFONSO – Alô? Juarez? Cara, preciso de uma ajuda sua...Comigo sim, mas a Michelle tá passando mal, será que você pode vir aqui em casa dar uma força?

BLACK OUT

MICHELLE EM PÉ PARA A PLATEIA

MICHELLE - O feminicídio é o ato de matar a mulher simplesmente pelo fato de ela ser mulher. Não adianta colocar o feminicídio como um crime comum porque não é. Namorados, maridos, amantes abusadores são potenciais feminicidas, eles vão matando a mulher aos poucos, matando sua autoestima, sua alegria de viver. Matar o que há de bom em alguém é condená-lo a uma morte em vida. E finalmente há os que lhe arrancam a vida com brutalidade. Eu não falei dos meus sonhos que não vou realizar aos 40 anos, porque estarei eternamente presa aos meus 28. Não falei dos filhos que queria ter, porque o homem que um dia considerei ser pai deles me arrancou a fertilidade. A fertilidade, sonho, a esperança, o convívio dos que amo. Arrancou meu próprio amor. Estou condenada a ser uma lembrança distante, uma foto que se amarela com o tempo, uma árvore que não deu frutos. Virei uma estatística. Estou junto com Marias, Ângelas, Eloás, Daniellas. Aqueles que me amaram em vida postaram no Instagram uma foto que eternizou um momento feliz. Outros disseram que não vão me esquecer. Mas o que eu virei mesmo, foi um número.

Sobre o autor: André Briesi é autor roteirista, ator. Pós graduado em roteiro para cinema e televisão.

MEU BRASIL, BRASILEIRO

Davi Bosio

Cena: Fala Brasil.

Fundo preto, esfumaçado. Um sofá, sentado nele uma jornalista, mulher e negra, ela veste um vestido preto, elegante, está segurando um celular e gravando uma entrevista numa sala vip de algum aeroporto. Sentado a sua frente está um homem branco, de olhos claros, estatura média com uma faixa de presidente. Ao seu lado pode-se ver um fuzil, no canto oposto do palco existe um homem e militar, negro de estatura média, veste um uniforme totalmente militar, calças e camiseta militar, coturno nos pés e nas mãos um fuzil.

MITO: *(tomando um drink, fumando um cigarro e olhos bem avermelhados, dando gargalhadas)* Onde já se viu, mulher presidenta. Mulher presidente, mulher, mulher, sei lá o que é o certo, como se fala essa a-ber-ra-ção, mas mulher no meu cargo, no meu cargo, meu. Só podia ser coisa da esquerda, isso é ideologia de gênero...

JORNALISTA: *(levanta o olhar, espantada)*. Como?

OFF NARRADOR LULA: Nunca antes na história desse país, houve uma presidenta.

MILITAR: *(virado de frente, voz viril, olha para jornalista na sequência responde)*: No Brasil não existe machismo.

MITO: Daqui a pouco vão colocar um gay, um fru-fru, bichinha, menininha, falando assim ó *(faz ato de desmunhecar com a mão)*, tenho que tomar cuidado com o que eu falo né, *(gargalhada)* a imprensa é comunista, adora viado, essas desgraças ai, que nojo, tá na moda né, eu sei, tudo vagabundo...

OFF NARRADOR TEMER: Tem que manter isso aí, viu?

MITO: *(gargalhada e olhar para jornalista)* Ou a senhora vai querer me convencer que um quilombola tem que ser presidente? *(gargalhada)*. Pra que serve isso? Come e dorme né *(sorri)*? É só comer e dormir, com 1 arrouba de peso *(gargalhada)*. Só Deus me tira dessa cadeira!

OFF NARRADOR DILMA: Olha, veja bem. Não é 30%, é 30% de 25%, dessa forma não é 30%. É 30% dos 25%, que dá mais ou menos 14%, 14 dos 30%. Se

é 14% dos 30%, ou dos 25%, não é isso que vocês estão falando, está errada (*pausa*) não são 30%.

MILITAR? (*Olha para o mito, olha para a jornalista, está nervoso sem saber o que responder*) No Brasil, no Brasil...

MITO: No Brasil o que soldado? Responde soldado, vamos soldado (*gritando*).

MILITAR: Não existe racismo, nunca existiu, não tem isso. É isso nunca houve, nunca teve e nem vai ter. Desculpa, escapou! (*olha pra baixo e faz xixi nas calças, percebe*).

JORNALISTA: Claro, nunca houve. Mas presidente, vamos mudar de assunto. O público feminino que votou no senhor, gostaria muito de entender suas propostas para as a ala...

MITO: (*interrompe*) Público feminista?

JORNALISTA: Não, público femini (*interrompida*)

MITO: Público feminista, do feminismo. E eu, eu sou presidente e não tenho tempo de falar com essa gente, eu preciso ir que eu vou andar de jetski com meus apoiadores no Guarujá, opa, Guarujá, não. Isso não, não pode, não é certo, não talquei. Nunca gostei de trípex, nem de lá, eu vou é pra praia grande...

Jornalista e mito saem de cena. Fumaça volta a deixar o palco encoberto. Barulho de avião. Campanha de avião. No palco aeromoça e o comandante.

Cena: Que comecem os jogos.

OFF NARRADOR DILMA: Boa noite senhoras e senhores, sejam bem vindos verdade, se forem capazes de aguentar desfrutem do voo. Em caso de emergência, máscaras cairão do compartimento acima, primeiro coloque a sua, porque pode ser difícil e você pode não conseguir, e se você não conseguir colocar a sua, não vai conseguir colocar na criança, e isso pode ficar difícil, bem difícil na verdade, porque se uma morre de falta de ar, a outra morre e nem uma nem a outra, vai conseguir ajudar, e se não conseguir ajudar, como vai fazer pra criança respirar? E a criança precisa respirar, se ela não respirar... *(cara de dúvida)* Então, você primeiro pega e coloca a sua... *(barulho de campainha)*. Mas eu ainda não terminei!

OFF NARRADOR LULA: Até porque, se não fosse por mim, vocês nunca antes na história desse país *(ênfase)* teria entrado nesse avião, porque “eles” não queriam pobre em aeroporto não. Se as máscara cai, vocês põem primeiro nas crianças, depois em você mesmo companheiros, é simples, é a esperança da máscara vencendo o medo.

OFF NARRADOR TEMER: E tem que manter isso aí viu, presidente? Os assentos da aeronave são flutuantes, se os donos do açougue, aqueles famosos da boi alguma coisa, se eles falarem coisa errada, o senhor pode por o colete e sair flutuando com segurança, o mar é seguro, seguro como as instituições do país.

NARRADOR MITO: E tem mais, não sou coveiro, não é interesse do nosso governo esse avião cair, esse avião caindo vai ter fome, vai ter muita morte, a economia não pode parar com avião no ar ou caindo, tá certo? A questão é, se esse avião cair a culpa é minha? É minha? Eu estou dirigindo isso aqui a 2 anos ou é da esquerda que tá ai a 20 anos, do Lula e da ideologia de voo?

AEROMOÇA: *(aguardando narradores terminarem, ouve atentamente)*. Boa noite Senhoras e senhores, muito bem vindos ao Voo 157, da Jabuticaba Airlines. Estamos muito, muito, contentes em tê-los conosco, porque sabemos que ir a ao teatro assistir qualquer coisa no Brasil, é muito raro, raríssimo, portanto, você é um caso raro ou talvez não. Talvez que você queira

impressionar sua namorada ou deve estar tentando ser cult, elaborado, moderninho, descolado e também...

COMANDANTE: Hei, calminha, acalmou? Podemos continuar? Foco no texto.

AEROMOÇA: Sim, sim, desculpe! Estamos muito, muito contente em tê-los conosco. Em breve será iniciado o nosso serviço de bordo. Solicitamos que nesse momento afivalem os cintos, respirem fundo e muita fé. Em caso de enjoos ou indisposição estomacal, utilizem os saquinhos localizados no compartimento a sua frente. A previsão do voo é de 1 hora de 15 minutos. Nas telas do assento localizado a sua frente será apresentado um pequeno, como posso dizer? Ah sim, um breve documentário sobre nossa amada e querida terra do cruzeiro, essa é uma cortesia da nossa companhia, desfrutem desse lindo documentário que se inicia agora. Obrigado por escolher a Jabuticaba Airlines.

Fumaça volta a deixar o palco encoberto, aeromoça e comandante saem de cena. Barulho de trovões, chuva, tudo está um pouco escuro e nota-se Aparecido, apresentador do documentário, está numa tribo de índios, parece estar procurando algo, está ensopado e confuso. Silêncio.

CACIQUE KASHIBOM: *(sentado no chão, um banquinho e um copo).*

APARECIDO: *(se olham).*

CACIQUE KASHIBOM: Que, que é inferno?

APARECIDO: Quem é você?

CACIQUE KASHIBOM: Não tá vendo meu crachá, não? *(mostra crachá)* sou Cacique, Kachimbom. E você?

APARECIDO: Mas você não parece um índio.

CACIQUE KASHIBOM: Ai meu Jesus, que eu foi meu filho? Você quer que eu coloque uma tanga, pinto a cara e começo a fazer bu bu bu bu bu bu bu com a boca, é isso? Quer me dominar, me enganar o que é que você quer?

APARECIDO: Bem, o Índio me desculpe é que eu tô meio perdido, meio sem saber o que tá acontecendo, estou tentando gravar o meu documentário (pega o microfone). Então vamos começar a conhecer *(interrompido)*.

CACIQUE KASHIBOM: E quem é você?

APARECIDO: Sou Aparecido, eu estou mostrando a beleza verde e amarela, país lindo e cheio de alegrias! Povo lindo, belezas naturais, acolhimento.

CACIQUE KASHIBOM: Hum, Aparecido de onde?

APARECIDO: Sopa.

CACIQUE KASHIBOM: Não, obrigado.

APARECIDO: Sopa, minha terra em Minas Gerais, cidade pequenininha se chama Sopa.

CACIQUE KASHIBOM: Homem branco tá de piadinha com a cara do Índio né? Índio é de Rolândia.

APARECIDO: Ham?

CACIQUE KASHIBOM: Homem branco gostou da minha cidade? É no Paraná, Rolândia. Minha sugestão é que na volta, homem branco passa em Ponta Grossa, vale a pena o homem branco conhecer.

APARECIDO: Índio pode me respeitar?

CACIQUE KASHIBOM: Ah, você que começou essa palhaçada. Me deixa vai!! Coisa chata, homem sem noção. *(Começa a bolar um cigarro)* Me dá uma licença aqui? *(acende um cigarro)*.

APARECIDO: Que isso, vai me dizer que índio fuma essas coisas?

CACIQUE KASHIBOM: *(dá uma tragada e olha Aparecido)*.

OFF NARRADOR MITO: Fuma, fuma e fuma com dinheiro público. Depois, morre, porque está sem ar e a Globo vai falar que foi Covid, Corona Vírus que a culpa é do Pazzuelo, da falta respirador, dos funcionários do meu filho 01, do vídeo game do 04, do Sales, de todo mundo...

CACIQUE KASHIBOM: O meu querido, Índio fuma erva, bebe, transa, índio é gente, eu hem. Quer o que? Me mostrar o espelho, pra eu ver meu reflexo e pimpum, homem branco chegou é?

APARECIDO: Compreendo, é que eu achava...

NARRADOR DIRETOR: Corta, Aparecido isso não é o foco né. Vamos voltar ao documentário.

Blackout e forte barulho de bomba.

OFF NARRADOR LULA: Alô, Dilma? Você ouviu isso, eu estou assustado companheira.

OFF NARRADORA DILMA: Efeito especial Lula, fica tranquilo, querem te assustar.

OFF NARRADOR LULA: Entendi, tchau querida.

Entram no palco diversos índios sorrindo e felizes, olhando para espelhos e observando seu reflexo, o som. Eles rodeiam o Cacique e o Aparecido. Som de tiros e todos vão se transformando em índios ensanguentados e acorrentados, alguns caem e morrem. Silêncio e os índios vão sofrendo saindo do palco lentamente.

CACIQUE KASHIBOM: *(ator sai do personagem e apenas lê)* O Brasil é responsável pelo maior massacre contra os índios da história da Humanidade. De mais de quatro milhões de índios, hoje, são pouco mais de 400 mil e seguem sendo massacrados das mais variadas formas. *(sai)*.

APARECIDO: Meu Deus do céu o que eu faço? Eu tô perdido? Diretor? Não estou te ouvindo, diretor?

OFF NARRADOR TEMER: Tem que seguir com isso aí.

CENA: CPF Cancelado

Os personagens estão no meio da rua, parados em frente a um semáforo.

APARECIDO: *(olha pra cima)* Deus tá com uma voz meio estranha né, meio macabra, não sei. Como vim parar aqui, é cromakey?

JOÃO CLARINHO *(entra assoviando)*

APARECIDO: Oi?

JOÃO CLARINHO: *(assustado)* Oi.

APARECIDO: Que foi?

JOÃO CLARINHO: Eu que te pergunto, o que foi? Sou ladrão não.

APARECIDO: Qual seu nome? Pode falar um pouco conosco. Diretor, me trás um microfone?

DIRETOR: Folgado e lerdo *(se direciona a plateia)*. Aqui *(entrega o microfone)*.

APARECIDO: Ah sim *(pega o microfone)*. Então...

JOÃO CLARINHO: O senhor, eu sou João, sou ladrão não senhor.

APARECIDO: Mas eu não disse que você é...

JOÃO CLARINHO: Eu sei senhor, eu estava só andando, só caminhando eu juro, eu tava voltando da casa do meu amigo Ricardo, eu estava estudando com ele, eu ganhei bolsa de estudo na escola dele, mas eu não fiz nada, eu juro senhor, pelo amor de Deus quero ir pra casa, por favor...

APARECIDO: Eu entendi sua situação, calma. Diretor, que horas são? Tô meio perdido, é pra eu continuar andando, vocês estão fazendo takes da cidade? Como que é diretor?

JOÃO CLARINHO: Não senhor, não faz nada não. Tá tarde senhor, eu sou burro senhor, eu sei senhor, me desculpa senhor, eu não devia tá andando aqui essa hora, eu não ia roubar nada, eu não ia fazer nada senhor, me libera pra ir embora senhor, minha mãe deve tá preocupada, te peço perdão eu não quis assustar ninguém não...

APARECIDO: Gente do céu que está acontecendo, vamos falar sobre bares? O que você recomenda aqui na terra da garoa? Me conta sobre a vida noturna daqui?

JOÃO CLARINHO: O senhor não é Polícia?

APARECIDO: Não, eu sou o Aparecido, de Sopa.

JOÃO CLARINHO: Não obrigado.

APARECIDO: Não, eu quis dizer que sou de Sopa, Minas Gerais.

JOÃO CLARINHO: Bela gracinha, mas fora de hora? Eu aqui voltando pra casa com medo...

APARECIDO: Medo do que?

JOÃO CLARINHO: Medo, medo, medo, eu desse jeito, aqui na Faria Lima, aqui não é lugar de preto. Se me pegam...

APARECIDO: Eu não compreendo, eu não tô te entendendo...

DERCY GONÇALVEZ: Porra de homem burro do caralho, corno.

APARECIDO: Calma, você é a Der..?

DERCY GONÇALVEZ: (*interrompe*) Calma na Puta que te pariu. Dá, dá, dá vontade de matar um bicho desse. Ele tá falando do preto favelado, preto, preto estar andando aqui burro, as 22h30 da noite! Preto não pode andar porra, você mora em que lugar?

APARECIDO: Mas eu não sei, direito, eu não sei.

DERCY GONÇALVEZ: Não sabe porque além de branco é burro porra. Até eu em outro plano sei que preto tem medo de pega um ônibus, de caminhar, de sair sem se arrumar, ir no mercado, (pausa) de ir pra puta que pariu se ia ter medo.

JOÃO CLARINHO: Calma Dercy, não tem problema eu...

DERCY GONÇALVEZ: Você é na casa do caralho, não é sobre você não, é sobre essa lei paralela, é sobre o genocídio. É sobre... ah eu vou sentar no banco que tô cansada nessa porra (*se senta*).

JOÃO CLARINHO: (*apressado*) Gente, o papo tá bom, muito bom, gostoso, divertido, a conversa tá melhor ainda, mas sabe como é né, eu vou indo... Tá na minha hora Dercy, vou indo, grande prazer em trombar vossa senhoria, é que essa hora não é hora de tá na rua, porque...

Barulho de sirene de polícia. Ao ouvir a sirene João Clarinho se joga deitado no chão. Dois policiais estão um chutando a perna e um aplica um mata leão nele, ele bate a mão no chão e diz que está sem ar.

POLICIAL: Frescura, meliante vagabundo.

JOÃO CLARINHO: *(tenta falar mesmo sem ar)* Não senhor, eu só estava voltando pra casa...

POLICIAL 2: Mentira vagabundo, perdeu, perdeu.

JOÃO CLARINHO: Senhor eu estou sem ar *(bate a mão no chão em desespero)*.

POLICIAL: Não finge não, vagabundo, lugar de vagabundo é no CDP, filho da puta, macaco do caralho.

JOÃO CLARINHO: *(vai perdendo ar)* Eu não consigo respirar.

POLICIAL: Hahaha tá sem ar vagabundo, tá fazendo o que por aqui?

JOÃO CLARINHO: Eu não sou... *(perdendo ainda mais o ar)*

APARECIDO: Hei, seu policial, estamos no ar, podemos conversar?

POLICIAL: Imprensa fala com o delegado. Vagabundo tá ficando roxo... não tem conversa com isso não, olha esse cabelo?

APARECIDO: Mas ele não é vagabundo, como eu disse, estamos gravando, o rapaz estava voltando da casa do amigo, estudavam...

POLICIAL 2: *(gargalhada)* Estudando o crime na Faria Lima né, vagabundo deve ser do Capão redondo, Itaquera, Heliópolis, deve ser de Sapopemba, sei lá do quinto dos infernos. Morre filho da puta.

APARECIDO: Anda, vamos parar a brincadeira, solta ele por favor...

POLICIAL 2: *(ainda rindo)*.

JOÃO CLARINHO: *(suspira e fecha os olhos)*

POLICIAL: Leva o vagabundo...

POLICIAL 2: *(arrasta o Joao Clarinho para fora do palco)*.

OFF NARRADOR MITO: CPF Cancelado ta okay? Tá com dó, leva ele pra casa, direitos humanos pra humanos. *(gargalhada)*.

OFF NARRADOR DILMA: Mas gente pra que isso? *Era só um menino. (emocionada)*

OFF NARRADOR LULA: Dilma, eu tô pensando em começar a campanha em SP, na periferia, porque você sabe eu me preocupo com eles. Hei moça, trás uma caninha aqui?

DERCY GONÇALVES: *(ator/atriz tira a peruca e sai do personagem)* Nessa porra de país, como diria nossa amada Dercy, de cada dez mortes que envolvem a policia, oito são negros, oitenta por cento dos mortos são negros e vivem na periferia. Não é verdade presidente, são quase 6 mil CPFs cancelados por ano, presidente filho da puta. *(Silencio, olha a plateia e sai).*

Fumaça volta a deixar o palco encoberto. Campanha de avião. Nesse momento os presidentes aparecem numa fileira tripla do avião.

AEROMOÇA: *(em pé se dirige a plateia)* Senhoras e senhores, a coisa não está fácil, eu acho que o nosso documentário está um pouco problemático né, vamos relaxar? Vamos iniciar o nosso serviço de bordo. Nossos comissários de bordo estão à disposição dos senhores em caso de algum pedido especial.

LULA: Dilma, pega um copinho a mais pra mim companheira.

DILMA: *(se vira para pegar o copinho)* Tó aqui Lula, cadê meu lanchinho que estava aqui?

LULA: Eu não vi companheira, eu não sei, esse lanche nunca esteve sob minha tutela, é um lanche seu, portanto não é meu, se estivesse no meu nome ele seria meu.

NARRADORA DILMA: Lula, eu quero saber do meu lanche. Se estamos aqui e ele sumiu eu vou chamar a PF, cadê o superintendente geral da Policia Federal, não quero papinho, dois minutos aqui na minha cadeira.

LULA: Calma companheira, você não é mais a general do Brasil, quer dizer presidenta.

AEROMOÇA: *(em pé se dirige a plateia)* Vou providenciar um outro lanche para a presidenta, eu não vi, o lanche não está no nome de ninguém, então nem sei se o lanche era da senhora mesmo, né presidenta? O presidente Lula disse que ele não viu.

LULA: Oi querida, eu não vi esse lanchinho, eu não sei onde ele estava, não fui eu que mexi companheira aeromoça.

DILMA: Mas tava na sua mão. Eu quero imagens de segurança, esse avião não tem um responsável pela segurança? Chame imediatamente.

MITO: Hahaha bobeeou presidenta, dançou né. Liso!!! Se quiser eu chamo o Moro e ele resolve isso.

OFF NARRADOR TEMER: Tem que evitar isso aí.

AEROMOÇA: Senhoras e senhores, nossa tela voltará a exibir esse... esse, enfim, seguimos transmitindo. Divirtam-se *(sai)*.

Nesse momento o palco é dividido em dois, de um lado ficam os presidentes assistindo e pode-se ver uma luz indicando que a cena está no vídeo, o documentário volta a ser apresentado.

APARECIDO: Diretor eu não sei o que está acontecendo aqui, eu estou sem retorno do ponto, dá pra me ajudar?

DIRETOR: Merchan.

APARECIDO: Que?

DIRETOR: Merchan, merchan *(grita)*. Chama o merchan!

APARECIDO: Vamos abrir espaço para nossos anunciantes...

DORIA: Boa noite, eu sou a favor da ciência e da vida. Viva o Butantã!! *(de calça muita apertada e camisa da bandeira do estado de São Paulo, uma vara de pescar com a faixa presidencial pode ser vista e ele está ao lado de um carrinho de criança, escrito acelera, a vara vai andando com a faixa presidencial saindo de um lado para outro)*.

APARECIDO: Meu pai amado, ah meu Deus, que é isso...

DORIA: Nada. *(olha fixamente para a faixa senta no carrinho)*. Vamos acelera!!!! *(A faixa anda para o lado oposto, ele sai de carrinho atrás da faixa. No carrinho do Doria, pode ser visto um banner com a fala Butantã: De São Paulo para o Brasil)*.

APARECIDO: Rapidinho o calça apertadinha né, nem vi ele passando, acelerou mesmo, tô achando tudo muito acelerado nesse troço aqui né. Pelo menos não teve fumaça agora, eu já tava ficando com a rinite atacada de tanta fumaça,

briga, confusão, treta, aceleração, morte, índio, danças, cantando, cantarolando, deixa a vida me levar, lelele vida leva ai.

CENA: O tal do sexo frágil.

DIRETOR: Atenção no ponto.

APARECIDO: (*susto*) Ok. Agora tô gostando...

Música começa a tocar paródia de Tico Tico no fubá de Carmem Miranda, garçons entram dançando e montando mesas com cadeiras o que parece ser um bar. Garçons fazem uma performance de dança junto a cantora que parece ser um cover de Carmem Miranda. Música é interrompida, cantora sai do palco e pode-se notar um garçom. Cenário de mesa de bar e duas cadeiras.

APARECIDO: (*pega o microfone*) Que alegria, já já vamos tentar falar com a Carmem, maravilhosa, me parece que estamos no Rio de Janeiro, sinto cheiro do mar. Vamos gravar na praia, diretor? Diretor? A Carmem vai entrar no ar ou não? Eu tô sem retorno, sem retorno, de novo!

MICHELLY: Nossa Bia, você está linda!

BIA: Ah menina, fiz um botox, estava me sentindo meio velha, meio desarrumada, sei lá, a auto estima estava baixa

MICHELLY: Imagina, você tá maravilhosa. Como é que foi a entrevista com o governador? Você tem o perfil que ele vai amar, Não é mesmo (*se dirige a plateia*)?

BIA: Ah, ele me chamou para ser sub secretária, disse que para a secretaria eu não tenho perfil desejado?

MICHELLY: Oi? Não entendi, como não tem perfil?

BIA: Ah, tinha um cara lá, que tinha boas qualificações.

MICHELLY: Mais qualificada que você? Duvido!

BIA: Mas era mais jovem, homem, intelectualizado, homem, ele tinha uma oralidade boa, era homem, tinha experiência internacional, era homem, ele tinha

carta de recomendação e você sabe, era alfa, homem, macho, másculo, homem, masculino, homem, masculinizado, do verbo testosterona.

MICHELLY: Mas ele não comentou sobre seu MBA? Não disse nada?

BIA: Falou sobre muitas e muitas coisas.

MICHELLY: Coisas?

BIA: Sim, entre todas as coisas, entre todo meu curriculum algo que acabou elegantemente, se destacando e criando uma proximidade profissional, foi ela.

MICHELLY: Ela quem menina?

BIA: A saia, preta, basiquinha, estava na altura do joelho, local perfeito, palavras dele.

MICHELLY: Saia?

BIA: Sim, sim, prosseguiu: belas pernas, envergadura pernal poética, potencializada por uma meia discreta, singela, mais poderosa, provocante disse ele.

MICHELLY? Provocante? E sobre seu inglês, francês, alemão e espanhol?

BIA: Sim, foi muito dócil. Disse que o que mais se destaca é minha oralidade, disse que adoraria conhecer a oralidade mais próxima, que chegou a se lembrar de alguns filmes franceses do século passado com minha oralidade. Elogiou o que ele chamou de conjunto oral de primeira. Boca, belos lábios, disse que mexo os lábios e dou não só pronuncia, como verdade, quase uma fluência nativa.

MICHELLY: Meu Deus! E do seu trabalho social e de alfabetização na aldeia dos Pirahã, da Amazonia?

BIA: Sim, mostrou-se interessado!!!

MICHELLY: Ah, o que ele comentou? Muita bagagem, imagino que tenham surgido diversas perguntas sobre método, sobre abordagem, sobre como respeitar a cultura milenar indígena e conseguir implementar a alfabetização que é uma demanda da própria tribo.

BIA: Sim, métodos, muitos métodos. Ele se interessou basicamente sobre a cultura relacionada aos trajes. Perguntou se eu andava com aquelas tanguinhas e com a, abre aspas, comissão de frente de fora, de frente pra avenida, disse

que nos desfiles do Anhembi adora ver o índio, sempre olha forte a comissão de frente, que é a parte que ele mais gosta do desfile carnavalesco.

APARECIDO: Olha, desculpa eu me intrometer, isso não está certo não, o que é isso? Você não pode aceitar isso calada, você tem seus direitos.

MICHELLY: Ah Bia, carnavalesco? Mas e seu concorrente, tinha experiência.

BIA: Sim, ele tinha sim. Era homem, másculo, masculinizado,, constava virilidade no seu CV, sabe né, macho alfa nasceu de pipi, belo par de calças, um varão (se *direccionando a plateia*). Mas vamos deixar disso né, e você como foi lá no resort, primeiro dia deve ter sido maravilhoso, fiquei tão feliz, sei que você queria muito essa vaga, afinal você se esforçou tanto naquele curso de hotelaria. Como foi me conta.

MICHELLY: Amiga, foi bom. Vamos se adaptando né.

BIA: Mas me conta o que disseram quando você chegou? Café de boas vindas?

MICHELLY: A perguntaram um monte de coisa né, porque o processo seletivo foi virtual, eles ficaram curiosos...

BIA: E qual foi a primeira pergunta que seus colegas fizeram quando você entrou pro saguão?

MICHELLY: É Michelly ou Maicol?

MITO: É menino ou menina? (*gargalhada*). Aberração.

DILMA: Se nem presidenta mulher tinha sossego.

OFF NARRADOR TEMER: É o que eu digo, por isso precisou mudar isso aí, né Dilma?

DILMA: (balança a cabeça).

BIA: Ok, Segunda pergunta?

MICHELLY: Cortou a jiboia ou ela tá amarrada atrás?

BIA: Ah amiga, tá vamos pular essa, a terceira coisa que te falaram?

MICHELLY: Pago a faculdade como, fazia programa? Que rua? Se for de São Paulo era Indianópolis ou na boa e velha Augusta.

BIA: Ah amiga, não liga, você foi derrubando todos os obstáculos, aqui é só mais um de tantos. Fica firme.

MICHELLY: Ah Bia, você sabe como é isso, você é minha amiga a anos. No começo tentavam me matar, depois queria raspar meu cabelo, fazer eu virar homem, vira macho viadão, honra o que tem no meio das suas pernas, vou te dar uns tapão pra você deixa de ser viado safado. Agora é só um desaforinho ou outro miga, isso é o de menos.

APARECIDO: Olha isso não está certo não, o que é isso? Você não pode aceitar isso calada, você tem seus direitos.

BIA: Amore, você errou o texto ou a fala é duplicada mesmo? Devagarzinho ele né *(risos)*.

APARECIDO: Eu tô confuso, acho que vou encerrar o programa. Eu não to dando conta! Não, é que eu acho que... *(mão no ouvido)*. Não entendi diretor. Ah meninas só um minuto, vamos girar para nossos comerciais. É rapidinho nos já voltamos.

Fumaça entra no palco. Três atores no Brasil cantam.

Visite, Visite, Visite o Brasil.

Terra bonita, abençoada, terra de praia e amor a mil.

Visite, Visite, Visite o Brasil.

Braços abertos, tem segurança, aqui é pátria,

Aqui tem canto, aqui tem tudo vezes mil.

Tem mulher bonita? Tem!

Tem prostituta? Tem!

Tem tudo isso por um preço que lhe faz bem.

Tem dançarinas? Tem!

Pornografia? Tem!

Tem tudo isso, baratinho menos que 100.

Entra uma modelo de trajes de banho com uma placa: Visite o Brasil.

MITO: Tem tudo isso e muito mais. Visite nossa pátria, visite o Brasil. País Cristão, de homens bons, aqui tem tudo vezes mil. (*sorri*).

DILMA: Um lenço para você Lula, babão.

LULA: Companheira, não estou babando. Achei o comercial muito, muito, muito, rico, companheira, rico, mas não de dinheiro, rico de riqueza, riqueza plena, exuberância...

APARECIDO: Estamos de volta, depois dessa parada rápida, agora vamos falar sobre...

BIA: (toma o microfone da mão do Aparecido) Não, você me dá um minutinho aqui, pede para o seu diretor ok? (atriz retira um item do seu figurino e sai do seu papel) A cada oito horas uma mulher é morta no Brasil, quinto país que mais mata mulheres no mundo. 90% dos casos o assassino é seu companheiro, o marido, pai dos seus filhos, o homem que ela mais confia. Visite o Brasil!

MICHELLY: O Brasil é o país numero 01 do mundo que mais mata lésbicas, assassina gays, bissexuais, dilacera transgêneros, transexuais, travestis. Não existe política pública de inclusão, as leis existem mais não funcionam. Matam, de todas formas, matam por matar, pelo prazer de matar. Visite o Brasil!

LULA: Nunca antes na história desse país... ops esqueci.

DILMA: Nunca antes teve uma presidenta né Lula, nem terminar conseguiu né Lula. Porque Temer? Por que será que uma mulher no poder é general, é mandona, se gritar ela é dura, ela não pode se impor? Responde Temer.

OFF NARRADOR TEMER: Não sei de nada presidenta.

DILMA: Fora Temer.

OFF NARRADOR TEMER: Eu absolutamente apoiei a presidenta. Sempre, incondicionalmente, mas, sabe como é...

BOLSONARO: Por isso tô aqui né Temer, faço das suas as minhas palavras: Tem que manter isso ai. País de maricas. é, e realmente, como é que contrata mulher? Mulher engravida, mulher tem filho, mulher falta pra cuidar de filho, tem TPM, fora que mulher não sabe pensar sem homem te ajudando ué, isso não é o presidente que fala, isso é a verdade, eu não tenho nada a ver com isso. Mas todo mundo falha né, depois de 4 filhos homens eu fraquejei e veio uma mulher, tá okay. (*gargalhada*). Mas amamos o Brasil, visitem o Brasil!

CENA: O dia do juízo chega a todos.

Sirene de avião. Gritos, desespero de todos, muito barulho.

AEROMOÇA: Senhoras e senhores coloquem os cintos, as máscaras, ajuda ali a senhorinha (*aponta*). Hei presidente, coloque a máscara e fique calmo, está tudo sobre controle.

Os presidentes se agacham todos juntos.

LULA: Vai-lha me Deus, nosso senhor o que tá acontecendo. Perdoa senhor nossas falhas. Companheiro Deus eu falhei, mas falhei pouco.

DILMA: Ah, mas é claro que voar com o Temer ia dar em queda, eu queria armazenar ar, por quê? Porque nessa hora eu teria ar, porque sem ar fica difícil. Se fica difícil sem ar, isso acontece porque o pulmão puxa, puxa, e não sai.

TEMER: (*vestido com uma capa de vampiro*) Me chamam de vampiro, mas Deus eu sou do seu lado, me ajuda, eu peço perdão, eu não quis dar o golpe na Dilma. Foi o Cunha, safado, ele que quis, eu não quis. Tem que considerar isso aí senhor.

BOLSONARO: Eu vou pro céu, eu vou pro céu. Foi o 02, Flávio ele que fez rachadinha Deus, não fui eu. Foi o 02, o 03 também, Deus me perdoa, cobra o Flavio ele que quis fazer. O Eduardo também, eu disse que só Deus me tira da cadeira, mas era uma piada. Eu saio, eu renuncio, pra que levar as coisas a ferro e fogo né, talkay, vou renunciar. Eu juro, eu juro.

Blackout e barulho de explosão, ouve-se ambulâncias e áudio de rádio dando notas explicando sobre a queda de um avião com uma ala presencial. Na sequencial se ouve uma música angelical.

ANJO MIGUEL: Senhor, senhor, eles chegaram ó poderoso. Pedi para que eles entrassem e viessem a seu encontro pai.

JESUS: Anjo Miguel, bondoso filho, faça-os entrar.

ANJO MIGUEL CRUEL: Hei, vai começar a festinha de vermelho (risos). Hoje a chapa vai esquentar, o fogo vai subir, a cobra vai fumar, o bicho vai pegar, até o Diabo vai dançar.

DIABO: (bocejando) Quem me chama? Por mil caveiras malignas, isso é hora de me acordar Miguel Cruel. Não tem nada de mais útil no inferno pra você olhar não? Arrancar a unha de um homicida, por fogo no cabelo de alguma suicida, esquentar a temperatura do inferno, qualquer coisa, será que não se tem nada?

ANJO MIGUEL CRUEL: Mestre, veja só.

DIABO: A que devo a honra do todo poderoso Jesus, hoje é dia de todos os santos? Só pode ser, ó menino bondoso, sentiu saudades?

JESUS: Não me venha com gracinhas do mal, Diabo. O caso é brasileiro.

DIABO: Ué, mas eu nunca disse que sou brasileiro. Até onde eu sei, Deus é brasileiro, portanto, se vire com o seu papi!

LULA: Companheiro Jesus, me dá licença aqui.

JESUS: Oi Luís.

DILMA: Deus do céu Lula, eu não acredito que aquele avião caiu.

BOLSONARO: Minha bandeira nunca foi, não é e nunca será vermelha. Deus misericórdia!

ANJO GABRIEL: Amados irmãos.

LULA: Me chame de presidente companheiro.

ANJO GABRIEL: Lula aqui somos todos irmãos. O que é da terra ficou na terra.

DILMA: Calma Lula, calma! O diabo está aqui.

DIABO: Me chamou? Belo par de pernas, adoro seus terninhos vermelhos.

DILMA: Não, confundi, adorei sua capa vermelha, me lembra tanto...

ANJO GABRIEL CRUEL: Já chega presidenta. Oh meu Deus, queridíssimo, amadíssimo, riquíssimo, belíssimo, grandíssimo, maravilhosíssimo....

JESUS: Basta!!! Gabriel Cruel, diga o que quer meu filho.

DIABO: Seu não, meu filho, esse eu não te dou, nem empresto, se me permite posso repassar os casos dos três presidentes para vossa decisão. Sejam breves, porque nem no inferno se acorda essa hora.

JESUS: São 11 da manhã.

DIABO: Pois é, foi o que eu disse, estive até as 6 da manhã bebendo, digo infernizando, digo trabalhando. Isso é uma falta de respeito comigo, onde já se viu. Fique você sabendo Jesus que só não vou ligar agora para seu pai e protocolar uma reclamação, porque aquele atendimento do ramal 4, na central do Nosso senhor está um verdadeiro inferno. Aliás, demora tanto, irrita tanto, toca tanta musiquinha do mal, que eu deveria cobrar patente.

ANJO GABRIEL: Bom, amados irmãos, vejam que temos uma porta da direita e da esquerda.

Porta da direita tem uma placa escrito inferno e da esquerda céu.

BOLSONARO: Quero a da direita.

ANJO GABRIEL: Veja que trouxe Jesus para que perguntem, para que entendam e para que saibam que, seja lá o que for, será para sua evolução, espiritualização, desapego da carne, do poder. Alguém quer perguntar algo?

LULA: Eu companheiro Gabriel, o Temer, cadê ele, vai me dizer que até nisso ele se deu bem? Não é possível.

ANJO GABRIEL CRUEL: (gargalhada) Temer, esse eu consegui que entrasse na porta do inferno direto, não tem papo. Esse é dos nossos, aliás, vocês são dos nossos.

JESUS: Amados irmãos, gostaria de rapidamente ouvi-los, digam...

BOLSONARO: Jesus, te servi tanto, a porta do céu está na esquerda, você poderia mudar por favor, eu não consigo entrar na esquerda.

JESUS: Mas isso é irrelevante aqui amado Jair.

LULA: Jesus, não entendi porque aquele ali (*aponta para o diabo*) veste vermelho? Isso é coisa do Bonner ou da Globo.

JESUS: Luís Inácio, isso também é irrelevante.

DILMA: Pai, eu tenho um pedido. Fui mulher, fizeram piadas de falas minhas que se transformaram em verdade, me ridicularizaram por eu ser mulher, se Lula gritasse era porque ele era um líder, eu uma general. Sofri, fui humilhada e sofri um golpe de estado. Mas não cedi aos desejos dos políticos de má índole.

ANJO GABRIEL CRUEL: Protesto Jesus, digamos que a serva do Lula está forçando um pouco a barra.

JESUS: Aceito protesto, mas muito do que ela disse é verdade Cruel, eu sei o que ela errou e o que ela passou.

ANJO GABRIEL: Senhor, tenha piedade, ela sofreu influência de muitas partes negativas. Dilma sofreu assédio, preconceito, foi torturada, sofreu com choques e até com animais nas suas genitálias, virou piada, sofreu campanha de ridicularização de todos os lados. Errou, mas muito mais acertou e quando errou, foi fortemente induzida. Peço que ela tenha uma segunda chance.

DIABO: (começa a rodar seu rabo e grita) Nada disso! Imagine que ela vai ter uma segunda chance Jesus, isso é um absurdo. Milhões morreram de fome, pessoas em leitos de hospitais, aposentados ganhando 2 sacos de arroz, meio quilo de fubá. (Se dirigindo a plateia) Nem uma Itaipava, Krill, samba, Asmtel nunca né, nem em natal. Quando muito era um samba e o Faustão de domingo. Vida desgraçada!!!! Exijo a Dilma e já quero indicá-la líder do sub solo 4, vai coordenar alguns ditadores, de esquerda já que ela se identifica.

JESUS: Os representantes se aproximem. *Anjo Gabriel e Anjo Gabriel Cruel se aproximam. Conversam rapidamente.*

DIABO: E então?

ANJO GABRIEL CRUEL: Fiz o melhor que pude. Dilma vai reencarnar em uma família de classe média baixa americana. Vai levar uma vida sem destaque, sem poder, uma vidinha de bosta, perdão! Uma vida difícil, vai perder o pai e a mãe cedo, vai se esforçar muito, mas será refém do estado, vai aprender que não existe mérito, que o estado arranca a esperança das pessoas. Vai sentir que poderia ter feito diferente e vai pagar a conta que tem com Deus. Vai fracassar, estou certo disso, mais cedo ou mais tarde volta para os nossos braços.

JESUS: Filha, vai com Deus. Boa sorte, faça o seu melhor. Que meu pai há acompanhe.

Uma mulher entra e troca a placa de inferno para reencarnação. Anjo Gabriel Acompanha Dilma até essa porta, ela sai feliz com a oportunidade.

DIABO: Sem mais delongas exijo o encerramento dessa peça. Quero os dois comigo, imediatamente. Ora Jesus, um fingiu que servia os pobres e serviu o Itaú, amou tanto o poder que permitiu a chegada do seu amiguinho de verde e amarelo ao poder, sabia que seria uma desgraça. Não se importou com os pobres, não fez 5% do que deveria ter feito para transformar o Brasil em um país mais justo, um país de prosperidade. Para falar a verdade Jesus, eu tenho medo de colocar esses dois juntos e tentarem tomar o inferno das minhas mãos. Eles são meus, minha propriedade, já posso levá-los?

ANJO GABRIEL CRUEL: Senhor, não há discussão. Foram 500 mil mortes, dinheiro, poder, crueldade, falta de empatia, falsidade ideológica, corrupção ativa e passiva, peculato, crime de quadrilha, assassinato, obtenção de vantagem ilícita, crime contra honra, desordem, barbárie, crime de feitiçaria, encantamento de serpentes, tem a parte do Covid, Petróleo, bom não preciso explicar tudo né? Eu peço a pena máxima. Por favor assine senhor. *(Leva até Jesus o papel)*.

JESUS: Eu sinto muito, mas está difícil, não sei como posso ajuda-los?

LULA: Não assina companheiro Jesus.

BOLSONARO: É fake News dele Jesus!

Os dois se abraçam.

ANJO GABRIEL: Senhor. Eu peço sua misericórdia. Eu proponho que eles também reencarnem, como irmãos, siameses, que tenham uma vida de provação e que fiquem unidos do primeiro ao último dia, reservo a eles uma missão de paz, de congregação de valores, que tenham provas continuamente, uma vida sem dinheiro, simples, mas que tenham direito a essa chance pai.

LULA: *(cochichando)* Não sei se quero isso. Companheiro Jairzinho, venha comigo, vamos para a porta, dessa vez você vem na porta da esquerda.

BOLSONARO: Eu nunca nem te odiei muito, taokay? Vamos.

LULA: Vamos para a porta. *(eles se encaminham para a porta da reencarnação)*.

Obrigado Jesus, obrigado por essa segunda chance.

DIABO: Eu protesto.

JESUS: Mas Diabo dê a eles uma chance, se eu estiver certo eles voltam regenerados. Se você estiver certo, eles ficarão séculos com você.

DIABO: Não *(grito)*. Isso não é justo e Deus é justo!! *(Todos olham pra cima)*

OFF NARRADOR DEUS: Jesus, meu filho.

LULA: Abre essa porta Bolsonaro, antes que eu te empurre para a porta do inferno. Nunca antes na história do juízo houve uma chance dessa, anda logo!!!

BOLSONARO: Isso tá emperrado, tá emperrado, isso não abre, de jeito nenhum. Jesus me ajuda *(tentam abrir a porta)*.

JESUS: Sim pai, estou a ouvidos.

Cena congela. Uma atriz entra no palco e troca novamente a placa de reencarnação para inferno. Ela olha tudo e ri, balança a cabeça e sai. Cena é descongelada.

OFF NARRADOR DEUS: Filho, tem uns aí, que nem eu consigo dar jeito. Precisam passar férias no lado quente filho...

BOLSONARO *(grita feliz)* Consegui, tá aberto, vem Lula, vem corre, não espera mais nada, vamos nessa! Tchau diabo, bobão!

LULA: Vamos embora!!! *(olha para Jesus)* Tchau querido.

Fim, luzes apagam.

Sobre o autor: Davi Bosio é paulista, nascido em São Caetano do Sul. Formado em Comunicação Social e Publicidade e Propaganda foi picado pelo mosquitinho da arte, arte essa que transforma sua vida e desmistifica todos os seus paradigmas e vira do avesso todas as suas convicções. Formando no curso de artes cênicas, sempre apaixonado por leituras diversas e em alguns momentos aventurado a escrever poesias e pensamentos sobre esse insano mundo.

ENREDANDO ALICE

Elena Lagroteria

CENA 1

A peça começa com uma mulher no palco, limpando um balcão como quem cuida de um restaurante. Outra personagem sai da coxia com um binóculo, como quem espia alguém.

ALICE: Ok, antes da gente começar eu gostaria de dizer que sou uma pessoa muito rancorosa, desde criança. Pode parecer papo furado, mas essa é minha verdadeira motivação para estar fazendo isso... então, sem julgamentos, ok? Tô espionando minha “amiga”. Eu sei que parece ruim, mas a gente combinou sem julgamentos... Além do mais, não é muito diferente do que vocês estão fazendo agora. Sim, todos vocês aqui da plateia vieram aqui pra futricar a minha vida, eu até estou falando com vocês diretamente numa intenção de 'quebrar a quarta parede', mas adivinha só? Não existe quarta parede no teatro, nós, personagens e plateia, dividimos as mesmas paredes. Então, acho que vocês não estão em posição de me julgar. Enfim... Estou espionando ela porque estou bolando um plano como vingança... Ela sabe muito bem que está ficando com um cara comprometido, então talvez seja bom que ela aprenda uma lição, não é? Meu plano é mais ou menos assim...

A mulher sobe no palco.

ALICE: Contra regra, por favor.

Entre alguém todo vestido de preto, empurrando uma lousa de rodas, com fotos e coisas escritas.

ALICE: Essa daqui sou eu, Alice, prazer. Esse é meu namorado, Rafael, nós estamos juntos há 2 anos. E essa aqui atrás da lousa é a Julia, que está dando em cima do meu namorado. Como eu sei disso? Essa garota sumiu do mapa, nunca mais saiu com nossos amigos, mas vive postando nas redes sociais que tá saindo com alguém... Além disso, eu também fuzei no celular do meu namorado. Como é aquele ditado?... “Fé nas malucas”, né? Uma mulher precisa apelar em situações de emergência. Então, o plano é: Hoje vim aqui porque pedi um lanche, um combo individual, e vim buscar, para ela pensar que não tô mais

com o Rafael, porque nós sempre pedimos um combo de casal. Vou chamar ela para ir no bar com nossos amigos amanhã, ela vai pensar que tudo bem ir, já que “não tô mais com o Rafael”, então ele não vai estar lá, certo? Só que ele vai sim e quando ele estiver lá, vou constranger ela na frente de todos nossos amigos, dizendo que ela é uma talarica e uma sem vergonha. Simples, né? Bom, então vamos começar... Contra regra, pode levar a lousa!

O contra regra entra e leva a lousa embora. Alice vai até Julia.

ALICE: Oi, Ju! Há quanto tempo!

JULIA: Alice! Que alegria te ver... Eu tava morrendo de saudade! Você veio buscar algum pedido?

ALICE: Sim, vim retirar. Que saudade!

JULIA: Quando vi o nome no pedido desconfiei que era você. Você pediu um... Combo individual?

ALICE: Uhum, isso mesmo... Você tá meio sumida, né?

JULIA: Sim. Tô meio ocupada com o restaurante, mas eu tava pensando em você ontem, sabia? Quase te mandei mensagem...

ALICE: Entendi. Escuta, amanhã a galera vai se reunir lá no bar, por que você não vai também?

JULIA: Não sei se vou poder, tenho que ver se consigo uma folga aqui e tudo mais...

ALICE: Tá todo mundo morrendo de saudade de você. Por favor!

JULIA: Você jura, amiga? Vou dar um jeito de ir sim. Você ainda tá trampando naquela empresa de RH?

ALICE: Sim. Não tenho muita novidade pra contar. Você já se formou?

JULIA: Ainda não, mas tô quase lá. Falta dois semestres só, ainda bem.

ALICE: Ah, que legal! Você tá namorando?

JULIA: Não, e você? Ainda tá com aquele cara?

ALICE: É complicado. Ele... Ele não vai amanhã.

JULIA: Ah, aconteceu alguma coisa? Vocês terminaram?

ALICE: Bom, eu te conto tudo se você for no bar com a gente, amiga. Tchau, até amanhã!

JULIA: Até...

CENA 2

Alice entra. Alguns amigos já estão na mesa de bar, incluindo Carol, sua melhor amiga, que está no celular, sem prestar atenção na conversa.

Alice (falando para o público): Essa aqui é minha amiga Carol, ela tão inteligente quanto uma porta, e só vive no celular, então ela quase nunca fala algo que faz sentido, por isso, ela é perfeita para meu plano... *(Alice, sussurrando para Carol):* Amiga, escuta... Eu preciso de um favor seu.

CAROL: Uhum...

ALICE: Sabe o meu plano? De chamar a Julia pra vir aqui hoje? Então, funcionou! Ela vem.

CAROL: Que legal...

Alice: Agora preciso que você me ajude. Depois que ela chegar, quero que você solte alguma indireta pra alfinetar ela, sabe? Porque se eu começar o assunto a acusando, pode ser que eu fique parecendo meio paranoica; mas se você mostrar que também sabe, as pessoas vão parar pra ouvir a briga. Entendeu? Mas espera o Rafael chegar, também, para ele ouvir tudo.

CAROL: Uhum...

ALICE: Fala que ela é uma talarica, não sei, uma fura olho, pensa em alguma coisa- Xiiiiiu... Ela chegou, amiga...

Julia entra, senta-se na mesa junto com os amigos, que a cumprimentam, abraçam, etc.

ALICE: Julia! Você veio mesmo...

JULIA: Sim, dei um jeito de sair mais cedo do trampo. Oi, Carol.

CAROL: Uhum...

Elas começam a conversar na mesa. Rafael chega, senta na mesa com os amigos. Alice dá uma cotovelada na Carol.

Alice (*sussurrando para Carol*): Fala agora.

CAROL: Então, Julia, você tem orgulho disso que você tá fazendo?

Julia: Do restaurante? Não sei, acho meu trabalho legal sim...

Carol: Não isso! Essa outra coisa que você é... Qual é o nome?

Julia: Outra coisa? Como assim?

Alice: Carol? Lembra do que a gente tava falando?

Carol: Como é o nome daquele negócio, gente? Você é fura bolo.

Julia: Hein? Mas eu trabalho com lanche, a gente não vende bolo não.

Carol: Você não entendeu! Não é isso... Como é que fala, Alice? Aquela palavra lá...

Alice: Eu acho que ela tá querendo perguntar alguma coisa para você...

Carol: Perguntar? Achei que fosse para falar só...

Alice: Não é isso... É que a gente tava conversando antes de você chegar... O que você faria se, por um acaso, alguma garota estivesse dando em cima do seu namorado?

Julia (*ri*): Olha, acho meio difícil isso acontecer comigo...

Alice (*nervosa*): É, eu tenho certeza que sim, né? Já que você é a garota que dá em cima do namorado das outras, né? E ainda vem aqui e age igual uma cínica!

Carol: É! Cínica! Espera... Não era essa a palavra...

Alice: Você pensa que pode me enganar? E ainda vir aqui dar risada da minha cara?

Julia: Você tá falando comigo? Amiga, acho que você tá confundindo as pessoas...

Rafael: Do que você tá falando, Alice?

Alice (*furiosa*): Eu tô falando que essa garota nunca mais aparece nos nossos rolês no bar, mas fica mandando mensagem para o meu namorado! Eu vi! Eu vi no celular dele! Até o amigo dele me confirmou: Você não para de correr atrás dele. Eu fiz questão de falar tudo isso pessoalmente, na frente dos nossos amigos, para eles verem a pessoa que você é. Mas não sabia que você seria capaz de negar tudo e ainda se fazer de sonsa!

Julia: Do que você tá falando? Eu nunca falei com seu namorado na minha vida, Alice!

Rafael: Tá ficando doida, Alice? Eu vou embora. Depois a gente conversa.

Rafael sai.

Alice: Rafael, espera...

Julia: Quer saber? Tô indo também. Não vim aqui para ser feita de palhaça.

(Julia sai).

Alice: Pode ir! Você já estragou tudo mesmo, sua talarica!

Carol: Isso! Era essa a palavra! Talarica.

CENA 3

Alice vai até a casa de Rafael. Quem a recebe é um amigo dele.

CROSSFITEIRO: Parece que você caiu igual um patinho no nosso plano...

ALICE: Que susto! Quem é você?

CROSSFITEIRO: Você não me conhece, Alice, mas eu sei quem você é.

ALICE: Você me conhece de onde??

CROSSFITEIRO: Um dia você vai entender porque eu fiz o que eu fiz, Alice... Um dia... *(Longa pausa.)* E esse dia no caso é hoje, por questões narrativas né, além do orçamento curto da peça, não dá pra prolongar muito...

ALICE: Fala logo! Quem é você? E o que você está fazendo aqui?

CROSSFITEIRO: Eu vi o showzinho de mulher de TPM que você deu no bar ontem, hahaha. Mal sabia você que fez exatamente o que eu planejei que você fizesse! Todo esse lance do Rafael estar te traindo com essa sua amiguinha? Era tudo mentira!

ALICE: Como assim? Mas eu os vi conversando...

CROSSFITEIRO: Isso daí era tudo falso, eu mandei as mensagens para ele com uma conta falsa, porque sabia que você fuçaria no celular dele!

ALICE: Mas por que você faria isso?

CROSSFITEIRO: Você ainda não entendeu? Desde que o Rafael começou a namorar com você, ele anda sumido de tudo, meu! Não queria ir no bar com os brothers dele, nem no futebol ele ia! Você fez ele desaparecer, com esse seu papinho de mulher! Então, eu sabia que não bastava apenas dizer para ele que esse namoro tava atrapalhando nossa amizade... Não, era preciso mostrar que você é uma surtada! Igual as outras mulheres!

ALICE: Eu confiei em você! Como você pôde? A gente poderia ter conversado sobre tudo isso...

CROSSFITEIRO: E negociar o Rafael com você? Nunca... Você iria ficar com os melhores horários dele...

ALICE: O Rafael sabe disso? Assim que ele souber, ele vai voltar comigo! Eu tenho certeza!

CROSSFITEIRO: Não tenha tanta certeza, Alice... Ele sabe de tudo!

Rafael entra.

ALICE: Rafael? Você sabia esse tempo todo?

RAFAEL: Não... Ele me contou assim que eu saí do bar. Ainda não consigo acreditar no showzinho que você fez... Achei que você fosse diferente das outras garotas, Alice.

ALICE: E eu sou! Mas... As mensagens pareciam tão reais, eu tinha que lutar por você, Rafael!

RAFAEL: Você me envergonhou, cara. Ainda bem que eu já tenho experiência com ex-namoradas malucas, senão eu teria... Não sei, teria surtado naquele bar, meu.

ALICE: Ex-namorada? Mas você não ouviu? Ele armou para mim! Você vai ficar do lado desse mentiroso?

RAFAEL: Mas foi por um bom motivo! Ele tem toda a razão, esse nosso lance só me afastou dos meus brothers... Eu não tava pensando direito... Eu já não ia no *fut*, não fumava mais um *nargas* com eles, esse cara fofinho que fica em casa na sexta-feira à noite não sou eu.

ALICE: Eu ainda não entendi, não pode ser só isso...

CROSSFITEIRO: Que chatice, vou desenhar para ver se você entende! Contrarregra.

Entra a lousa. Crossfiteiro começa a desenhar, igual estava o plano da Alice, mas na versão dele.

CROSSFITEIRO: Esse foi o plano que eu bolei. A razão de tudo é porque você é chata demais, tudo é motivo para ciúmes.

ALICE: Mas ter ciúmes é completamente normal! Hoje em dia não dá para confiar em mais ninguém, principalmente em quem se diz sua “amiga”...

CROSSFITEIRO: Você não entendeu... Tudo bem você odiar as outras mulheres, mas você tava se tornando controladora demais, não tem homem que aguente isso.

ALICE: Mas o que eu deveria ter feito, então?

CROSSFITEIRO: Fechado mais a boca! Todo mundo sabe que quem manda na relação é o homem, você não tinha que ficar opinando sobre a vida do Rafael o dia todo. (*Falando com o público*): Não é não, galera?

ALICE: Mas... Mas isso é machismo, esse negócio do homem mandar na mulher é coisa do século passado.

CROSSFITEIRO: Olha, Alice, eu saberia o que é machismo. Eu tenho amigas mulheres, ok? Sou feminista... Ou melhor, feministo.

ALICE: Como eu sou machista? Eu sou mulher! Não acredito que um homem tá tentando me explicar o que é machismo ou não.

CROSSFITEIRO: E outra, se tem alguém machista aqui, é você, depois de ter humilhado sua amiga no bar na frente de todo mundo.

ALICE: Eu posso ter sido um pouco escrota sim, mas... Eu acho...

CROSSFITEIRO: Quer saber? Gostei desse negócio de lousa, tudo bem se eu pegar essa aqui para mim, né? Você não sabe como conduzir uma peça de qualquer forma... Tchau, Alice.

CENA 4

Alice vai até o restaurante que Julia trabalha.

ALICE: Julia? Você tem um tempinho pra conversar?

JULIA: Pra que? Pra você mentir e me humilhar de novo?

ALICE: Não... Escuta, eu não sabia...

JULIA: Como você não sabia, Alice? Sério mesmo?

ALICE: O amigo do Rafael armou pra mim! Para eu fazer esse escândalo e ele terminar comigo.

JULIA: Nossa, eu acho que nem você acredita nas próprias mentiras. Como você pode acreditar que eu tava ficando com o Rafael? Eu sou sapatão, Alice! Você já me viu ficando com mulheres.

ALICE: Ah, eu achei que fosse brincadeira, meio na amizade assim...

JULIA: De qualquer forma, eu já devo ter dito isso várias vezes, mas você só presta atenção no que você quer. No seu "relacionamento perfeito", ou nos seus planos para conseguir o que você quer.

ALICE: Isso não é verdade, Ju.

JULIA: É, sim. Você sabe o que é rivalidade feminina?

ALICE: Não sei...

JULIA: Talvez você devesse procurar no google, porque é exatamente nessa ideia escrota que você baseia suas ações. Agora tenho que voltar a trabalhar. Licença.

CENA 5

Alice chega no bar. Carol já está sentada na mesa, esperando, enquanto masca um chiclete e digita no celular.

ALICE: Oi, Carol. Desculpa a demora. Você não sabe...

CAROL: Oi, amiga.

ALICE: ...Todo o lance do Rafael estar me traindo? Era mentira! O amigo dele, que não sei o nome, armou para-

CAROL: Eu sei, Alice. Ele postou a história toda no instagram...

ALICE: Ah... Tudo bem. Você acredita que mesmo depois que o Rafael descobriu a verdade, ele não quis voltar comigo?

CAROL: Sabia. Eu vi no twitter...

ALICE: Entendi... Enfim, eu quis pelo menos resolver as coisas com a Julia. Mas eu fui no restaurante e ela nem quis me ouvir! Disse que sempre foi lésbica assumida, só eu que não sabia...

CAROL: É estranho, né? Ela tem uma *vibe* tão bissexual. Mas todo mundo sabe que ela é lésbica, amiga... Tá na capa do *facebook* dela: "Vai, não se esconde. Vem pro sapabonde".

ALICE: Ah, tá. Enfim... No fim, ela disse um negócio sobre rivalidade feminina, que eu só penso em mim...

CAROL: Você não sabe o que é rivalidade feminina?

ALICE: Não...

CAROL: É tipo esse seu jeito de pensar... Que todas as mulheres são suas rivais e estamos numa eterna disputa com outras mulheres. Não é nossa culpa pensar assim, porque nos ensinam isso desde criança, né... Mas achei que você conhecia esse termo... Procura no google depois, amiga, quem sabe assim você para de pagar mico.

ALICE: Vou procurar. Mas você acha que eu só penso em mim?

CAROL: Não sei... Eu ainda não entendi onde você queria chegar com esse plano todo. Tenho muitas dúvidas, amiga...

ALICE (*suspira irritada*): Como assim? Não tava claro? Eu queria me vingar...

CAROL: Eu entendi isso, mas, mesmo se fosse tudo verdade, magoar uma amiga resolveria tudo?

ALICE: É que é muita falta de respeito dar em cima do namorado dos outros, né?

CAROL: E, se o Rafael tivesse retribuído a investida dela, você ainda iria confiar nele?

ALICE: Acho que sim... Ele não teria culpa...

CAROL: Mas ele não sabe o que faz? Ele não é um homem adulto?

ALICE: Sim, mas é que as vezes os homens ficam cegos e não conseguem se segurar, entende? Tem homem que as vezes tem um impulso para trair!

CAROL: Nossa! E por que você quer namorar alguém assim?

ALICE: Eu... Não sei...

CAROL: Hum... Depois eu que sou a amiga lesada, né?

ALICE: Não entendi...

CAROL: Exatamente. Acho que o Rafael já tomou a decisão dele, amiga, ele quer ficar com os amigos dele. Talvez você devesse focar no que vale mais a pena: se desculpar com a Julia.

ALICE: Mas eu tentei! Ela não quis nem me escutar.

CAROL: Mas você tentou mesmo? Ou só ficou na defensiva?

ALICE: Eu acho que... Não sei, acho que fiquei na defensiva...

CAROL: Uhum... Bom, já fiz meu trabalho aqui. Vou parar de prestar atenção agora, tá? Tenho muita coisa para postar no instagram... Mas, se quiser, eu posso fingir que tô ouvindo.

ALICE: Não precisa, amiga. Eu já entendi tudo!

CAROL: Aham...

ALICE: Eu sei exatamente o que preciso fazer!

CAROL: Beleza...

ALICE: Você é a melhor, Carol. Obrigada.

Alice dá um abraço na Carol e sai correndo.

CAROL: Uhum...

CENA 6

Alice chega no restaurante onde Julia trabalha.

ALICE: Oi, Julia. Escuta, eu sei que você não quer conversar comigo, mas eu vim aqui para pedir desculpas. Não sei porque descontei toda minha frustração em você. Eu criei uma situação na minha cabeça e não me coloquei no seu lugar. Ninguém merece ser tratado assim.

JULIA: Eu entendo. Acho que todo mundo já fez coisas assim, Alice... Quando você é mulher, você cresce aprendendo que todas as outras mulheres são rivais, mas acho que agora você tá começando a entender que isso não é verdade.

ALICE: É, acho que sim. Cara, eu fui muito escrota com você e eu nem entendia o porquê. A Carol me ajudou e até me ensinou o que é rivalidade feminina, mas acho que a palavra mais importante que eu aprendi foi “sororidade”. Desculpa te tratar como inimiga... Agora sei que, na verdade, somos aliadas.

JULIA: Mas é melhor você nunca mais pisar na bola comigo, ouviu? Ninguém é obrigado a te ensinar a não ser problemática, você já é bem grandinha.

ALICE: Tudo bem. Tô tentando aprender sobre meus próprios preconceitos, às vezes é difícil. Mas vale a pena. Quero ser uma pessoa melhor. Desculpa por tudo, Julia.

JULIA: Tá desculpada, Alice.

ALICE: Posso te abraçar?

JULIA: Pode, amiga.

Elas se abraçam.

ALICE: Agora é bola para frente, né? Acho que nunca mais vou conseguir ir naquele bar de novo...

JULIA: Só por causa do barraco? Você não é a primeira e nem vai ser a última a brigar em bar...

ALICE: Não... Porque o Rafael costuma ir lá com os amigos dele, eu não conseguiria suportar todos os amigos dele me olhando com aquele olhar de

“Olha lá a ex maluca”... Pensando bem, é melhor parar de frequentar todos os lugares que ele também vai...

JULIA: Mas você vai ficar fugindo dele para o resto da sua vida?

ALICE: Eu não me sentiria segura... Não que ele fosse fazer algo, mas não consigo ficar tranquila sabendo que tô rodeada por homens que só respeitam o próprio grupo de amigos... Isso inclui o bar, a academia, os lugares que a gente ia junto...

JULIA: Sabe, você me deu uma ótima ideia.

ALICE: E qual é?

JULIA: Vem comigo.

As duas saem juntas conversando.

CENA 7

A cena começa com vários homens – amigos de Rafael – fazendo poses de academia, fingindo que estão malhando, o Crossfiteiro está entre eles, desenhando qualquer coisa na lousa. Entra um grupo de mulheres.

UM CROSSFITEIRO: Olha lá, não é a ex maluca do Rafael?

OUTRO CROSSFITEIRO: É, é ela sim. E aquela não é a ex doida do Mariano?

ALGUM CROSSFITEIRO: Olha ali, é minha ex louca!

ALICE: É isso mesmo! Essa academia agora é nossa.

JULIA: Assim como todos os lugares que vocês tomaram depois do término.

RAFAEL: Alice? O que é isso?

ALICE: Isso aqui sou eu retomando o meu lugar como protagonista da peça. Dá essa lousa aqui, idiota.

Alice pega a lousa do Crossfiteiro a força e começa a desenhar.

ALICE: Depois que seu amigo quebrou a quarta parede e falou diretamente pro público que isso é uma peça – um direito que é meu, aliás – eu percebi: vocês têm muita liberdade para ocuparem os lugares que querem! Querem até a narrativa que não é de vocês. Então decidi que era hora de tomar de volta nossos espaços, tanto na peça, quanto... Não sei, nesse mundo farsesco que eu inventei.

JULIA: Quando a Alice falou que teria que parar de ir onde vocês vão, eu entendi! É hora de nós, mulheres, nos unirmos.

CAROL: Nós não nos sentimos seguras em continuar indo nos lugares onde vocês, “brothers”, sempre estão juntos, julgando a gente.

ALICE: Então fizemos o grupo das “ex-namoradas” malucas, assim a gente pode ir onde quiser sem vocês nos incomodarem, porque vocês não vão querer enfrentar todas nós juntas.

CAROL: É isso aí! E quem achar ruim vai ter que aguentar as malucas aqui.

JULIA: Acho melhor vocês irem embora, porque, a partir de agora, aqui é lugar de “mulherzinha de TPM”. Vão ter que lambear os músculos uns dos outros em outro lugar, ou sei lá o que vocês tanto fazem juntos.

Os homens soltam um resmungo de reclamação, mas vão embora, cabisbaixos.

ALICE: Obrigada, Julia.

JULIA: Não tem de quê. Acho que formamos uma ótima equipe!

CAROL: E eu, né!

ALICE: Sim, Carol, você também.

CAROL: Vem, vamos tirar uma selfie!

As três se aproximam e tiram uma foto juntas.

Sobre a autora: Elena. 23 anos. Cineasta, publicitária, atriz. Pessimista multifacetada que tenta equilibrar sua arte entre razão e sentimento.

Contato: elenalagroteria@gmail.com

PRÉ-DESTINO

Gabriel Barros

CENA 1 – Esquecer para ser lembrado

A personagem Cegonha está na boca de cena aguardando a entrada do público. A personagem está vestida toda de branco, com faixas brancas nos pulsos. Nenhum acessório a mais. Ao final da entrada do público, as luzes vão abaixando, apenas um foco de luz sobre ela.

CEGONHA: Antes de qualquer coisa preciso lhes contar um fato, que provavelmente vocês já sabem: os bebês, infelizmente, não vêm de Cegonhas. Não daquelas aves majestosas de bico longo. Quem dera antes fosse o caso, e quem dera as Cegonhas tivessem tal autonomia para enrolar um bebê em uma fronha e voar pelos céus sem derrubá-lo uma única vez. *(Silêncio)* Não é um trabalho fácil, ser Cegonha *de verdade*. Muito bebês chegam, todos os dias. E não só bebês, como crianças maiores também. É necessário lidar com essas diferenças de tamanho. Fato é que depois da entrega, se ela de fato ocorrer, geralmente tem devolução. E muitos são seletivos quanto ao filho que desejam ter *(aponta para a plateia, escolhendo as pessoas a dedo)*. Esse não... Muito velho... *(comentando com outros da plateia)*. Esse tem algum problema?... Não tem nenhuma criança mais clarinha, assim...? *(Cegonha sarcástica)*. É, não é tão simples preencher um vazio com qualquer bebê de beira de rodovia.

Silêncio. Rapidamente, a luz sobre a Cegonha se apaga. Em outro ponto do palco, outro foco se acende para uma repórter. Ela tem uma voz bem caricata, puxando bastante as vogais

REPÓRTER: Um bebê recém-nascido foi deixado no hospital de Capitália, nessa última sexta-feira, em estado severo de desidratação e com o cordão umbilical já corroído. Funcionários relatam que uma mulher havia deixado o bebê no hospital alegando o ter encontrado numa rodovia pouco movimentada logo após a subida das serras (*mudando a voz, interpretando um funcionário*). “Ela chegou aqui desesperada com a criança no colo, meio assustada assim. Só despachou a criança com as recepcionistas, disse que tinha encontrado o menino no acostamento de uma rodovia, que ele tava bem desidratado” (*Repórter para a interpretação bruscamente. Volta a relatar a notícia*). A mulher não se identificou e foi embora logo após deixar o bebê com as recepcionistas. Elas relatam, ainda, que não acreditam que o bebê seja da mulher, pois, segundo elas (*interpretando a recepcionista*). “Era uma mulher grã-fina, cheia de joias no pescoço, limpinha, bem-vestida. Não parecia que tinha dado à luz. Só sei que queria se livrar logo da criança, porque foi embora tão rápido quanto chegou”. (*Repórter volta a relatar a notícia*) A criança está se recuperando da desidratação, e as expectativas de que ela sobreviva são bem baixas. No entanto, funcionários do hospital se mantêm esperançosos e vêm montando rodas de oração para que haja uma melhora na recuperação do bebê.

A luz sobre a repórter se apaga e o foco volta para a Cegonha, dessa vez em outro ponto do palco

CEGONHA: As Cegonhas aparecem e desaparecem, sem deixar vestígios. Alguns programas que abusam dos sentimentos alheios tentam achá-las para contar uma história bonita e emocionante. Como se achar uma criança no lixo fosse algo para ser aplaudido. (*Irônica*) Seria lindo, mágico, se realmente elas viessem embaladas e limpas num pedaço de pano (*silêncio*).

O foco onde estava a repórter se acende novamente. Nele uma mulher com cabelos desgrenhados e suja olha para a plateia com tristeza. Seu vestido está sujo de sangue

CEGONHA: Aquela mulher não pensou em passar um lençinho umedecido no bebê, nem se ele passaria frio, se havia pano o suficiente, ou o acomodou em cobertores. Em um ato de puro desespero e fragilidade, ela queria esquecê-lo, mas na esperança de que ele pudesse ser lembrado por alguém que passasse. *(algumas luzes se acendem lentamente, simulando as cores da noite)*. Tudo era escuro demais, o matagal alto. Carros que acabaram de subir a serra aproveitavam aquela rodovia reta, sem curvas e totalmente livre para passarem voando. No acostamento, ela posicionou com cuidado as perninhas na caixa de sapatos *(gestos cuidadosos encenando a mãe colocando a cabeça da criança)*, depois as costas e, por fim, a cabeça. Apesar de qualquer coisa, ela havia gerado uma vida *(a mulher no outro foco olha lentamente para sua região genital)*. Não importava quantos quilômetros tivesse andado com a criança no colo para chegar até ali. Nem que as condições em que deixaria a criança fossem das piores. Ainda assim... ela era a mãe. Aquilo viera de dentro dela. E ela queria que ele fosse lembrado. *(A mulher olha para as mãos, vazias)* Por mais que seus gestos cuidadosos ao colocar a criança na caixa não fizessem sentido pelo simples fato de a estar abandonando, ela o fazia instintivamente. E com um gesto brusco ela se afastou de costas *(a mulher começa a ficar agitada e assustada, olhando para os lados)*, e no meio do caminho de motoristas apressados e desprevenidos *(som de buzina, Mulher se assusta)* havia aquela mulher. Uma mulher que, tendo deixado um bebê às margens da rodovia, correu sem olhar para os lados. Sem se importar se seria atropelada. Mas sua atenção ainda estava voltada para aquela caixa no acostamento. *(Mulher olha fixamente para a frente. Um terceiro foco de luz se acende. Nele, um homem olha fixamente para a mulher. Ela nota sua presença e foge. O homem corre a passos pesados atrás dela. Foco de luz apenas na Cegonha)*. Ela queria que ele fosse lembrado.

Cegonha sai

CENA 2 – Competição de Sensacionalistas

Luz geral. Dois repórteres estão dispostos em lados opostos no fundo do palco. Eles são personagens bem caricatos, forçando um tom jornalístico.

Repórter 1 avança um passo e dá sua notícia

REPÓRTER 1: Na madrugada dessa quinta-feira, moradores do bairro Vila Pompéia, zona norte, foram acordados pelo choro de um bebê.

Repórter 2 avança um passo, provocando o Repórter 1, e dá sua notícia

REPÓRTER 2: Ao amanhecer deste domingo o padre José Almeida, da Paróquia de Santa Cecília, encontrou algo peculiar nos bancos da Igreja.

Repórter 1 avança um passo

REPÓRTER 1: O bebê foi encontrado na praça comum do bairro, apenas com uma fralda e uma fina manta, aparentando já ter quase um mês de vida.

Repórter 2 avança um passo

REPÓRTER 2: O padre se surpreendeu com o que vira (*forçando emoção*). Um bebê, magro, raquítico, enrolado num pedaço de pano de chão, chorando com fome e, certamente, saudades da mãe.

Repórter 1 avança um passo

REPÓRTER 1: Testemunhas disseram que alguns minutos antes, por volta das 22h30 da noite, um homem foi visto saindo de uma van preta e deixando a criança na praça.

Repórter 2 avança um passo)

REPÓRTER 2: Muitos curiosos, após saberem da notícia, foram conhecer o bebê e acabaram se oferecendo para adotá-lo. O menino foi nomeado Pedro, como o profeta (*Sorri*).

Repórter 1 avança um passo

REPÓRTER 1: O inquérito foi instaurado para apurar melhor o caso, caracterizado como abuso de menor. Se a mãe for encontrada, responderá pelo crime.

Repórter 2 avança um passo, mais largo dessa vez. Respira fundo

REPÓRTER 2: Muito importante ver que, mesmo com as adversidades e a falta de amor que esse mundo dá às nossas crianças, ainda haja esperança de que cenas como essa acabem tendo um final feliz. É com você, Paulo.

Repórter 1, indignado, abandona a postura

REPÓRTER 1: Ah não, mas aí você abusou do sensacionalismo.

REPÓRTER 2: Eu abusei do sensacionalismo, colega? Você usou o trunfo de que a mãe está sendo caçada.

REPÓRTER 1: E você chamou o bebê de magro, raquítico e disse que estava enrolado num pano. E detalhe, um pano de chão! Agora “Haja esperança de que cenas como essa acabem tendo um final feliz” quebrou minhas pernas. É jogo sujo.

REPÓRTER 2: Que jogo sujo o quê. O público está indignado! Eu tinha que entregar à audiência o que ela quer!

REPÓRTER 1: A sua opinião? Poxa, que pena, colega. Fui mais rápido. Seja menos expositivo da próxima vez. E não apele tanto, por favor.

REPÓRTER 2: Ora, mas você está sendo hipócrita!

Os dois saem discutindo

CENA 3 – Jogo de batata-quente

Palco vazio. Dessa vez, duas Cegonhas são iluminadas por um único flash de luz

CEGONHA 1: Já brincaram de batata-quente? Acho muito difícil alguém aqui não ter brincado de batata-quente. Um objeto qualquer, geralmente uma bola, é passado de mão em mão. A batata, ou a bola, vai esquentando, esquentando, esquentando, esquentando. Quem for queimado, sai do jogo. E espera até que o jogo acabe para poder jogar de novo.

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 2: Alguém foi queimado... Enfim. Com relação aos órfãos que vivem em instituições, a coisa é parecida. Essas crianças vivem numa verdadeira batata-quente. Na maioria das vezes, não há quem as queira de forma definitiva. Mesmo alguns familiares mais próximos como tios ou avós fazem um certo rodízio com a criança. Ela chega e logo se vai. E quando existe alguma chance dela se estabelecer de fato em um lugar...

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 2: ...O jogador sai de cena. Essa foi bem pontual inclusive. *(Irônica)* Ninguém quer cuidar de uma criança remelenta que só traz mais gastos e chora toda hora querendo atenção. Precisa pagar psicólogo, fazer acompanhamento, precisa alimentar, vestir, gastar dinheiro!

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 1 *(irônica)*: Já basta cuidar de si próprio e dos filhos biológicos, não é mesmo? Se alguém de fora reclama da situação deprimente em que a criança solitária se encontra, não tem autonomia para tal, pois “Você não sabe o que se passa dentro da minha casa”. Não, ninguém sabe. Mas é óbvio que a criança não irá se sentir bem com isso. Há um certo bloqueio no globo ocular das pessoas de não enxergar as crianças como seres que têm sentimentos. Como indivíduos que crescem e se tornam os adultos que um dia essas pessoas foram.

A criança é um acontecimento, um gasto, uma pedra, uma obrigação. Não uma criança.

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 2: Mas se tá reclamando, então cuida você!

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 1: Muito mal-criado... Não tem educação...

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 2: Criança assim tem que ficar lá pra sempre.

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 1: Tá dando em cima do meu marido!

VOZ OFF: Queimou!

CEGONHA 1 e 2 (*forte*): O que não veio de mim não é B.O. meu!

Silêncio. Cegonhas saem

CENA 4 – Predestinação

O cenário é uma sala. Há um sofá e uma mesa de centro. Izabel está mexendo a massa do bolo. Uriel entra.

URIEL: Cheguei mãe. Trouxe isso pra senhora. *(Ele entrega uma folha para Izabel)*

IZABEL: Eita, mais um mato!

URIEL: Não é mato, mãe. É presente.

IZABEL: Se eu plantar essa folha no meu quintal vai nascer dinheiro?

URIEL: Acho que sim. Folhas dão sorte!

IZABEL: Sim... dão sim. Tô fazendo aquele bolinho de laranja. Você ficou a semana toda me pedindo que tive que arranjar um tempo.

URIEL: São as lombrigas. Fez café também né, tô sentindo o cheirinho.

IZABEL: Fiz ainda não, tá terminando de coar.

URIEL: Cheirinho de final de tarde, só faltou uma chuva.

IZABEL: Deus que me livre chover. Tá cheio de roupa no varal!

URIEL: Mas eu gosto da chuva, ué.

IZABEL *(sarcástica)*: Gosta, é? Então vai lá correndo tirar as roupas do varal pra não molhar. Você vai amar a chuva.

URIEL: Ah, mas aí é muito específico *(vai para a cozinha, na coxia)*

IZABEL *(falando sozinha)*: Muito específico... Você tá fora da realidade, garoto.

URIEL *(Voz off)*: Mãe, ainda tem roupa lá no varal!

IZABEL: Acho que esqueci de tirar.

URIEL (*voltando*): Não mãe, as roupas tão lá.

Silêncio. Izabel pensa e, por fim, balança a cabeça

IZABEL: Nossa, tô com um prego a menos. Eu só achei que ia chover, mas não tirei nada.

URIEL: Sim, a senhora faz isso direto (*Ele ri*).

IZABEL: Isso o quê?

URIEL: De inventar as coisas. Mesmo que sem querer, a senhora inventa.

IZABEL: *Eu* invento coisas? Uriel... Você que faz isso o tempo todo.

URIEL: Eu só... brinco, mãe, não é de verdade. Eu não invento mentiras.

Silêncio

IZABEL (*colocando o pote com a massa de bolo na mesa de centro*): Que história é essa, menino? Tá me chamando de mentirosa? Você tá dizendo que *sua mãe* mente?

URIEL: Não, calma mãe. Falei que eu não invento mentiras, que eu só brinco com as coisas...

IZABEL: Sei. Você tá muito quieto. Geralmente chega em casa pulando nas coisas e falando mais que o caixa prego, que passeou não sei onde, que quer um gato não sei do quê...

URIEL: Hoje tô mais... agoniado, acho.

IZABEL: Agoniado? Tá com agonia de quê? Ainda tá com aquela coisa na cabeça do Nexi... *Nexional Gegräf*? De como os vagalumes brilham.

URIEL: Ah, isso eles têm um pisca-pisca de natal na bunda.

IZABEL: Olha essa boca...

URIEL: Desculpa. Mas é brincadeira, tá?

IZABEL: Tá bom filho, sei que é brincadeira, perdoa a mãe. Mas se você tá falando que é pisca-pisca, como eles ligam essa coisa?

URIEL: É por wi-fi.

IZABEL: Vagalume não tem wi-fi, Uriel.

URIEL: Mas tem wi-fi em todo lugar. A pracinha tem o wi-fi de graça pra todo mundo, o ônibus...

IZABEL: É, você tá com a razão. Eu não duvido de mais nada nesse mundo.

Silêncio

IZABEL: Vai menino, responde.

URIEL: O quê?

IZABEL: Do que você tá agoniado?

URIEL: Ah. Eu... Não sei mais se acredito em algumas coisas.

IZABEL: Ai meu Deus, que tipo de coisa? Papai Noel?

URIEL: Não, faz tempo que eu não acredito nisso, mãe.

IZABEL (*indignada*): Até ontem eu acordava no meio da madrugada pra colocar presente embaixo do pé de limão! Eu não acredito que... Perdoa filho, continua, do que você tá agoniado?

URIEL: Mãe... Responde sendo sincera, onde eu nasci?

IZABEL: Onde você nasceu? Ué, aqui mesmo, nessa cidade.

URIEL: Não mãe, não tô falando disso. Tô falando de onde eu vim, sabe?

IZABEL: Ora, de mim.

URIEL: Não foi a Cegonha?

Silêncio. Izabel tenta explicar, sem jeito

IZABEL: Foi, mas ela trouxe você até mim. Sem eu você não teria nascido, filho... Deus já tinha escrito, já estava reservado você pra mim, pra nós. Eu e o Olavo.

URIEL: E como essa Cegonha é?

IZABEL: Você já sabe, já te contei essa história. É um ser divino. Ela vem dos céus e protege os recém-nascidos, cuida deles antes que cheguem até suas famílias.

URIEL: Mas ela... Existe de verdade?

IZABEL: Lógico que existe. Assim como Deus existe.

URIEL: Não, tô falando de existir de outra forma. Assim como a gente, que dá pra ver, tocar. Em carne e osso.

Izabel observa o filho por um momento e sorri

IZABEL: Você é um ser de luz, meu filho. Deus te guardou enquanto você estava dormindo, só esperando pra Cegonha te buscar e você vir pro colo da mãe. O tempo todo lá nos céus, só esperando.

URIEL: Mãe, não sei se acredito que eu vim dos céus...

IZABEL: Uriel... Eu já te disse isso tantas vezes. Que tipo de história você tá inventando agora?

URIEL: Eu fui deixado na sua porta, não é? Como um correio.

IZABEL: Uriel...

URIEL: A Cegonha é alguém que me entregou pra senhora. Tipo uma encomenda, não é?

IZABEL (*com raiva*): Você não foi um produto encomendado, Uriel!

URIEL: Não, não isso. Mas é tipo isso, não é? Como nos correios. Só que alguém não me quis.

IZABEL: Você sempre foi meu!

URIEL: Alguém não me quis mãe, eu sei disso. Eu sei que eu posso ser estranho, ou que um dedão meu é menor que o outro...

Izabel agarra Uriel pelos braços e olha diretamente nos seus olhos

IZABEL: Eu sempre te quis! Tá me entendendo? Você é uma promessa divina pra mim! Eu e o Olavo sempre fomos sua família e nada do que tenham enfiado na sua cabeça vai mudar isso!

URIEL: Mãe, a senhora tá me apertando...

Izabel larga Uriel. Entra Olavo

OLAVO: Pelo amor de Deus, Izabel, tô ouvindo seus gritos lá da calçada. Que zorra é essa? Por que você tá chorando, Izabel?

URIEL: Eu tava falando com a mãe sobre a Cegonha.

OLAVO: E ela tá chorando por causa disso? Por favor, não é nenhum castigo.

URIEL: Eu sei que me entregaram...

Silêncio

OLAVO: Bom... Acho que você já tá bem grandinho pra saber de tudo. Pra parar com as brincadeiras e enxergar as coisas de verdade. Então, Izabel, não adianta chorar, você sabe que isso tem que ser feito. Só que já é muita coisa pra me encher a cabeça, carreguei 200 fardos de refrigerante hoje e eu preciso é de banho e cama! Se quiser falar disso outro dia, que assim seja. Mas agora eu preciso é de descanso! (*Saindo*).

URIEL: O senhor não saudou...

OLAVO: A paz!

URIEL: A paz.

IZABEL: A paz.

Olavo sai. Silêncio. Izabel se senta no sofá, Uriel faz o mesmo

URIEL: Eu fui entregue?

Silêncio

IZABEL: Foi.

URIEL: Quem foi a Cegonha que me entregou?

IZABEL: Eu não sei. Não sei. Nós abrimos a porta e você estava lá, chorando. Não tinha ninguém, a gente... não viu...

URIEL: Eu estava no chão?

IZABEL: Não! Não, pelo amor de Deus, não. Você estava... Estava em um cestinho, como aquele que você me deu no Dia das Mães. Chorava muito, ficava até vermelho, igual o Olavo quando nervoso (*sorri*). E era tão pequenininho, chorava de dar dó, e sentia tanto frio...

URIEL: Nem me deixaram um cobertor?

IZABEL: Tinha cobertor sim, mas bebês sentem frio com qualquer ventinho, filho.

URIEL: E tinha bilhete?

IZABEL: Não, não tinha bilhete.

URIEL: A minha mãe nem se importou em deixar um bilhete!

IZABEL: Eu sou sua mãe. A miserável que te deixou... Que entregou você para nós, ela não merece nada, ouviu? Nada. Nem um único agradecimento. Temos

é que agradecer a Deus pela sua vida, por nos ter escolhido para te proteger, te dar amor, te dar carinho. Nunca a chame de mãe, porque *eu* sou sua mãe. Desde sempre e pra sempre.

URIEL: A senhora sabe por que me deixaram?

Silêncio

IZABEL: Não sei, filho. E não quero saber. Ninguém tem motivo para não te querer por perto. Você é a coisa mais preciosa que eu já ganhei na vida.

URIEL: IZABEL (*rindo, mesmo emocionada*): Olavo é criativo demais, no final das contas só ele que usa. Mas nem isso, nem o Gol quadrado é mais importante do que você, meu filho. Eu te amo mais do que tudo nessa vida. Eu te amo, meu filho, eu te amo demais.

E o Gol quadrado que você ganhou de aniversário? Aquele foi um presente bem caro acho.

(Izabel e Uriel se abraçam. Enquanto acontece a contra-regragem, os dois saem abraçados. Cegonha entra e para no meio do palco vazio)

CEGONHA: Ele tinha sido encontrado perto do lixo, do lado da residência, e só foi notado pelos lixeiros que foram recolher o lixo na manhã seguinte. Quem o deixou não era uma Cegonha, na verdade podemos dizer que o total inverso. Não era um homem desconhecido como as notícias alegam, nem uma mãe sem compaixão, sem arrependimentos, mulher predestinada a aceitar a maternidade. Era o que nenhum veículo, ao divulgar uma notícia de abandono, imagina de alguém que abandona um recém-nascido. Era o pai.

CENA 5 - Recortes

Quatro pessoas estão dispostas no palco. Elas olham fixamente para a plateia

HOMEM: Eu encontrei ela numa viela, chorando.

MULHER: Encontrei em um vagão vazio do trem.

JOVEM: No alto de um morro.

VIZINHA: Em casa.

HOMEM: Ela suave, e apertava tanto os olhos ao chorar que eles quase sumiam. Eu resolvi entrar na viela e me aproximar.

MULHER: Ela murmurava “Eu não quero! Eu não quero!”, sozinha pra si mesma. Deve ter achado que o vagão tava vazio. Percebeu a minha presença alguns bancos mais pra frente e ficou calada. Puxou uma das mangas da blusa pra secar as lágrimas.

JOVEM: Ela tava subindo o morro correndo. O marido vinha logo atrás com um facão enorme na mão. Era o marido?

VIZINHA: O café que saía da janela dela tomava conta da rua toda e chegava até minha casa. Eu não resistia a um bom café, então sempre passava lá.

HOMEM: Ela tinha algumas marcas no corpo, principalmente nos braços, como se alguém tivesse apertado.

MULHER: A outra mão, a que não secava as lágrimas, segurava uma bolsa de couro desgastada.

JOVEM: Eu não podia impedir o cara de fazer qualquer coisa, afinal de contas era um facão! Eu que não ia me meter.

VIZINHA: A porta já tava aberta quando cheguei na casa, como ela sempre deixava. Era um barraquinho simples, mas bem arrumadinho.

HOMEM: Era o namorado. Sempre é o namorado. Falei moça larga dele! Não fica fugindo, não. Mas ela tava grávida.

MULHER: Ela tava grávida.

JOVEM: Ela tava grávida.

VIZINHA: Ela tava grávida. A barriga linda, descansando sentada no *sofázinho* velho que era só *as tarimba*.

HOMEM: Ela soluçava, e falava “Não tem como largar, ele vai me matar, ele vai vir atrás de mim”.

MULHER: Eu sabia disso, eu simplesmente sabia. O jeito que olhava para a própria barriga e em seguida enxugava as lágrimas com a manga da blusa. Ela percebeu que eu olhava e disfarcei, virando para janela do trem.

JOVEM: Ele não ia ter coragem de matar uma mulher grávida né, meu. Chamei meus amigos que tavam soltando pipa e gritamos o cara.

VIZINHA: Ela tava trstinha. Pensativa. Ainda de camisola, mas eram seis da tarde...

HOMEM: Ela disse “Ele destruiu a minha vida”.

MULHER: Resolvi parar de disfarçar e me levantei, indo até ela. Perguntei se ela precisava de ajuda. Ela respondeu com o silêncio.

JOVEM: A gente falou que ele podia voltar com ela pra casa, mas sem o facão. Acalma o coração, ela tá grávida!

VIZINHA: Fui me servindo do café. Ela falou que tava nervosa porque tava chegando a hora. Boba que só, tava chegando o momento mais feliz da vida dela!

HOMEM: Eu queria levar ela pra Delegacia da Mulher, mas ela não queria. Com todos aqueles vergões pelo corpo, ela não queria.

MULHER: O trem já estava chegando na próxima estação. A mão dela apertava a alça da bolsa de couro. Eu disse que poderia ajudá-la. Ela só balançou a cabeça.

JOVEM: A gente ficou monitorando ele voltando pra casa com ela. Disse que tava estressado por causa do trampo, que já tinha passado. Mas esquece, tu não vai ter teu facão de volta. Ela tá grávida.

VIZINHA: Não quis tomar o próprio café que fez. Deu uns risinhos, falando que tava ansiosa, que não via a hora. Mas, depois da gente papear, saí daquela casa com uma sensação estranha.

HOMEM: Eu insisti, mas ela hesitava, se afastando. Não queria ir na Delegacia. Percebi que eu a segurava e então soltei seu braço, me sentindo culpado. Ela me olhou uma última vez, com desprezo, e então sumiu na viela. Mas eu fiquei sabendo do que aconteceu depois.

MULHER: O trem chegou na estação, ela se levantou com um pouco de esforço e seguiu para a porta. Eu disse que passaria meu número de telefone. Se ela estivesse pronta para contar a alguém o que ela tava passando, poderia me chamar. Ela respondeu com um olhar tímido e retraído. Era vergonha.

JOVEM: Depois daquilo ficaram só na discussão, bate e boca. De vez em quando a gente passava na frente da casa pra ver se tava tudo certo. O cheiro do café dizia que sim. Mas depois de um tempo a gente parou de sentir o cheiro do café. E o cara sumiu também. Ele tá ciente do que fez.

VIZINHA: Nunca mais vi ela. Nem nunca mais tomei seu café. Aquela foi a última vez e me dói muito.

MULHER: Antes dela ir embora, perguntei seu nome. E essa foi a única pergunta respondida com palavras.

HOMEM: O nome dela era Marlene.

JOVEM: O nome dela era Marlene.

VIZINHA: O nome dela era Marlene. Ela ia ser uma mãe maravilhosa.

MULHER: O nome dela era Marlene. Ela não queria ser mãe.

Blackout

Sobre o autor: Gabriel Barros, 19 anos. No teatro, sou vidrado em Cenografia, Sonoplastia e, claro, Dramaturgia. O que mais me atrai nesse campo é a construção de personagem, entender o que há por trás de suas intenções e quais são suas nuances no texto. Voo longe com cada leitura, e não pretendo firmar os pés de volta tão cedo.

Contato: barrozgabrieu@gmail.com

ESPIRAL

Gabriel Felix

CENA 1

Com as luzes desligadas, uma voz surge.

VOZ- Central para as viaturas próximas da rua Troia, temos uma denúncia de confusão em um apartamento, no número 821, os vizinhos ouviram brigas e gritos de um casal. Estão chegando mais informações. Ah.... *(silêncio)* foi confirmado um homicídio no local. Existem duas pessoas que estão no apartamento, as duas são possíveis suspeitas. *(silêncio e mais sons de viaturas são ouvidos)*. Cuidado. Central para todas as viaturas da região, uma briga de casal levou a um homicídio na rua Troia número 821 apartamento 33. Ainda não se sabe o que aconteceu. Dois suspeitos em potencial.

CENA 2

Uma luz ilumina o palco, um apartamento de classe média arrumado e impecável. MARCUS e AMELIA abrem a porta de número 33 e estão com vestimentas pretas e máscaras.

AMELIA *(tira os sapatos na entrada)*- Marcus, não esquece de higienizar os calçados. Vou tomar banho, tinha muita gente lá.

MARCUS- Ele teria ficado feliz.

AMELIA- Espero que sim. Vou lá tomar banho.

MARCUS- Não esquece de ligar no hospital, para tirar sua licença.

AMELIA- Vai fazendo o almoço, não comi desde ontem.

MARCUS limpa os sapatos na entrada e começa a arrumar alguns pratos na mesa e preparar o almoço para os dois. Em um armário retira um frasco com comprimidos, com a mão ele aperta alguns e joga em um copo com água. Ele bebe tudo rapidamente. AMELIA volta de pijama e com uma toalha enrolada na cabeça. Ela se senta na mesa.

AMELIA- Você esquentou a lasanha?

MARCUS- Sim, Amelia.

MARCUS leva a lasanha até a mesa. Cada um pega um pedaço da lasanha. É possível apenas ouvir os barulhos de talheres em contato com o prato, mas de resto é possível apenas ouvir um silêncio sepulcral.

AMELIA- Você pagou a conta de luz? Eles mandaram um email.

MARCUS- Aham.

Outro silêncio prevalece.

MARCUS- Você já ligou para sua mãe para deixar o João aqui, na terça?

AMELIA- Eu falei com ela no funeral, ela vai deixar ele aqui na segunda.

MARCUS- Ata.

Outro silêncio prevalece.

MARCUS- O Bento me ligou. Disseram que vão reabrir o escritório da nona. Me chamarão para fazer o desenho da reforma.

AMELIA- Legal.

Outro silêncio prevalece.

MARCUS- Temos que ligar na escola, para cancelar a matrícula do Manoel.

AMELIA começa a chorar.

AMELIA- Ele tinha uma vida, só 15 anos, ele tinha toda uma vida pela frente. Que merda. Ele já tinha planejado tanta coisa. (*AMELIA bate na mesa furiosa*) E que porra. Essa escola não vê que nosso filho acabou de morrer.

MARCUS- Tudo bem, Amelia. Ele estará feliz se nós estivermos felizes aqui.

AMELIA (sussurrando)- Então, ele está triste.

MARCUS- O quê?

AMELIA- Nada.

AMELIA levanta e tira seu prato da mesa.

MARCUS- Tenho terapia agora. Tenho que ir.

AMELIA- Pode ir lá... Calma, você não teve terapia ontem?

MARCUS- Não, é sempre de sexta.

AMELIA- Devo ter visto errado, achava que você estava conversando com a terapeuta ontem.

MARCUS- Deve ter sido a minha mãe.

AMELIA- É.

CENA 3

Uma luz ilumina MARCUS que está sentado em uma cadeira próximo a plateia. MARCUS está na frente de um notebook, onde conversa com a TERAPEUTA.

TERAPEUTA- É compreensível tudo que você está sentindo. Ninguém merece passar por isso. Mas o que você pretende fazer agora?

MARCUS- Acho que temos que nos cuidar, ficamos muito expostos nesses últimos dias, vamos ficar aqui em casa mesmo.

TERAPEUTA- Você sempre falou tanto que queria mais tempo com sua esposa, agora você tem a chance, ela não está mais entre o hotel e o hospital, aproveite seu tempo com ela.

MARCUS- Não sei se eu consigo, é tão estranho agora. Eu sinto uma coisa estranha, sabe... não sei como explicar algo assim.

TERAPEUTA- Talvez nos primeiros dias, vocês precisem viver mais como recém-casados, vocês têm tempo. Depois terão mais abertura para conversar sobre tudo isso.

MARCUS- Talvez seja bom mesmo.

TERAPEUTA- E como está indo com os remédios? Tudo bem?

MARCUS- Está indo. O melhor possível.

TERAPEUTA- Já estamos nesse processo a quase uns 2 anos, se seguir tudo certo, em alguns meses já vamos diminuir a quantidade e os efeitos vão diminuir.

MARCUS- Graças a Deus. Obrigado.

TERAPEUTA- Então, acho que é isso por hoje. Bom resto de dia, Marcus.

MARCUS- Para você também, até semana que vem.

MARCUS fecha o notebook e encosta no apoio da cadeira e olha para cima, como tendo uma ideia. Enquanto MARCUS está no laptop. AMELIA olha um dos armários com os remédios, ela pega um dos frascos e esconde em um dos bolsos. As luzes apagam.

CENA 4

Luzes acendem a sala novamente, onde uma mesa de jantar com luz de velas está disposta. MARCUS está atrás de AMELIA e cobre os olhos dela com suas mãos. Eles andam em direção à mesa.

AMELIA- O que é dessa vez, Marcus?

MARCUS- Calma, amor, você vai gostar.

Eles estão do lado da mesa. MARCUS tira as mãos que impediam a visão de AMELIA. AMELIA abre os olhos e contempla a mesa cheia.

AMELIA- Ai Marcus, tudo que eu gosto, vinho, queijo, obrigada.

AMELIA beija MARCUS.

AMELIA (ainda com o rosto muito próximo ao de MARCUS)- Só você para conseguir me animar agora.

MARCUS- Eu te amo, amor.

AMELIA beija MARCUS novamente.

AMELIA- Acho que podemos comer. Parece tudo tão bom.

AMELIA se senta em uma cadeira e MARCUS também.

AMELIA- A comida do hotel era tão ruim, só não tão ruim quanto a comida do refeitório do hospital. Pelo menos tenho 3 semanas longe.

MARCUS- Poderemos ficar mais tempo juntos. Ele gostaria disso.

MARCUS e AMELIA comem o jantar silenciosamente.

MARCUS- Tenho algo a confessar, amor. Acho que você pode nos ajudar. Eu reservei um chalé para gente no interior, algo bem afastado.

AMELIA começa a chorar.

MARCUS- Não, não. Amor. O que foi?

AMELIA- Isso está errado.

AMELIA se levanta.

AMELIA- Eu não consigo fazer isso agora. Não podemos, não podemos. Não dá para fingir que não aconteceu.

MARCUS- Não tem nada de errado nisso. Nós temos que fazer alguma coisa para tentar viver com isso, ficar em silêncio não resolverá nada.

AMELIA (exaltada)- Ele acabou de morrer! Não podemos ignorar o problema! E foi a merda dessa pandemia que causou isso, não podemos sair por aí.

MARCUS- Ah... como se você... deixa quieto.

AMELIA- Não, vai, pode falar.

MARCUS- Agora você quer usar seu lado de enfermeira. 1 mês atrás quando você fez aquilo você não ligou para “se preocupar com a pandemia”.

AMELIA ataca uma garrafa de vinho na direção de Marcus e ele desvia, a garrafa atinge a parede e a mancha de vermelho.

AMELIA- Você não vai jogar isso para cima de mim, foi uma recaída. Ele precisava se alegrar de alguma forma, ficar em um quarto por cinco meses não era o melhor para um adolescente.

MARCUS- Mas precisava ser uma... uma... festa?

AMELIA- Você estava aqui em casa todo dia, e não fazia nada por ele. Ele estava mal, nosso Miguel, estava tão para baixo. Ele era jovem, merecia diversão.

Um silêncio impera no lugar.

AMELIA- E não venha me dizer que estou ficando histérica com os problemas, eu sei muito bem como você está ficando “calmo”.

AMELIA joga os remédios no chão.

AMELIA- Eu não preciso pagar de enfermeira, para saber que as consequências de usar nessas quantidades não vai dar certo, como não deu da última vez.

MARCUS- Dá última vez, você teve um filho com o vizinho. Não sei se é uma boa comparação.

O interfone toca.

AMELIA- Depois me transfere o boleto da multa. E acho que teremos que chamar a Sol de volta para poder limpar essa bagunça.

AMELIA sai da cena e as luzes apagam.

CENA 5

As luzes acendem e mostram a rotina do casal. Eles passam pela casa fazendo tarefas sem se conversar ou se olhar.

AMELIA- A minha mãe vai trazer o João hoje. Você pode ficar com ele essa tarde?

MARCUS- Posso.

AMELIA- Obrigada. E só para saber, não quero discutir. Você parou com os remédios?

MARCUS- Achei que íamos continuar sem se falar.

AMELIA- Você ainda é o pai do meu filho. Eu preciso saber se você não vai ficar louco.

O telefone de MARCUS toca.

AMELIA- O seu telefone não para de tocar nos últimos dias.

MARCUS rejeita a ligação.

MARCUS- Esses últimos dias tem sido mais difícil de trabalhar, e meu chefe está no meu pé para entregar o desenho.

AMELIA- é bem difícil de acreditar.

MARCUS- Oi? Você perguntou e essa é a resposta.

AMELIA- Foi só uma piada (ri) Não era você que queria seguir em frente?

MARCUS- Você torna tudo tão complicado, dava para ser simples. Eu estou tentando, porra.

AMELIA- Eu não estou discutindo, eu só perguntei dos remédios. Eu me importei com você.

MARCUS- Ok. Amelia. É bem difícil de acreditar.

AMELIA- (*bufa*)- Eu só acho que você tem que ter cuidado com os remédios, eu sou enfermeira sei o que pode acontecer. Eu sei as consequências.

MARCUS- Quando você fez a festa você realmente sabia muito bem as consequências também.

AMELIA- (*bufa*) Isso novamente, meu deus. Chega! Você quer me ouvir que estou me sentindo culpada. É só isso que você se importa. É só a sensação de saber que você está certo? Então, tá bom: EU SOU CULPADA! Eu me sinto culpada em cada pedaço da minha alma, eu não consigo aceitar uma viagem para um chalé, depois de ter feito isso. Era isso que você queria ouvir. Ou quer mais? Desculpa, não mostrar minha culpa enchendo meu rabo de droga ou pulando da janela.

MARCUS- Eu só estou tentando fazer as coisas irem para frente, você fica voltando para trás.

AMELIA- Ah (*com ódio*) Eu não vou cair nessa sua armadilha. Daqui pouco isso só vai ser mais um pesadelo.

MARCUS- O que você quer dizer com isso?

AMELIA- Eu só ia falar depois, mas, eu vou entrar com o divórcio. Vou morar com a minha mãe e o João.

MARCUS- Então, você ia só me contar isso quando fosse conveniente? Vai se separar. Você nem esperou um mês.

AMELIA- Eu não entendo como você consegue ser tão dissimulado. Meu deus. Já era para esse casamento ter acabado. Eu fiquei aqui por causa do nosso filho,

ele não merecia viver entre casas separadas como o João vive, outra coisa que eu me sinto culpada, tá feliz? Levou mais uma.

MARCUS- Então, tá. Depois de tudo que eu fiz por essa família? Esse casamento não pode acabar. Eu perdoei um... um... filho por você.

AMELIA- Como se você não tivesse feito eu pagar o bastante. Toda santa discussão você volta com a traição. toda santa vez. Você disse “eu te perdo” dois anos atrás, mas eu sei que foi da boca para fora.

MARCUS- Mas agora vai ser isso? Vamos realmente terminar? Depois de tudo que eu fiz. Depois da faculdade que eu paguei para você? Depois de aceitar um filho que não era meu? Você devia me agradecer! Você disse obrigado da boca para fora.

A campanha toca.

AMELIA- Dessa vez, eles mandaram a segurança do condomínio, pelo menos já vamos ser expulsos de vez.

MARCUS abre a porta e encontra SOL.

SOL- Oi, com licença. Posso entrar?

MARCUS- Acredito que possa ir embora.

SOL- Me desculpe, mas sua esposa precisa saber de algumas coisas. Que Deus me perdoe, não sei nem como falar isso.

MARCUS- Sol, pode ir embora. Estamos tendo uma conversa importante aqui, então por favor... (*interrompido por AMELIA*)

AMELIA- Não. Sol, pode entrar.

SOL entra na casa.

SOL- Não se preocupe sobre o COVID, já tive algumas semanas atrás. Pelo que dizem por aí, estou um tempo livre dessa praga.

AMELIA- E você está bem. Sol? Aconteceu algo mais grave?

SOL- Não, não. Fiquei bem.. é... se bem que tem uma coisa sim.

SOL se aproxima de AMELIA. E toca em sua mão.

SOL- Amelia, quero que saiba que não estou fazendo isso como primeira opção, tentei falar com o seu marido no particular, mas ele recusou, então você precisa saber algumas...

MARCUS (*interrompendo*)- Amelia, ela deve inventar alguma história para tirar um dinheiro da gente. Nós pagamos tudo em dia, acho que você já pode ir embora.

AMELIA- Não, agora eu quero que ela fique. Fale, o que você precisar falar.

AMELIA pega na mão de SOL.

SOL- Amelia, desculpa eu não queria, mas era isso ou perder meu emprego, não se nega alguma coisa para seu chefe. (*SOL começa a chorar*).

AMELIA- Tudo bem, está tudo bem. Só diga.

SOL- Enquanto você estava fora, lá no hospital e dormindo no hotel, o Senhor Marcus me pedia para fazer algumas coisas a mais. (*SOL faz uma pausa, um silêncio predomina no ambiente*). Algumas vezes ele sugeria que a gente ficasse, sabe, junto, não era nada forçado, eu só aceitava, mas juro que era porque não tinha escolha, e acabei engravidando.

MARCUS- Sol, como você consegue mentir tanto! eu nem me preocupo com isso, né Amelia? Ela deve ter dado para alguém por aí, e quer que eu banque o filho!

AMELIA- Marcus, cala a boca, deixa ela continuar.

SOL- Amelia, eu não vim aqui para pedir pensão ou teste de DNA nem nada, eu já crio dois filhos assim, um terceiro não deve ser tão difícil, mas tive muito medo, eu só fiquei com medo, tive COVID algumas semanas atrás, que nem eu te falei agora pouco, e queria ir no médico para saber se podia afetar o bebê, estou de quase 2 meses.

MARCUS- Mas isso é tão clichê! Não me venha com essa história triste para cima de mim.

MARCUS *tenta agarrar o braço de SOL, mas AMELIA impede.*

AMELIA- Clichê? Você estava comendo a porra da empregada, isso é clichê. Mas, Sol, o que você disse do COVID?

SOL- Eu tive algumas semanas atrás, eu fiz o teste, mas o laboratório deve estar com muita demanda, eu recebi o resultado uns 10 dias atrás, foi quando eu falei para o seu marido, e ele me mandou embora.

AMELIA- Então, você estava com COVID, aqui, na casa? com o Miguel? (*AMELIA começa a alterar-se*).

MARCUS- Porra, Amelia, como você consegue acreditar nela.

AMELIA *anda para a ponta do palco, de costas para os dois.*

SOL- Eu peço muitas desculpas, eu não sabia na época, estava sem sintomas nenhum, mas fiz o teste por causa do lugar que trabalho. Mil desculpas.

AMELIA (*chorando*)- Não é de você que eu tenho raiva, você não tem culpa nenhuma, mas, mas, ah não... (*apontando para MARCUS*) Como você conseguiu fazer isso comigo? Seu... ahhh. Como eu fui burra.

MARCUS- Mas, vamos lá. Amelia, você me traiu, você teve um filho. E quer jogar isso para cima de mim, se orienta.

AMELIA- Você acha mesmo que eu estou brava por você ter um caso? Mas não é possível que você seja tão fingido. Você quis que acreditasse por todo esse tempo que eu fui a única responsável pela morte do meu filho... *(interrompida por MARCUS)*.

MARCUS- Mesmo se essa história for verdadeira, ainda teve a festa, você tem culpa sim, você deveria saber.

AMELIA (vira para o marido e começa a gritar)- Como você pode dizer isso, seu desgraçado? O que você tem nessa sua cabeça de merda. Como eu aceitei isso? Eu deveria ter ido embora no seu último surto, eu fui burra.

MARCUS- O último surto que você provocou, você quer dizer. Você que me traiu, não sei se você lembra, você e aquele infeliz de jaleco, criaram aquele bastardinho, talvez seja até por isso que você quis matar seu filho, você já tinha outro.

AMELIA- Você acha, mesmo, você acha que uma mãe escolheria matar um filho? Eu posso até ter levado isso para ele, mas você também tem culpa, você parou de tomar os remédios, e explodiu de novo, virando isso, essa... essa coisa, psicopata!

MARCUS empurra AMELIA em direção a mesa. Nesse momento a mesa vira e várias coisas caem no chão, incluindo uma faca.

MARCUS- Eu sou o psicopata? você queria acabar com esse casamento desde o primeiro segundo. Você que está me fazendo ser assim, eu nunca estaria entalado até o pescoço de merda se não fosse por você. Você quer sugar cada pessoa, cada sorriso, se você está triste, todos precisam estar, para você ser ter um milésimo de felicidade.

AMELIA- Como você consegue ser tão...seu filho da puta. Você é maluco por causa de você, não por causa de ninguém e muito menos eu. Eu tentei te ajudar, todo o dia eu sempre me preocupei, sempre, todo o momento, e você sempre quis me torturar. Você diz que me desculpou pelo nascimento do João, mas fez isso para me perturbar, e agora isso, como alguém pode ser mais maluco do que isso.

SOL tenta fugir do apartamento, mas MARCUS pega a faca no chão e segura SOL por trás e coloca a faca perto do pescoço da mulher.

MARCUS- Tá bom, você não diz que eu quero te perturbar? Então agora vamos para essa, ela vai morrer e quem você acha que vão acreditar? Em mim, um homem do lar que cuidava do seu filho de sangue e outro que nem era seu e tinha que dar “certos” pulos, ou a médica, que deu uma festa na pandemia e abandonava seu filho e gritava a todo momento no prédio e acabou de descobrir as diversões do marido.

AMELIA- Marcus, acho que já está indo longe demais, larga ela, vamos nos acertar entre nós, não precisa disso.

MARCUS- Me responde! Ou já sabe.

AMELIA observa Sol chorando com a faca próxima ao seu pescoço e AMELIA chora e não consegue dizer nada.

MARCUS- Vamos responda. Acho que você entende a gravidade dessa situação. Você não entendeu?

MARCUS se aproxima da face de AMELIA.

MARCUS- Você me entendeu?!

AMELIA (chorando) - Sim, sim. Entendi. Você está certo. Ninguém acreditará em mim.

MARCUS- Era só isso que eu queria.

MARCUS solta a faca no chão junto com SOL. AMELIA pega a faca e enfia no pescoço do marido.

MARCUS- Amor, amor.

AMELIA- Eu não sou seu amor. Você me entendeu? Seu psicopata de merda.

AMELIA sai de cima do marido e abraça SOL.

A som de viatura vai aumentando enquanto as luzes vão apagando.

Sobre o Autor: Gabriel Felix Alves, recém-formado no ensino médio, aspirante a influencer e youtuber sobre cultura pop dentro da empresa Sériextou. Adentra o mundo do teatro para conhecer mais sobre a arte que tanto ama e o inspira.

Contato: gabi.fx21@gmail.com

E SE OUVISSEM ELA?

Ingrid Veiga

Personagens:

Nanci

Roberto (Marido de Nanci)

Emilia (mãe de Nanci)

Alice (amiga de Nanci)

Pedro

Luisa

Zélia

Carina

Vitoria

Alipio

CENA 1

Em uma sala com 10 convidados espalhados, é o chá de bebê do primeiro filho de Nanci. Nas paredes balões e uma decoração azul, no canto da sala um mesa com o bolo com os convidados em volta ouvindo Nanci e Roberto falarem

NANCI: obrigada pela presença de todos, eu fico muito feliz em poder compartilhar esse momento com vocês.

EMILIA: Embora eu seja nova para isso estou ansiosa para ser avó.

ZÉLIA: *(em pensamento, no foco de luz)* é padecer no paraíso, só de lembrar do chororô me dá desespero. *(em voz alta)* É muito bom minha amiga.

ROBERTO: meu sonho enfim se realizou.

CARINA: *(fala para si mesma, no foco de luz)* tomara que depois que virar mãe não fique desleixada.

NANCI: *(sente-se incomodada como se ouvisse alguns pensamentos)* para todos, ou para a maioria de nós, é uma imensa alegria.

ALICE: O Pedro com certeza será muito amado por todos nós.

VITORIA: *(em pensamento, no foco de luz)* depois que nascer some metade. *(diz para Nanci)* agora você terá a maior das responsabilidades.

NANCI: *(segura Roberto pelo braço)* nós teremos.

ALIPIO é meu amigo, acabou a diversão vai ter que trabalhar o dobro agora.

Enquanto organizam as decorações em uma caixa, Nanci desabafa com Roberto

NANCI: às vezes não entendo qual a finalidade de uma festa para celebrar a chegada de um bebê com tantas pessoas

ROBERTO: hoje foi um dia legal, é bom ter por perto pessoas que torcem por nós.

NANCI: eu não leio pensamentos, mas de longe eu sei quem realmente se importa.

ROBERTO: às vezes acho que você exagera

NANCI: então daqui uns anos você me conta, se estou exagerando.

ROBERTO: você viaja.

NANCI: o que você chama de viagem, eu prefiro chamar de intuição.

CENA 2

Sentados no tapete da sala, um sofá grande ao fundo, do lado um cercadinho de criança, brinquedos espalhados pelo chão Pedro brinca no colo de Roberto e Luisa engatinha perto de Nanci

ROBERTO: eles estão crescendo tanto, você vai ter um trabalhão imenso

NANCI: nós iremos né

ROBERTO: sim, amor, nós.

PEDRO: papai quero ir no parque aquático de novo

ROBERTO: temos que ver com a mamãe quando ela pode

As luzes se apagam, Nanci se levanta com a cena pausada e em grande quadro branco entra em cena

NANCI: *(com uma caneta escreve no quadro enquanto fala com a plateia)* bem vindas ao curso “isso é coisa de mãe”, a primeira lição de hoje é não coma nos horários certos, não tome banho e qualquer decisão que tenha que tomar com o marido deixe que ele coloque toda a responsabilidade em suas mãos. Voltemos à programação normal.

O quadro vai para segundo plano, Nanci volta para o tapete e a cena continua

PEDRO: mamãe vamos vamos

NANCI: só quando a Luisa crescer mais um pouquinho e puder entrar na piscina também

ROBERTO: ela pode, eu não sei por que você fica com tanto receio dessas coisas

NANCI: não é receio, é só ler um pouquinho e você vai ver que tem algumas coisas que são importantes evitar para não prejudicar o bebê.

ROBERTO: tudo bem amor, só acho que algumas coisas são demais

NANCI: então vou te dar um manual e algumas outras coisas para ler

ROBERTO: tudo bem, eu entendo, amor

NANCI: tá bom, você foi sorteado pra trocar a Luisa

ROBERTO: *(com voz dengosa)* mas eu to com o Pedro agora e cocô é meu ponto fraco

A cena pausa, o quadro volta e Nanci recomeça

NANCI: lição número dois, como lidar com o nojinho ou preguiça do papai? Ele não *(faz aspás com a mão)* “sabe” trocar o nº 2 e não quer aprender, mas como uma boa mãe acredite nele, amanhã ele vai.

O quadro volta para o segundo plano e a cena recomeça

NANCI: olha, a próxima é sua e eu não abro mão

ROBERTO: combinado, meu amor

NANCI: minha mãe vai chegar daqui a pouco

PEDRO: quero ver a vovó

ROBERTO: acho que só você hein

NANCI: Roberto! *(em pensamento para a plateia)* o incômodo pela sogra vem de brinde.

ROBERTO: é brincadeira, amor

NANCI: dizem que toda brincadeira tem um fundo de verdade

ROBERTO mas eu estou brincando mesmo

NANCI: sim, sei

O quadro sai de cena. Campainha toca, Nanci se levanta e abre a porta, Emília se senta no sofá e Nanci senta-se novamente

NANCI: Vou preparar o almoço do Pedro

EMILIA: a Luisa não almoça?

ROBERTO: não, diz ela que a Luisa ainda não tem idade

EMILIA: vocês quando pequenos, nessa idade, já comiam de tudo

NANCI: *(se levanta e começa a arrumar os brinquedos)* tudo bem, mas eu preferi fazer de outra forma com ela

EMILIA: às vezes você inventa umas coisas sem pé nem cabeça

ROBERTO: também acho

NANCI: *(vira-se para Roberto)* mas já havíamos conversado sobre isso, não é mesmo?

ROBERTO: mas eu não concordei cem por cento

NANCI: *(fingindo uma tosse enquanto fala)* cusão

ROBERTO: amor, não entendi o que você disse

NANCI: eu disse que, disso, eu não sabia

ROBERTO mas tudo bem, você faz da forma que achar melhor

NANCI você tem alguma sugestão?

ROBERTO não, amor, você faz como quiser

EMILIA vamos, eu te ajudo

Na sala, depois do jantar Nanci e Emília estão sentadas em poltronas que estão posicionadas uma de frente para a outra

EMILIA: ele é muito atencioso, com as crianças, né?

NANCI: sim, é sim

EMILIA: ele foi fazer elas dormirem?

NANCI: enquanto você lavava a louça eu fiz elas dormirem, ele só levou elas para a cama

EMILIA: que bonitinho

NANCI: o Pedro?

EMILIA não, o Roberto com as crianças

NANCI: sim

EMILIA: vocês não pensam em ter outro?

NANCI: eu não daria conta

EMILIA: mas eu/

NANCI: você deu conta de quatro crianças, eu sei

EMILIA: que tom é esse comigo?

NANCI: mãe, eu só estou cansada

EMILIA: tudo bem, já vou indo

NANCI: fique mais um pouco

EMILIA: preciso ir agora, descansa um pouco

NANCI: farei isso

EMILIA: até mais

NANCI: até, beijo mãe

EMILIA: você é forte, vai tirar de letra tudo isso

Emilia sai pela porta, Nanci fica em pé no meio da sala

NANCI: quem quer ouvir alguém insatisfeito? No caso dela, cuidou de mim, me preparou para o mundo, me ensinou tudo de a à z, como eu posso ter problemas? De que forma eu perdi o controle das rédeas que ela colocou nas minhas mãos? Eu sou forte, ela me ensinou a ser forte e se eu não for quem não aprendeu fui eu *(as lágrimas tomam conta do seu rosto e a luz se apaga)*

CENA 5

Nanci sentada em uma cadeira alta apoiada no balcão que divide a sala da cozinha conversa com Alice que acaba de chegar, Pedro e Luisa brincam no sofá

ALICE: Oi amiga, como vai?

NANCI: Oi, estou bem, calma ai. Gente desce dai.

ALICE: Estou bem, me divirto com nossos encontros, sempre interrompidas pelas crianças.

NANCI: verdade, imagina Roberto e eu quase não conseguimos conversar ou namorar

ALICE: morro de vontade de ter filhos, mas não sei como seria com o Paulo, o Roberto te ajuda com as crianças?

NANCI: não gosto de dizer que é ajuda, na verdade é a parte dele, né?!

ALICE: esses dias vi ele levando as crianças para vacinar, ele é um bom pai

O quadro branco retorna para a sala com algo escrito

AGENDA

Vacina das crianças na quinta,
avisar Roberto.

NANCI: é sim. Esses dias aconteceu algo engraçado, combinamos de ir assistir uma peça, eu fiquei em casa para arrumar as crianças e ele foi cortar o cabelo, eu simplesmente esqueci de tomar banho e me arrumar, ele chegou eu só vesti uma roupa, sem banho mesmo e saímos, deixamos as crianças na minha mãe e corremos, mas não teve jeito não conseguimos entrar ficamos sentados na porta do teatro com cara de tacho

ALICE: e ele não ficou bravo não?

NANCI: ficou mas depois entramos em um bar lá perto e bebemos umas 3 cervejas

ALICE: e foi o suficiente não é? Você bebendo? Milagres acontecem. E as crianças?

NANCI: *(em pensamento)* beberam junto, é claro. Duas mamadeiras cheinhas de gin. *(para Alice)* se divertiram horrores com meu “jeito estranho”

ALICE: daria o mundo para ver essa cena

NANCI: mas eu precisava, estou tão cansada

ALICE: estou imaginando a cena

NANCI: é tão difícil conciliar tudo

ALICE: amiga você consegue, você é guerreira, a melhor e mais dedicada mãe que eu já conheci

NANCI: é

ALICE: e vocês dois, como estão?

NANCI: Roberto tem trabalhado bastante, esse emprego exige muito dele

ALICE: imagino, ele e o Paulo quase não se encontram mais

NANCI: sim, estou arrumando um jeito de conversar com ele sobre nossos horários

ALICE: e o que ele achou da ideia do nosso negócio?

NANCI: ainda não contei

ALICE: e por que não?

NANCI: ele chega sempre muito cansado mal conseguimos conversar

ALICE: não adianta, você sabe que tem que falar. Ele vai saber no dia da inauguração?

NANCI: não, eu vou falar com ele o mais rápido possível

ALICE: não é um bicho de sete cabeças, você quer isso

NANCI: e vai ser algo bom para a gente, para as crianças

ALICE: sim, vai sim

NANCI: sim, obrigada por isso

Elas continuam conversando e acertando os detalhes do grande negócio

CENA 6

Nanci está no sofá com papéis por toda sua volta enquanto lê

PEDRO: mãe, mãe, mãe

NANCI: Pedro, quantas vezes vou ter que repetir, quando eu estiver resolvendo assuntos do meu projeto não é para fazerem barulho?

PEDRO: eu queria brincar lá fora com a Luisa

NANCI: *(pega Luisa do cercadinho)* Agora não, preciso terminar tudo porque amanhã vamos para a casa da sua avó

PEDRO: mas não saímos hoje

NANCI: acho que tem uma surpresinha nessa fralda, pega aquela bolsa para mim

PEDRO: por favorzinho, vamos

NANCI: deixa eu ver o que temos aqui... obrigada pelo presente filha

PEDRO: que cheiro ruim, isso não é presente não

NANCI: acho que ela precisa de um banho

PEDRO: vamos

NANCI: Pedro nós não vamos, eu preciso dar banho na sua irmã, eu estou cansada, dê um tempo eu preciso respirar

PEDRO: nossa

NANCI: não é nossa, até parece que não vê a correria o dia inteiro aqui

NANCI: tira o controle da TV da boca, colabora comigo

PEDRO: mãe

NANCI: oi

PEDRO: seu cabelo ta um pouco bagunçado

NANCI: é, não penteei hoje

PEDRO: a vovó não arrumou?

NANCI: não, por que?

PEDRO: porque as mães arrumam os cabelos, você arruma sempre o meu e o da Luisa, que bom que você ta aqui.

NANCI: pega o quadro branco

(Pedro sai da sala e volta empurrando o quadro branco com rodinhas e para no meio da sala, Nanci começa a fazer anotações)

Como pentear o cabelo?

Você vai precisar de: 1 escova, creme de pentear
e acessórios se quiser.

Espalhe o creme massageando levemente, penteie com a escova e faça o penteado da forma que preferir.

NANCI: Bom, vamos tomar um banho porque hoje tem aula.

CENA 7

Nanci acaba de colocar as crianças para dormirem no quarto. A sala está organizada, a luz está baixa e Nanci senta-se no sofá pega seu livro

NANCI: Acho melhor colocar as roupas no varal ou será que... Caramba já são 18h45 vou preparar o jantar.

ROBERTO: Oi amor, cheguei!!!

NANCI: Xiiiiii, os anjinhos estão descansando.

ROBERTO: Verdade, hora do soninho.

NANCI: como foi seu dia?

ROBERTO: cansativo,

NANCI: tome um banho e venha comer, temos um tempinho só nosso.

ROBERTO: sim, volto em 1 segundo.

Nanci prepara a mesa e Roberto volta do banho

NANCI: se sirva e senta aqui comigo

ROBERTO: Acho que

NANCI: eiiiiii

ROBERTO: *(pegando as tampas das panelas no chão)* desculpe, só estava falando sobre meu dia

NANCI: tudo bem, continue

ROBERTO: enfim, acho que teremos que trabalhar até mais tarde durante a semana que vem para conseguirmos entregar tudo.

NANCI: mas e nosso jantar na quinta?

ROBERTO: já sabe com quem iremos deixar as crianças?

NANCI: fiquei de ver com a minha mãe, mas ainda não consegui falar com ela

ROBERTO: ela está sem celular?

NANCI: não, nem encaminhei mensagem para ela. Podemos ir lá amanhã?

ROBERTO: e como você quer que ela responda? Amanhã te deixo lá e te busco na hora em que voltar do futebol.

NANCI: você poderia ficar conosco para comer uma pizza

ROBERTO: ah não! Sua mãe adora falar da forma que você educa as crianças

NANCI: é o jeito dela, o mínimo que ela espera de mim é que eu faça um bom trabalho com eles.

ROBERTO: mas não gosto. Saio mais cedo do jogo e fico com vocês.

NANCI: estou tão cansada, eles precisam de mim para tudo. E quem precisa de você? Seus amigos do futebol?

ROBERTO: caramba, aproveita que eles estão dormindo e descanse um pouco

NANCI: na verdade eu preciso de um tempo. ROBERTO: e as meninas? Saia com elas para algum lugar. A sua mãe com certeza não se importaria em ficar com as crianças

NANCI: ela já faz bastante durante a semana, não vou pedir para ela que as olhe enquanto eu saio

ROBERTO: mas você tem o direito de se divertir

NANCI: sim, eu tenho. Mas me parece que isso só se aplica a você.

ROBERTO: com certeza ficaria com elas, mas estou com tanta coisa acumulada

NANCI: é, eu dou um jeito. Eu sempre dou um jeito.

ROBERTO: não gosto que fique assim, sinto que não faço o suficiente

NANCI: não amor, você faz sim. A famosa licença poética que o homem tem para ser um completo idiota quando estão de frente a responsabilidades me consome e te absolve de qualquer culpa

ROBERTO: então não fique assim, sinto como se fosse algo que eu fiz

NANCI: eu só sinto sua falta e falta da sua companhia

ROBERTO viu, então a culpa é minha

NANCI: *(dizendo para si mesma)* o curioso caso do homem Sol, acha o universo inteiro gira em torno dele.

ROBERTO: já que não vai mais dizer nada tudo bem, vou lavar a louça do jantar e deitar

NANCI: não adianta eu tentar explicar, você nunca entenderia

ROBERTO: é, eu nunca te entendo

NANCI: eu vou subir e arrumar a cama para a gente

ROBERTO: vou assistir um pouco aqui na sala e já vou

NANCI: por favor, vê se não vai pegar no sono ai no sofá

ROBERTO: fique aqui comigo

NANCI: fico, só vou pegar uma coberta

ROBERTO: eu amo você

NANCI: eu amo você

deitados no sofá

NANCI: amor

ROBERTO: oi

NANCI: hoje estava conversando com a Alice e ela mal me respondeu, não sei se está acontecendo algo

ROBERTO: será?

NANCI: não sei, não pude falar muito porque as crianças precisavam tomar banho

NANCI: estava pensando, assim, se você conseguisse de alguma forma, para dividirmos os afazeres com as crianças para que eu tivesse um tempo pra mim, pra organizar minha coisas

(Roberto pega no sono)

NANCI: amor?

NANCI: amor? Dormiu?

ROBERTO: sim

NANCI: como sempre. Vamos para cama.

CENA 8

Nanci prepara o café no balcão da cozinha, Roberto chega se senta e apoia-se no balcão

NANCI: quase não consigo te acordar para ir pra cama

ROBERTO: estava com muito sono. Saímos umas 20h, ok?

NANCI: falei com minha mãe mais cedo e ela vai vir aqui, inclusive já deve estar chegando.

ROBERTO: então vou correr pra não encontrar com a fera

Campainha toca

NANCI: ela chegou, olha pra mim, controla sua língua

ROBERTO: tá bom, calma

Dona Emilia chega e se senta ao lado de Roberto

EMILIA: cortou o cabelo? Está bonito hoje, mas precisa engordar um pouquinho né?!

ROBERTO: Não consigo passar dos 75kg

EMILIA: precisa se alimentar melhor

ROBERTO: vou indo, tenham um ótimo dia *(sai pela porta)*

EMILIA: onde estão as crianças?

NANCI: foram para a escola

EMILIA: a Luisa é muito pequena para ir para a creche, não acha?

NANCI: mãe, vou voltar a estudar. Preciso de um auxílio com as crianças

EMILIA: pois é, deveria ter pensado melhor por conta da pequena

NANCI: enfim, ela está gostando bastante. Ontem chegaram cansados e dormiram bem cedo

EMILIA: filha vou ter que falar só uma coisa, você precisa urgente se arrumar, comprar umas roupas

NANCI: ai, vai começar

EMILIA: eu estou te alertando. Agora você tem seu marido, sua casa e você precisa se arrumar

NANCI: mãe eu estou fazendo o possível, tem dias que não tenho tempo nem mesmo para tomar um banho

EMILIA: filha, isso não é desculpas eu cuidei de vocês quatro e nunca saí mal arrumada na rua

NANCI: eu sei, essa semana vou a alguma loja ver algumas roupas novas

EMILIA: é, tem que se organizar, sair, passar um batom

NANCI: tudo bem mãe

EMILIA: encontrei a Alice, ela está tão bonita

NANCI: ela sempre foi

EMILIA: verdade, ela estava de carro. Ela dirige e tudo

NANCI: ontem conversamos, achei ela um pouco estranha, queria saber se aconteceu algo com ela

EMILIA: ela ainda está com o marido dela? Qual o nome?

NANCI: Paulo, esta sim

EMILIA: viu? Ela não deixou de se cuidar por isso

NANCI: você sabe o quanto eu odeio que me compare

EMILIA: não é uma comparação, é uma referência

NANCI: o Roberto está tão distante, mal conversamos

EMILIA: é assim mesmo, por isso que você tem que se cuidar e cuidar das crianças

NANCI: sim

EMILIA: homem é assim, se achar que não está bom eles procuram/

NANCI: procuram o que? Outra? Eu também estou cansada, mãe. Na verdade estou exausta e nem por isso estou indo atrás de “outros”

EMILIA: o que quero dizer é que ele te ajuda muito com as crianças e que você deveria se cuidar para que vocês sempre se desejem

NANCI: ele não me ajuda, ele faz a parte dele. Ainda bem que ele está aqui, não sei o que seria de nós, mas olha o quanto eu faço. Será mesmo que eu preciso de um filho barbado?

EMILIA: ele não é seu filho, mas também precisa de alguns cuidados

NANCI: tudo bem, mas preciso fazer várias outras coisas

EMILIA: mas você é mãe e mãe é ser isso, não é o que você sempre quis?

NANCI: eu não posso abrir sua cabeça e colocar o que eu acho dentro, então pense como quiser

EMILIA: bom, tomei a liberdade de chamar a Alice para vir tomar um chá com a gente.

NANCI: como você a convida para vir, sem ao menos me avisar?

EMILIA: ué, ela não é sua amiga?.

NANCI: claro, mas a casa é minha. Seria interessante que eu fosse avisada, enfim vou pegar mais uma xícara.

EMILIA: você tá chata ein

Alice entra pela porta acompanhada por Nanci e no meio da conversa dispara para Nanci

ALICE: conversou com o Roberto?

EMILIA: conversou o que?

NANCI: nada mãe coisas sobre a empresa

EMILIA: Nanci você mente tão mal, me conte o que aconteceu

ALICE: *(cochichando para Nanci)* me desculpe

NANCI: tudo bem amiga

NANCI: bom, tem sido difícil conciliar tudo. E agora quero voltar para meus estudos e trabalho

EMILIA: acho que ainda não é o momento

ALICE: lindo colar, dona Emilia.

NANCI: bom, o Roberto tem estado muito distante. Embora eu não lembre quando ele esteve presente de fato. Tentei conversar com ele ontem sobre a divisão com as crianças mas sem sucesso

EMILIA: vou te dar um conselho de mãe, casamento não é mil maravilhas. Estou com seu pai há 27 anos, você realmente acha que foram só alegrias? Tem que haver muita sabedoria no casal, principalmente na mulher.

ALICE: é, fases assim passam, mas o amor e o apoio que você tem com ele, não. As crianças vão crescer e tenho certeza que ele estará com vocês, veja se isso é o melhor para vocês.

NANCI: então ai vai um conselho de filha e amiga. Mãe você realmente seguiu o caminho que seu coração pediu? Você foi ouvida ou viveu em função de algo que você criou? Responda essas perguntas e me diz. Alice nem tudo depende da aprovação de ninguém, muito menos do seu companheiro, as escolhas dele têm o seu apoio, mas e as suas?

EMILIA: hoje você está irritada demais

NANCI: então segura a bomba, voltei a estudar e estou abrindo meu negócio.

Nanci se levanta e encara a mãe

EMILIA: o que o Roberto achou disso?

NANCI: ele não achou nada ainda, quando eu contar vou descobrir.

EMILIA: a base de tudo é a confiança, como você faz isso e não conta para ele, como você quer que dê certo assim?

NANCI: mais uma regra do casamento foi quebrada, pois é. Acho que viverei bem com isso quando eu decidi fazer

EMILIA: quando foi que você ficou tão grosseira deste jeito?

ALICE: eu não sei o que te dizer, eu vou estar aqui em qualquer coisa que aconteça

NANCI: ou que eu decida.

EMILIA: você está jogando tudo para o alto, mas já vi que é cabeça dura demais para me ouvir

NANCI: pois é, está dando o horário de buscar as crianças na escola

ALICE: eu preciso ir também, eu estou aqui com você qualquer coisa me ligue que venho correndo. *(Alice pega sua bolsa e sai apressada)*

EMILIA: depois não diga que eu não avisei. Eu amo vocês e as crianças ficarão comigo, fique tranquila.

CENA 10

NANCI: Boa noite, meu bem. Venha jantar, enquanto vou aguardar as plantas.

ROBERTO: Boa noite, meu amor. Sente-se comigo elas, podem esperar.

NANCI: Tudo bem. Elas têm exigido muito de mim, mal tenho tempo...

ROBERTO: Você poderia administrar melhor seu dia, assim daria tempo de fazer tudo e sobraria tempo para vocês.

NANCI: Preciso aguardar as plantas, mal as vi hoje

ROBERTO: as crianças já exigem muito de você, acho que não há necessidade/

NANCI: verdade, pra quem ter filhos se o mundo está cheio de gente?

ROBERTO: não entendi. Mas preciso dizer que você fica linda quando está preocupada.

NANCI: Tem um minuto para uma história?

ROBERTO: Claro!

NANCI: Certa vez um pássaro, ao voar sobre um jardim desconhecido, se apaixonou pelo canto de uma flor. Então ele se aproximou e disse: 'o seu canto é lindo, o que te inspira?' E a flor respondeu: 'Na verdade o que canto é uma prece, para que um dia eu possa ver a fruta que nasce naquela árvore, aquela no topo da montanha'. O pássaro sorriu: 'sim eu as como todos os dias, são as mais saborosas de toda a ilha'. A planta chorosa diz: 'Que sorte a sua, queria ao menos poder ver uma pequena frutinha sequer, daqui elas brilham tanto'. O pássaro se despediu e voou. Então depois daquele dia, o pássaro ia todos os dias escutar o canto da flor.

ROBERTO: é só isso? Acabou? Por que...

NANCI: Por que ele não levou uma fruta para que a pobre planta realizasse seu desejo? Bom, o canto de dor o encantava muito mais e se ela visse o fruto de perto ele perderia o canto dela. E você, por que não as rega comigo?

ROBERTO: você sabe que não entendo sobre plantas

NANCI: mas sobre crianças você entende ou pelo menos deveria entender.

ROBERTO: onde você quer chegar com essa conversa?

NANCI: eu preciso voar, eu sinto falta das minhas asas. A forma como tudo recai sobre mim, principalmente as crianças

ROBERTO: de novo esse assunto? Ontem eu disse que te ajudaria

NANCI: então você estava acordado?

ROBERTO: estava mais ou menos

NANCI: você entende? Sempre que digo sobre as responsabilidades suas como pai, você foge ou “dorme”, ou tem o futebol, no outro dia vai sair mais tarde

ROBERTO: eu faço o melhor para vocês, principalmente para as crianças

NANCI: então vai ter que melhorar muito pra chegar na metade do que eu faço. Gostaria de saber em que momento foi dito que a função do pai é exercida uma vez por semana quando leva para tomar vacina ou corta as unhas das crianças

ROBERTO: eu dou banho, eu corto as unhas penteio os cabelos

NANCI: sim, quando eu não posso fazer. Nunca parte de você, essa é uma preocupação que foi jogada no meu colo e eu tive que cuidar como cuido das crianças

ROBERTO: o que você tem hoje?

NANCI: é o que eu tenho todos os dias, cansaço de levar tudo sozinha. Eu vou voltar a estudar e vou abrir um negócio com a Alice/

ROBERTO: como assim? Desde quando isso?

NANCI: desde quando eu decidi

ROBERTO: e por que eu não soube disso antes? E as crianças ficarão com quem?

NANCI: Senta aqui comigo e vamos decidir, o que faremos?

ROBERTO: você quem vai começar a estudar, você deve saber

NANCI: pois é, já decidi e resolvi tudo sozinha e ainda dei banho e agasalhei as crianças. Supermãe? Eu diria sobrecarregada, mas me diz aí, quanto do seu tempo vai ser dedicado a elas?

ROBERTO: você quebrou minha confiança, quando fez isso sem me contar. Eu não sei se consigo mais continuar com isso

NANCI: pois bem, onde eu assino?

ROBERTO: você mudou, eu não te reconheço mais. Vai criar elas sozinha.

NANCI: isso eu faço desde que elas nasceram. Então tá decidido, a mãe leva e o pai busca depois o advogado acerta tudo. *(vai em direção a porta e depois volta)* Ah eles saem às 17h da escola, esteja lá no horário

ROBERTO: que escola? Como assim escola? Nanci volta aqui, volta aqui

NANCI: (fora de cena) de barriga cheia e banho tomado

ROBERTO: eu ou as crianças?

Sobre a autora: Ingrid Veiga nasceu em 1998, com apenas 22 anos resolveu deixar a faculdade de Pedagogia em segundo plano para se aventurar no mundo artístico. Está em formação no teatro e agora mergulhou no universo da Dramaturgia. Sua primeira obra “E se ouvissem ela?”, conta a história de uma mãe solo e foi baseada em sua vida, pois também é mãe e vê de perto todos esses desafios.

SOBRE VOOS

Henrique Andrade

CENA I

Família de pássaros sentados à mesa, estão jantando, um silêncio incômodo no ambiente. Uma grade na frente dando a impressão de que estão em uma gaiola.

PÁSSARO PAI: Filha, o jantar foi servido você não vai comer?

PÁSSARO FILHA: Não estou com fome

Os pais se olham, pássaro pai faz sinal com a cabeça para que o pássaro mãe fale com a filha

PÁSSARO MÃE *se levanta e apoia as mãos sobre as costas da filha*: Oi, filha. Está tudo bem?

PÁSSARO FILHA: Mãe, por que não posso voar como os outros pássaros?

PÁSSARO PAI *batendo na mesa*: Mas, novamente este assunto? E ainda na hora da refeição. Não poderia esperar um outro momento pra estragar nosso dia?

PÁSSARO MÃE: Não fale assim!

PÁSSARO PAI: Então eduque melhor sua cria!

PÁSSARO FILHA *se levantando da mesa*: Por que é um assunto proibido? Por que toda vez que toco nele se cria um problema? Vocês não me ouvem e eu nem consigo expressar o que sinto, nem tenho chances de contar quantas vezes sonhei sobrevoando o céu...

PÁSSARO PAI *se levantando da mesa*: Não quero saber deste assunto! Você não sai daqui e ponto.

PÁSSARO FILHA *olhando para sua mãe*: MÃE! Você não vai dizer nada?

PÁSSARO MÃE: Ouça seu pai, benzinho! A gente só quer te proteger.

PÁSSARO FILHA: Eu nem sei do que vocês querem me proteger, eu cresci aqui, presa, observando as coisas através de grades

PÁSSARO PAI: E por que não está bom pra você?

PÁSSARO FILHA: Porque eu nasci com asas!

PÁSSARO PAI: Posso resolver isso

PÁSSARO MÃE: O que você quer dizer com isso?

PÁSSARO FILHA: Eu vou voar! Nem que seja...

Aparece Plínio em seu quarto com papéis, notebook e uma câmera no tripé. Na parede estão grudadas algumas notícias de jornal, quadros com pintura impressionista, e um quadro coberto com um tecido preto, a cama está desarrumada.

PLÍNIO, *em pé, olhando para um ponto fixo*: A última coisa que eu faço

Rasgando os papéis que estão em sua mão, andando de um lado para o outro. Respira para manter a calma, se ajoelha para falar com seu santo protetor que possui um altar montado em sua escrivaninha.

PLÍNIO, *indignado*: NÃO! Tá péssimo, tá horrível, foi a pior coisa que já escrevi em toda a minha vida, Brecht deve estar se revirando no túmulo com tamanha incapacidade, texto cafona, extremamente simples, tá normal, falta estranhamento. Desisto, prefiro ser conhecido como o dramaturgo de uma peça só do que escrever qualquer coisa que seja um fracasso. *(Ajoelhando-se para o santo)* Ai meu, santinho! por que fui inventar de querer falar em liberdade em tempos de pandemia hein? *(Passando álcool em gel nas mãos desesperadamente)* Preso nesse quarto há dias. Sozinho *(pausa)*. Como se não bastasse essa maldita doença lá fora, se ela consegue entrar eu nem quero pensar no que pode acontecer...

Alguém batendo na porta, é a mãe de Plínio, personagem não aparece, apenas ouve a sua voz.

MÃE DE PLÍNIO, *aflita*: Filho, está tudo bem aí?

Plínio corre até a porta, mas não abre

PLÍNIO: Oi, Mãe! Tudo bem sim.

MÃE DE PLÍNIO, *aflita*: Você não vai sair desse quarto?

PLÍNIO: Desculpa, tenho andado bastante ocupado aqui, mas não precisa se preocupar....estou bem.

MÃE DE PLÍNIO, *aflita*: Você tem certeza, filho?

PLÍNIO:Tenho, sim.

Encosta o ouvido na porta, percebe que não há mais ninguém do outro lado. Respira profundamente, coloca uma boina e óculos escuro, posiciona o celular no tripé.

PLÍNIO: Gravando em 3,2,1 voilá

TCHEKOV SURTADO: Quarenteners Surtades! Sejam bem vindes a mais um vídeo do meu canal. Vem comigo, amantes da arte e salvadores da cultura, segurando nas mãos de Dionisio e aproveitando a única gota de serotonina que nos resta. Tchecov Surtado chega neste humilde canal à grande marca de 150 mil inscritos. AEEEEEEEEEE! Muito Obrigado, vocês que me acompanham por aqui. Quem diria que em 02 anos de canal chegaríamos a essa marca, isso que é um grande surto!

Pausa a gravação. Retirando os acessórios

PLÍNIO: Não sei se devo continuar com isso, acho melhor não misturar as coisas, somos tão diferentes. As pessoas gostam de Tchecov e não de mim.

Colocando os acessórios. Se olhando no espelho

TCHECOV SURTADO: Mas também, amigo. Vamos ser sinceros? Olha pra mim, é até ruim a comparação. EU tenho estilo, carisma, humor (*rindo debochadamente*). Já você, é tímido, todo calado, escravo da opinião alheia, inseguro...

PLÍNIO: CHEGA!

TCHECOV SURTADO: Já tá na hora de você mudar, não acha?

PLÍNIO: Você não têm que dizer o que devo fazer. Afinal de contas, você só existe porque eu quero!

TCHECOV SURTADO: É você quem sobrevive porque eu existo! Se não fosse por mim, você já teria terminado como seu...

PLÍNIO, *Jogando os acessórios no chão*: Eu tô cansado disso! De não existir, cansado de não ter voz e de ter que ficar trancado neste quarto!

Indo em direção à porta, para, não abre. Volta, coloca os acessórios

TCHECOV SURTADO: Você é fraco, Plínio! Você sabe que precisa de mim. Agora deixa que eu assumo o rumo desta peça, antes que ela vire um grande pastelão. (*Ligando a câmera*) Diário de gravação Sobre voos. Voo de número I

CENA II

PÁSSARO PAI: Por que você é tão infeliz aqui?

PÁSSARO FILHA: Não é questão de estar infeliz, mas de sentir um desejo interno de estar lá fora junto com os outros pássaros. É maior do que eu.

PÁSSARO PAI: Eu não sei o que eu fiz de errado. Tudo o que você precisa está aqui. Tem alimento, segurança, sua mãe e eu te damos o maior amor do mundo, mas parece que nada é suficiente o bastante pra fazer com que você fique! NADA!

PÁSSARO MÃE, *tentando acalmá-lo*: Tente entendê-la, nós já fomos livres, já sobrevoamos e éramos felizes, antes de virmos parar aqui, você se lembra?

PÁSSARO PAI: Eu só consigo me lembrar de uma coisa e você sabe do que eu tô falando. Eu não vou deixar que isso aconteça novamente.

Pássaro pai e pássaro mãe se olham fixamente.

PÁSSARO FILHA: Do que vocês estão falando? O que não pode acontecer novamente?

PÁSSARO MÃE: Nada não, benzinho! Olha, o seu pai tem razão. É uma loucura você querer sair daqui..

PÁSSARO FILHA: O QUE? MÃE! Eu achei que você tivesse compreendido, é injusto vocês quererem que eu viva uma vida que não é a minha! Viver o que vocês planejaram pra mim. EU NÃO QUERO FICAR PRESA! Se querem negar o fato de que podem voar pra ficarem trancados nesta gaiola, isto é o que vocês escolheram, não eu! E eu vou sair. Isso não é um pedido.

PÁSSARO MÃE: O que você está querendo dizer com isso?

PÁSSARO PAI: Eu já entendi o que ela esta querendo dizer. Eu vou acabar com isso de uma vez por todas

PÁSSARO MÃE *assustada*:: O que você vai fazer?

PÁSSARO PAI: Vamos ver se ela consegue voar sem asas!

Pássaro pai transtornado pega a filha pelo braço e arrasta ela até o centro do palco, pássaro mãe está tentando impedir que ele cometa uma loucura.

PÁSSARO FILHA, *se debatendo*:: Me Solta! Me Solta! Você está me machucando.

PÁSSARO MÃE: Não faz isso! Para! Não faça isso por favor!

PÁSSARO PAI: Ela não vai sair daqui! Ela não vai a lugar algum! Aqui é o lugar dela. Vamos ver se você consegue sair daqui sem asas!

Pássaro mãe se levanta e o empurra pra tentar impedi-lo. Pássaro filha permanece sentada chorando muito.

PÁSSARO MÃE: Não faz isso, me ouve! Você vai acabar machucando NOSSA FILHA!

PÁSSARO PAI, *emocionado*: Ela é quem vai se machucar se continuar com essa idéia absurda de sair daqui. É isso o que você quer? Que a gente passe pelo mesmo sofrimento de novo.

PÁSSARO MÃE: Ela não tem culpa

PÁSSARO PAI: Eu não vou perder a minha filha.

Se levanta, coloca uma caixa cobrindo a cabeça dela e prende seus braços/asas. Pássaro mãe está sentada no chão chorando, Pássaro Pai se ajoelha em frente ao Pássaro mãe segura em seus braços/asas

PÁSSARO PAI: Presta atenção..Olha pra mim...Olha pra mim.. Nós não estamos machucando ela, estamos protegendo, confia em mim, não vamos mais carregar a culpa de perder alguém sabendo que poderíamos ter feito algo pra impedir.

Ele vai até sua filha, a segura em seus braços

PÁSSARO PAI: Perdoa seu pai, passarinha! Eu tenho que fazer isso...eu preciso fazer isso.. tenho medo de perder você.. medo de que aconteça com você o mesmo que aconteceu com... com você vai ser diferente, eu vou fazer de tudo pra te proteger.

PÁSSARO MÃE: A gente não podia ter feito nada pra impedir.

Plínio em seu quarto

PLÍNIO: Você não poderia ter feito nada pra impedir.

PÁSSARO PAI: Poderia sim

PLÍNIO, *jogando um objeto sobre a porta*: PODERIA SIM!

Acende a luz sobre a sala de Plínio, sua mãe está atrás da porta

MÃE DE PLÍNIO, *batendo na porta*: Filho, tudo bem aí? Abre esta porta Plinio, por favor!

Plinio abre a porta, as outras luzes se apagam, deixando apenas a sala em que se encontra sua mãe. Ela parece abatida, está segurando um terço.

PLÍNIO: A gente poderia ter impedido?

MÃE DE PLÍNIO: Eu não sei

os dois se sentam em um sofá

PLÍNIO: Você acha que se a gente pudesse fazer algo pra impedir que aquilo acontecesse, nós faríamos?

MÃE DE PLÍNIO:.....Claro que sim, mas....não sei se a gente consegue alterar algo que esta escrito pra que aconteça.

PLÍNIO: Deus? e por que Ele faria isso?

MÃE DE PLÍNIO:Eu não sei, você que gosta de escrever essas coisas, deve entender melhor do que eu...acho que é mais uma forma criativa de fazer alguém chegar ao seu fim.

PLÍNIO: E, se naquele dia a gente tivesse amarrado ele e impedido de ir, talvez estivesse com a gente aqui.

MÃE DE PLÍNIO: Parece uma boa idéia, mas ele estaria feliz assim?

Plínio vê seu personagem ganhando vida, ele aparece e reaparece em alguns cantos da sala.

TCHECOV SURTADO: Ai que ideia absurda, garoto!

Plínio se levanta assustado do sofá

PLÍNIO: O que você está fazendo aí?

MÃE DE PLÍNIO: Com quem você está falando?

PLÍNIO: Ninguém, mãe!

TCHECOV SURTADO: Que mãe? Está cada dia mais louco!

PLÍNIO: Sai daqui!

MÃE DE PLÍNIO: Sair, mas eu te fiz alguma coisa?

Tchecov Surtado rindo

PLÍNIO: Você não, mãe! Me desculpa!

TCHECOV SURTADO: Que mãe? para de criar coisas, garoto!

PLÍNIO: A minha mãe, está bem a...

Mãe de Plínio sai de cena sem que ele perceba

PLÍNIO: Cadê minha mãe?

TCHECOV SURTADO: Viu? Não tem mãe nenhuma aqui! Você está sozinho e fica criando coisas em sua cabeça.

PLÍNIO: A única criação aqui é você, minha mãe estava aqui, eu acabei de conversar com ela.

Tchecov Surtado rindo exageradamente

PLÍNIO: Para de rir, o que você fez com minha mãe?

Mãe de Plínio retorna em cena com uma gaiola nas mãos

MÃE DE PLÍNIO: Eu tô aqui filho, tinha ido lá atrás ver como estão os passarinhos, você não acha que tem algo de estranho com eles?

PLÍNIO: Por que eles estão nessa gaiola?

MÃE DE PLÍNIO: Porque se não eles fogem

Tchecov Surtado ri

PLÍNIO: Por que você está rindo?

MÃE DE PLÍNIO: Eu?

PLÍNIO: Não, mãe! eu estava falando com (*Tchecov desaparece*) deixa pra lá!

MÃE DE PLÍNIO: Filho, você esta bem?

PLÍNIO: Estou...só preciso dormir

MÃE DE PLÍNIO: Tá bom, meu amor! Vá descansar um pouquinho.

Mãe de Plínio espera até que ele feche a porta do quarto e faz uma ligação

MÃE DE PLÍNIO: Oi, desculpa ligar neste horário, mas tem algo acontecendo com o Plínio, ele têm agido de maneira estranha. Acho que o que aconteceu com o irmão dele o afetou de alguma forma, eles eram muito apegados. Eu tô bastante preocupada com ele. Tenho medo do meu filho estar ficando louco. Preciso que você me ajude, estou desesperada!

Plínio está ouvindo atrás da porta, fica triste com o que acabara de ouvir. Vai até sua cama pra se deitar, mas antes, ajoelha-se em frente ao altar que criou para rezar

PLÍNIO: Baco, as coisas não têm andado muito bem desde que meu irmão se foi, eu tenho andado bem triste, não tenho vontade de sair deste quarto, é como se eu gritasse, mas parece que ninguém ouve o silêncio e... DROGA! O que estou fazendo? você não é o muro das lamentações!

Abre a gaveta, pega um vinho, liga a câmera em um ao vivo. Agora ele é Tchecov.

TCHECOV SURTADO: Pra que sofrer? Onde não estamos é que estamos bem. Já não estamos no passado, e então ele parece-nos belíssimo.

Coloca uma música e a dança enquanto bebe. 10k de visualizações

TCHECOV SURTADO: O vinho e a música sempre foram para mim um magnífico saca-rolhas.(*Abre outra garrafa, bebe mais um gole. 12k de*

visualizações). Pensais honestamente, e por isso odiais o mundo todo. Detestais os crentes porque a fé é um indicador de estupidez e de ignorância; e detestais os descrentes porque não têm fé nem ideal. Odiais os velhos pelas suas mentalidades ultrapassadas, e os novos pelo seu liberalismo.

Finaliza com a segunda garrafa de vinho. Dança. 13k de visualizações. Rindo e dançando. Muda o ritmo da musica

TCHECOV SURTADO: Venham, Surtadores! Contemplem a felicidade, não é uma festinha que vocês querem? (*rindo*) fica em casa com TCHECOV (*Bebe e Dança*). Dancem, alegrem-se. Finja que não esta acontecendo nada (*bebe mais um pouco*) produzam conteúdos para INTERNET, aglomerem, o importante é sempre ter alguma coisa pra postar (*bebe mais um pouco. 13,6k de visualizações*). Façam dancinhas ridículas, não esqueça do stories de bom dia. (*Gole de vinho*) e, eu julgo por aqui, afinal as obras de arte dividem-se em duas categorias: as de que gosto e as de que não gosto. Não conheço outro critério.

Bebe mais um pouco. 14k de visualizações

PLÍNIO: E eu, não gosto!

Silêncio por um tempo, música para. 14,1k de visualizações

TCHECOV SURTADO, *rindo ironicamente*: Eu adoro, claro que adoro.

PLÍNIO, *risadas se misturam com lágrimas*: Pra que se preocupar com a morte diária de mais de 2 mil pessoas, se o importante é criar conteúdo. Quem se importa se você se afeta por este tipo de coisa. Quem se importa se você esta bem ou mal. FAÇA ISSO, FAÇA AQUILO! (*Bebe mais um pouco*) E daí? se você tem sonhos que nunca vão se realizar (*um gole*). E daí? se você aos 25 nunca namorou. E daí? se você nunca conheceu o seu pai.

Bebe mais um pouco. 13,8k de visualizações

TCHECOV SURTADO: Ninguém se importa (*rindo*) não é incrível isso?

Bebe mais um pouco. 13,4k de visualizações

TCHECOV SURTADO, *cantando*: Nobody cares! Nobody cares! Ninguém se importa. Ninguém se importa se tudo isso está dentro da sua cabeça

Socos na cabeça

PLÍNIO, *chorando*: E daí? se o Plínio acabou de enterrar seu unico irmão. E quem é Plínio? e quem é seu irmão? E DAÍ? Ninguém se IMPORTA.

A música volta, Canta e dança

TCHECOV SURTADO: Pense, fale, compre, beba, Leia, vote, não se esqueça. Use, seja, ouça, diga. Tenha, more, gaste e viva. Pense, fale, compre, beba, Leia, vote, não se esqueça. Use, seja, ouça, diga! Não, senhor, Sim, senhor. Não, senhor. Sim, senhor!

Garrafa quebra, batidas na porta, para a gravação, vai até a porta, mas não abre.

MÃE DE PLÍNIO: Ei, Plínio! O que foi isso? Abre essa porta. ABRE ESSA PORTA Plínio, fala comigo! o que tá contecendo aí? Abre essa porta. Abre essa merda, Plínio!

Desliga a música

PLÍNIO: Tá tudo bem, mãe! Desculpa, foi o perfume que caiu, não tem pra que se preocupar.

Silêncio

MÃE DE PLÍNIO: Se você precisar de mim eu to aqui tá?

Plínio se joga em sua cama. Fica algumas horas em silêncio olhando para o teto, parece cansado, mas não consegue dormir. Se levanta incomodado, anda de um lado para o outro, deita novamente. Repete alguns movimentos desconexo. Observa o quadro coberto. Volta a deitar, observa o relógio.

PLÍNIO: TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC TIC-TAC.

Sai de cena correndo e volta com um balde. Se deita no chão, inspira e expira 3 vezes. Plínio Vômita, passa a mão sobre o rosto, inspira e expira 3 vezes, vômita novamente. Se levanta, sai de cena com o balde e retorna de mãos vazias. Tira a roupa ficando só de cueca. Senta no chão, ouve um miado.

PLÍNIO: Elber! Olha só quem resolveu aparecer, tava dando uma volta por aí né safadinho. Vem, vê se não some.

Pega o gato em seu colo deita e agora descansa.

CENA III

MÃE DE PLÍNIO, *batendo na porta*: Acorda, Plínio. Venha para a sala!

Plínio se levanta, enrola o cobertor sobre seu corpo, percebe que Elber se foi e faz um sinal negativo com a cabeça. Abre a porta, a luz está refletida sobre a sala. Estão na sala tomando um café: mãe de Plínio e um padre.

PLÍNIO: Ai nossa, pra que tantas batidas na porta. (*percebe o Padre*) Meu Deus! Por que você não me falou que tínhamos visita? Me desculpe, Padre, a vossa santidade. Vou colocar uma roupa.

PADRE: Não precisa se preocupar, meu filho!

MÃE DE PLÍNIO: Trouxe o padre, pois tenho percebido que você tem se comportado de forma estranha, acho que ele pode nos ajudar.

PLÍNIO: Você vai me exorcizar?

PADRE, *rindo*: Não, meu filho, mas só se não for necessário. Sua mãe me chamou pra que a gente pudesse conversar, ela acha que eu posso ajudar em alguma coisa.

PLÍNIO: Vocês acham que eu preciso de ajuda?

Padre apoia as mãos sobre as costas de Plínio e faz um sinal para a mãe do menino, pedindo para que possam ficar a sós, ela sai.

PADRE: Todo nós precisamos

PLÍNIO: Até o Senhor?

PADRE: É, Plínio! mais do que você possa imaginar.

PLÍNIO: É tão difícil perder alguém que a gente ama muito.

PADRE: Enfrentar a perda não é negá-la, é natural que a gente sinta dor. E, tudo bem se sentir impotente neste momento, viva esse luto!

PLÍNIO: Vai demorar muito para passar?

PADRE: Eu não tenho essa resposta, mas respeite o seu tempo.

PLÍNIO: Não sei se consigo aguentar tanto tempo, bagunçou muito as coisas aqui dentro

PADRE: Então tenta organizar, você não está sozinho nessa!

PLÍNIO, *ajoelhando-se*: acho que agora é a hora que você expulsa os demônios de mim, Padre!

PADRE: Se levanta daí, menino. Você não acha melhor conversarmos?

PLÍNIO: Eu tenho tanta coisa pra falar que nem sei por onde começar vai parecer caótico talvez seja mas vou tentar de repente é como se eu tivesse nascido agora

e a minha visão já não estivesse mais embaraçada então eu enxergo todas as injustiças do mundo e tudo fica tão confuso e ao mesmo tempo que eu quero gritar eu quero ficar em silêncio mas preciso falar porque ninguém ouve o silêncio e eu acabei de perder a única pessoa que me fazia companhia...

PADRE: Ei, Calma! Respira

Padre inspira e expira, Plínio o acompanha repetindo o movimento

PADRE: Está mais calmo agora?

PLÍNIO: Eu acho que sim

PADRE: Organiza as coisas aí dentro, Plínio. Algo está sendo gerado em você. Uma coisa de cada vez. Combinado?

Plinio assente com a cabeça. Entra mãe de Plínio segurando algumas peças de roupa na mão que acabara de recolher do varal

MÃE DE PLÍNIO: Parece que vai chover. O senhor já vai, Padre?

PADRE: Já sim

MÃE DE PLÍNIO: Deu tudo certo?

PADRE: Acredito que sim! O Plínio precisava de mim como psicólogo, às vezes a gente costuma espiritualizar tudo. Bom, já vou indo antes que a chuva caia. Espero vocês amanhã pra missa de 7º dia.

MÃE DE PLÍNIO: Tá certo, Padre! Muito obrigado, viu? nem sei como agradecer você

PADRE: Que isso, só fiz o meu papel também de amigo. Precisando de mim é só chamar.

MÃE DE PLÍNIO: Leva este pedacinho de bolo aqui

PLÍNIO: Padre, o senhor poderia rezar por mim?

PADRE: Rezo sempre por vocês, meu filho

PLÍNIO: Agora, você pode rezar por mim agora?

PADRE: Ainda querendo tirar os demônios?

MÃE DE PLÍNIO (*fazendo o sinal da cruz*): Misericórdia

Padre dá um abraço em Plínio, se despede da família e sai de cena

MÃE DE PLÍNIO: Bom, vou preparar as coisas pra amanhã. Precisando da mãe, é só chamar, tá bom?

Plínio assente com a cabeça, a mãe beija sua fronte e sai de cena levando o balde com roupas. Ele senta-se no sofá, parece refletir, imóvel, perdido em seus pensamentos. Se levanta, vai até o quarto e procura por Elber o encontra o gato debaixo da cama envolto em cobertas.

PLÍNIO: Aí está você, safadinho. Com quem aprendeu a se camuflar, hein?

Levanta o gato em seu colo, repara a bagunça em seu quarto

PLÍNIO: Será que quando o Padre falou em organizar as coisas, isso incluía o quarto, Elber? (*escuta o gato*) Hum.. Sabia que seu interesse era só na sua caminha. Vêm, vamos comer alguma coisa.

Vai até a sala, pega uma banana na fruteira e um pouco de leite para o gato. Volta para o quarto, coloca uma música e começa a arrumação. As luzes se apagam, refletindo a cena dos pássaros.

CENA IV

PÁSSARO MÃE, *Se levantando e correndo em direção ao Pássaro Pai*: Por favor, tira isso dela!

PÁSSARO PAI: Eu não posso perder minha filha!

Refaz a cena

PÁSSARO MÃE, *se arrastando*: Por favor, tira isso dela!

PÁSSARO PAI, *se abaixando junto dela*: Eu não posso perder a Passarinha

Refaz a cena

PÁSSARO MÃE, *desesperadamente*: POR FAVOR, tira isso dela!

PÁSSARO PAI, *segurando-a*: Eu não quero perder a Passarinha

PÁSSARO MÃE: Presta atenção! se a gente continuar agindo assim, nós vamos perdê-la

PÁSSARO PAI, *retomando a consciência*: Não, não, não. Tudo menos isso, eu não aguentaria tamanha dor, ela está bem?

Se aproximando da filha

PÁSSARO PAI: Não é amorzinho?

Pássaro filha permanece em silêncio

PÁSSARO PAI: Passarinha?

PÁSSARO MÃE: Ela não esta respondendo

PÁSSARO PAI, *desesperado*: Eu matei minha filha!

Congela a cena. Uma luz se acende no quarto de Plínio, ele está sentado escrevendo, há papéis espalhados por toda a parte e alguns dentro de uma lixeira próximo a ele

PLÍNIO: Eu matei minha filha, ai quanto drama. Você mata a protagonista e segue a história como?

Colando os acessórios

TCHECOV SURTADO: A vida é assim, Plínio! pessoas importantes também morrem!

Retirando os acessórios

PLÍNIO: E, se em nossa peça não tivesse fim? Pra que se apegar à morte, eu hein! (*lançando os acessórios na lixeira*) não vou deixar mais você ter domínio sobre mim. Já chega!

Tchecov surge de dentro da lixeira

TCHECOV SURTADO: Não vai ser tão fácil se livrar de mim

PLÍNIO: AAAAAA, Agora você surge assim, do nada?

TCHECOV SURTADO: Aceita que você precisa de mim pra escrever isso

PLÍNIO: Espera! Se eu sou você e você é eu, então podemos ser

Falando ao mesmo tempo

PLÍNIO 1: Dois Plínios, ou

PLÍNIO 2: Dois Plínios, ou

TCHECOV SURTADO 1: Dois Tchecovs

TCHECOV SURTADO 2: Dois Tchecovs

PLÍNIO: Mas eu prefiro apenas um Plínio.

TCHECOV SURTADO: E só um...

PLÍNIO: Nenhum Thecov

Tchecov pega uma revista e senta-se na cama

TCHECOV SURTADO: Tá bom, vou ficar aqui, quieto, mudo, nenhum pio.

Plínio volta a escrever, amassa o papel, escreve e apaga, apaga e reescreve, enquanto ele faz estes movimentos a cena dos pássaros descongela, se desfaz e refaz.

TCHECOV SURTADO: Esta conseguindo escrever?

Permanece concentrado, assente com a cabeça. Tchecov coloca fones de ouvido

PÁSSARO PAI: Passarinha, fala com seu pai

PÁSSARO FILHA: Vai se tratar, garota, sai da minha bota

PLÍNIO: Essa música tá me atrapalhando

TCHECOV SURTADO: Desculpa, vou diminuir o volume

PÁSSARO FILHA: tá doendo

PLÍNIO: Pássaro pai retira as coisas que havia colocado nela, ela tenta fugir, mas esta fraca, ele a segura.

Pássaro pai retira as coisas que havia colocado sobre ela, ela tenta fugir, mas está fraca, ele a segura.

PÁSSARO PAI: Calma, Passarinha! Não vamos te machucar

PLÍNIO: Ele a coloca sobre o chão e trata de suas feridas

ele a coloca sobre o chão e trata de suas feridas

PÁSSARO PAI: Tô fazendo com você o que também deveria ter feito com meu irmão

PLÍNIO: Deveria ter trancado ele em casa pra que ele não saísse

PÁSSARO PAI: E assim teria impedido que o pior acontecesse

Passaro mãe traz alguns panos e vasilhas com água, ele joga água sobre a cabeça dela

PLÍNIO: Ele canta enquanto cuida de suas feridas...feridas provocadas por ele...dói

PÁSSARO FILHA: Ainda dói

PÁSSARO MÃE: Dói mais em mim, ver ela assim e saber que fomos nós quem causamos estas feridas

PÁSSARO PAI: Feridas de amor

TCHECOV SURTADO: Feridas de amor?

PLÍNIO: Feridas provocadas com intuito de proteger a quem amamos

TCHECOV SURTADO: Ainda são feridas

PÁSSARO MÃE: Nós deveríamos ser responsáveis por tratar de feridas e não de provocá-las

PÁSSARO PAI: Pois é Ele quem abre a ferida, mas Ele mesmo a trata

PLÍNIO: Ele fere, mas com suas próprias mãos pode curar. Jó 5.18

PÁSSARO FILHA: Ainda dói

TCHECOV SURTADO: O que você teria feito pra que seu irmão não morresse naquele dia

PLÍNIO: Teria amarrado ele, trancado a casa, eu não sei

TCHECOV SURTADO: Quem era seu irmão?

retira o tecido preto que cobre o quadro em que há uma foto dos dois juntos

PLÍNIO: O Pablo era alegre, gostava de viver, corajoso, acreditava que ele era o meu herói

TCHECOV SURTADO: Você não teria feito nada que deixasse o seu irmão chateado, prender quem nasceu pra ser livre é o mesmo que matá-lo. E você não iria querer ser o responsável pela morte de seu irmão.

PLÍNIO: Acha que os pais dela querem machucá-la?

TCHECOV SURTADO: Não, mas já estão machucando

PLÍNIO: E o que eles querem?

TCHECOV SURTADO: O que você acha?

Plínio liga a câmera

TCHECOV SURTADO: Faremos do meu jeito então?

PLÍNIO: Só por hoje.

Os dois andam de um lado para o outro e a cena dos pássaros se cria simultaneamente de acordo com o que eles descrevem

TCHECOV SURTADO: Sobrevoos cena final

PLÍNIO: Peça sem fim, 3º ATO

TCHECOV SURTADO: passarinha acorda se recuperando

PLÍNIO: pássaro mãe convence passaro pai que é uma loucura manter a filha em cativeiro, ele concorda

TCHECOV SURTADO: Facil assim?

PLÍNIO: Não , ela teve que ser bem convincente em seus argumentos

TCHECOV SURTADO: Essa cena é minha, boy!

PÁSSARO MÃE: Amor, olha pra mim. Teu irmão não vai voltar, fazer isso com nossa filha é carregar uma culpa ainda maior, algumas coisas são inevitáveis, é preciso aprender a lidar com a dor

PLÍNIO: Não acha que esta humanizando demais estes pássaros?

TCHECOV SURTADO: É teatro, tudo é possível

PÁSSARO PAI: Eu consigo conviver com a dor, mas não consigo conviver com o remorso

PLÍNIO: Agora passaros tem remorso?

TCHECOV SURTADO: Cala a boca!

PLÍNIO: eles se abraçam e cantam livremente

TCHECOV SURTADO: Não! Odeio musicais

PLÍNIO: Pássaro pai abre a gaiola, passaro filha entende o sinal de liberdade, corre até a porta e

PÁSSARO FILHA: Eu não sei voar!

TCHECOV SURTADO: Aí não! mais um conflito

PLÍNIO: Ela cresceu em gaiolas, mesmo que soubesse voar já teria desaprendido

TCHECOV SURTADO: Então pesquisa ai na internet como que os passaros aprendem a voar

PLÍNIO: Neste site aqui diz: "As aves aprendem a voar assim como nós aprendemos a andar, através de uma combinação de instinto e prática. No entanto, aves que não voam, como os pinguins e avestruzes já perderam o instinto de imitar as outras aves".

TCHECOV SURTADO: ela só conviveu com os pais

PLÍNIO: "A maioria dos pássaros não pode voar até que a sua estrutura muscular se encontre bem desenvolvida. Enquanto isso não acontece, os pássaros recém-nascidos não saem da segurança do ninho, sendo alimentados e protegidos pelos seus progenitores".

TCHECOV SURTADO: continua

PLÍNIO: "Estes vão desenvolvendo por isso uma dependência que deve ser ultrapassada, para isso os seu progenitores tentam ensinar os filhotes sobre a importância de voar..."

TCHECOV SURTADO: eles não ensinaram isso a ela

PLÍNIO: xiu..."colocando-se a uma certa distância do ninho enquanto alimentam as crias, forçando estas a deslocarem-se até à sua localização para receber o alimento, acabando muitas vezes por cair do ninho e ser carregado até ao mesmo pelo progenitor".

TCHECOV SURTADO: Cair do ninho, é isso!

PLÍNIO: Eles vão até a porta próximo a filha e empurram ela mundo afora

TCHECOV SURTADO: trocam olhares entre si e

PLÍNIO E TCHECOV SURTADO: Saltam junto da filha

TCHECOV SURTADO: Estou contente com este meu não final

Plínio pigarreando

TCHECOV SURTADO: Nosso "não final"

PLÍNIO: Você acham que eles voaram ou morreram?

TCHECOV SURTADO: Eu não sei, mas estão livres!

Sobre o autor: Henrique Andrade, 27 anos, formado em Marketing pela Universidade São Judas Tadeu. Gosta de escrever poesias, romance e sobre as loucuras da vida!

Contato: henrique.andrad@hotmail.com

ADONIRANDO, SIM SENHOR!

Jota João

MÚSICA/CASAMENTO DE MOACIR

PERSONAGENS:

GABRIELA DOS SANTOS (NOIVA)

MOACIR CUNHA (NOIVO)

DONA EFIGENIA (MÃE DA NOIVA)

JOÃO BIGODUDO (PAI DA NOIVA)

DONA PILITA (VIZINHA)

DONA LUZIA (VIZINHA)

CRIANÇAS

TITITO (CONVIDADO)

ZÉ MARIA (CONVIDADO)

MULHER DE MOACIR

Num cortiço da cidade

TITITO – Bom dia Zé, como ta as coisa?

ZÉ MARIA – Ontem fiz um pouquinho a mais. Mas anda fácil não.

TITITO – Amanhã vou fazer um bico pra madame, defender o torresmo de domingo. Rapaz, chega me dar agua na boca, aquele gostinho de gordura caindo no meu estomago. E você está convidado para o banquete.

ZÉ MARIA - E eu já aceitei o convite. Pobre é assim, nem terminou o convite e já aceita. Mas pode deixar, vou com a mão abanando não. Vou levar umas surpresa.

TITITO – O Zé? E o casamento da Gabrielinha? João Bigodudo ta todo feliz, ta que nem se acha. Disse que faz questão de nois lá. Vai ser chique o evento.

ZÉ MARIA - João Bigodudo falou comigo também. Comida e bebida eu sei que tem de sobra. Dona Efigênia gosta de fartura. E nois também. Só espero que esses dias não demorem a passar. E o casório chegue rápido. (*Saem os dois conversando*).

Casa simples de favela, numa mesa, Efigênia e as vizinhas fazendo o planejamento para o casamento

D. EFIGÊNIA – Essa gente não vai falar de outra coisa depois do casamento de Gabriela. Eu duvido que alguém ira esquecer o casamento de minha filha.

D. PILITA – Tenho Gabriela como minha filha figênia. Esse sonho também é meu.

D. LUZIA – Essa menina é muito querida por todos. Lembro dela acriança, cantando nas vielas como se tivesse uma multidão assistindo. Era uma artista.

D. PILITA – figênia, vocês já pensaram quantas pessoas serão convidadas?

D. EFIGÊNIA – Meu Deus, não quero nem pensar nisso, tem meus convidados, João também quer convidar o pessoal da feira. Gabriela é a noiva, além das pessoas daqui tem uma multidão de gente do asfalto.

D. LUZIA – O bolo você pode deixar comigo, sabe da minha fama, ninguém faz bolo melhor que o meu por aqui. E se é pra todo mundo comer sem reclamar, vou colocar muita farinha nessa massa. O recheio será o preferido de Gabriela, doce de leite com ameixas.

D. PILITA – Já me deu agua na boca. No meu não teve nem bolinho de chuva. Mas teve muito amor.

D. EFIGÊNIA – Eu às vezes me pergunto: Gabriela se apaixonou por um homem que conheceu numa roda de terreiro, dizendo que é do Rio de Janeiro.

D. LUZIA – Eu vi ele aqui no morro uma vez, achei um homem de bem. Foi muito simpático comigo.

D. PILITA – Eu fico com pé atrás, quando casei com major, que não era major, eu fiz questão de conhecer antes toda família. No primeiro dia vi que minha sogra, não seria minha segunda mãe, seria a madrasta que veio do inferno. Seu Vitorino não, esse me abraçou e disse: Seja Bem vinda filha. Sogro igual a ele ninguém tem.

D. LUZIA – Pilita você não perde a mania, que língua afiada você tem.

D. PILITA – (*Imitando Luzia*) *Que língua afiada você tem.* Mas quando chego na sua casa com novidades do povo, você bem que gosta.

D. EFIGÊNIA – Para com essa discussão. (*Volta para as anotações*) Dona Valda dará todos os doces. A decoração do altar João conseguiu com um amigo da feira que tem barraca de flores. As bebidas já conseguimos.

D. LUZIA – Bom já está quase tudo pronto. Amanhã a gente termina. Até amanhã então Efigênia.

D. PILITA – Até amanhã figênia. Luzia vamos no pé do morro? Preciso me certificar de um acontecimento.

D. LUZIA – Você não tem jeito mesmo, vamos.

Saem LUZIA e PILITA conversando

D. EFIGÊNIA – (Pensativa) Diferente de algumas famílias que só convidam os outros pra se mostrar, o casamento de Gabriela não. Eu nasci aqui, conheço todo mundo. Quero todo mundo lá assistindo o casamento da minha única filha. Eu tenho muito orgulho daqui. Conheço todo mundo, todo mundo conhece a Efigênia do seu João. Mesmo porque, pobre não é conhecido pelo sobrenome, mesmo porque ninguém conhece a família do pobre, então se destaca o mais conhecido da família. Por isso eu só sou Efigênia por causa do João (*Risos*). Tem o lado bom, Dona Benvinda, o tilino, dona Fiinha, Wandal, Cuti, o leitoa também, meu Deus, que apelido é esse, leitoa, um dia crio coragem e pergunto o porquê desse apelido. Também tem gente que faz coisas que não presta. Mas todos me respeitam. Pilita é uma das minhas melhores amigas. Não quis falar na frente dela, mas se tem uma pessoa que sabe de tudo que acontece aqui, essa pessoa é ela. Não falei, pra ela não ficar brava. Ela é quase uma repórter aqui do morro. Sabe de tudo. Mas é uma excelente vizinha. Quando mata um porco, sempre manda um pedaço pra gente. Pilita é como uma irmã.

GABRIELA – (*entra e beija a mãe*) Já te disse que te amo? Que você é a pessoa mais importante pra mim? (*Olha a lista de convidados*) Ainda faltam mais de 15 dias mamãe, e você já está toda apavorada? Aposto que está convidando a favela inteira. Melhor e colocar uma faixa na entrada do morro, Gabriela e Moacir convidam a todos para o enlace. (*Risos*)

D. EFIGÊNIA – Filha só uma coisa que não entendo. Por que Moacir...

GABRIELA – (*interrompendo a mãe*) Mamãe já falamos sobre isso. Moacir irá trazer a família toda, assim iremos conhecer a todos pessoalmente. Ele disse que minha sogra já me tem como uma filha. Moacir é o homem da minha vida. Mudando de assunto, né mamãe. Hoje fui fazer a prova do vestido. Dona Fernanda não poupou, mandou colocar mais véu. Patroa igual a minha ninguém tem não.

JOÃO BIGODUDO – (*Entra*) Esse zé pardal está cada dia mais louco. Me disse que suas bananas amadurecem naturalmente. Outro dia me disse que colocava

cal para acelerar o processo. Gritando igual um louco, olha a banana, essa amadurece natural, algumas pessoas estavam comprando.

GABRIELA – Papai você não acredita no que eu vou te dizer, D. Efigênia já está achando que o casamento será no próximo sábado.

JOÃO BIGODUDO – Mulher mulher, olha lá, não pode faltar comida, o povo mete a língua. Ainda mais convidando a favela toda. Pilita não vai aliviar, a repórter vai ter muito o que falar.

D. EFIGÊNIA – Homem do céu, não quero ninguém chateado comigo por não ter sido convidado para o casamento da Gabriela e Moacir. A gente é da favela, mas a gente tem educação, diferente do povo do asfalto, mas a gente tem. Tenho a mão boa para o preparo da comilança.

JOÃO BIGODUDO – Não vai servir aquelas batatinhas em conserva hein. As últimas que você fez, estavam duras e sem gosto.

D. EFIGÊNIA – Comida boa e a de sua mãe. Volta pra lá.

GABRIELA – Ah não! Vão brigar por causa disso?

JOÃO BIGODUDO – Gabriela, encontrei com Cuti na subida, ele disse que faz questão de levar você na igreja em seu carro, e disse mais, diz a Gabriela pra não se preocupar, vou dar um trato no pois é.

GABRIELA – Diz a ele que meu patrão já colocou o carro à disposição.

JOÃO BIGODUDO – Acho que ele vai ficar chateado, mas o casamento é seu, você que manda. Filha aqui na favela a gente tem tudo, na simplicidade, mas a gente tem.

GABRIELA – Papai em amo esse lugar, eu amo essa gente. Mas é meu casamento. Você me entende?

JOÃO BIGODUDO – Entendo, a gente vive aqui, ama esse lugar, mas não tira o olho do asfalto. Na primeira oportunidade que o cabra tem ele sai fora.

GABRIELA – Será? Só sei de uma coisa, meu casamento será lindo.

D. EFIGÊNIA – Com um homem que mal conhece né Gabriela. (*Apagam –se as luzes*).

Plateia figurando os convidados, aos poucos vão entrando os personagens no palco, dois casais de padrinhos para cada um

TITITO – (Entra) Onde está Zé Maria? Aquele pilantra não atrasa nem em velório. Vai atrasar em festa? (*Vê a chegada de Zé Maria*) Rapaz o que houve, desmerecendo o casamento da filha do amigo?

ZÉ MARIA – (*Entra mancando*) Homi você não tem ideia, a mulher do brecho disse que o sapato estava apertado na hora, mas iria ceder. Meus pé ta piscando mais que pisca pisca de natal. E você está elegante.

TITITO – Beca preta, tô bonito?

ZÉ MARIA – Cheirão forte, tem um pacote de naftalina no bolso? O defunto era dois números acima em Titito. (Risos) Vou pisar no calcanhar do sapato pra aliviar, a calça está acima da altura, o povo nem vai observar.

(Entra o padre)

TITITO – Chegou a autoridade, e a gente não é padrinho pra ficar aqui. (*Os dois cumprimentam o padre e saem*).

MOACIR - (*Entra*) *ressabiado, cumprimenta o padre e a todos que estão no palco, ao cumprimentar dona Efigênia*) A senhora está linda minha sogra, com todo respeito seu João Bigodudo.

D. EFIGÊNIA – Está tudo lindo, mas onde está sua família Moacir? Até agora não vi nenhum deles.

MOACIR – Calma dona Efigênia, me chegou a notícia que um dos carros teve problema, e todos resolveram esperar pra chegar todos juntos.

D. EFIGÊNIA – O padre cobra mais caro quando o casamento atrasa.

MOACIR – *(Arruma a gravata, se ajeita e volta para seu lugar, ainda mais nervoso)*

D. EFIGÊNIA – *(Olhando para João nervosa) Muito estranho essa história. Homem o que você está fazendo aqui? Você vai entrar com a Gabriela, disfarça e sai. (Fixa o olhar em Moacir, como que prevendo alguma coisa errada).*

Toca a marcha nupcial, entra filha e pai, enquanto a mãe se emociona secando as lágrimas com um lenço, sem deixar de olhar furiosa para Moacir.

Coro entra no palco na introdução

(Musica/O casamento de Moacir)

A turma da favela convidaram-nos

Para irmos assistir

O casamento da Gabriela com o Moacir

Arranjemos uma beca preta

E um sapato branco bem apertado no pé

E se apreparemos para ir

Na catedral lá da Vila Ré

A turma da favela convidaram-nos

Para irmos assistir

O casamento da Gabriela com o Moacir

Arranjemos uma beca preta
 E um sapato branco bem apertado no pé
 E se apreparemos para ir
 Na catedral lá da Vila Ré
 Quando os noivos estava no artar
 O padre começou a perguntar
 Umas coisas assim em latim.

PADRE - Qualquer um de vodis aqui presenti ,Tem alguma coisa de falar
 contra esses bodis?

MULHER DE MOACIR – *(Irritada)* Quer dizer que o circo é aqui Moacir? Seu
 padre, apara o casamento!

*(Música para, todos criando uma expressão corporal de desespero,
 permanecendo estáticos).*

MULHER DE MOACIR - O noivo é casado, pai de sete rebento, fora o que está
 pra vir. O pai é esse aí, o Moacir.

(Coro retorna) Que vexame!

A noiva começou a soluçar (quase desmaiando, um mal estar generalizado)

Porque o noivo não passou no exame nupiciar

Já acabou-se a festa

Porque nós descobriu

O Moacir era casado

Cinco vez, lá no estado do Rio

Moacir vai se dirigindo para o centro do palco, coro acuando por todos os lados, levando uns tabefes da sogra. Mudando a intensidade para fraco, saindo da plateia algumas crianças

MULHER DE MOACIR – (Pega o filho menor no colo) Vamos embora Moacir, deixa essa *golpista* por aí. *Ninguém irá destruir nosso lar. Ninguém.*

FILHO 1 – Papai

FILHO 2 – Quem é essa mulher esquisita?

FILHO 3 - Você não quer mais a mamãe?

TITITO E ZÉ MARIA- (Entram e falam juntos) Que papelão em Moacir?

Coro retorna com intensidade inicial

O Moacir era casado

Cinco vez, lá no estado do Rio

O Moacir era casado

Cinco vez, lá no estado do Rio

O Moacir era casado

Cinco vez, lá no estado do Rio

O Moacir era casado.

Moacir abraçado com os filhos.

MÚSICA/TREM DAS ONZE

PERSONAGENS:

SOLANGE DA AMÉLIA (FILHA)

FINZINHO DA LOJA (MULHERENGO)

AMÉLIA (MÃE)

CORO

No palco, trem humano, indo de uma lado para o outro, com todas as características de um trem lotado, sugestão que saiam na segunda passagem

FINZINHO – *(Entra ajeitando a roupa, se arrumando).*

SOLANGE – *(Entra, com olhar apaixonado)* Finzinho, que arrumação é essa? Quero que fique à vontade aqui em casa meu amor. *(Desarrumando finzinho)* Vou te revelar um segredo, às vezes, gosto do homem mais desleixado, desarrumado mesmo, então não se preocupe em estar todo engomadinho para sua Solange apaixonada.

FINZINHO – *(volta a se arrumar)* Quer dizer que minha princesinha tem segredinhos? Teria mais alguns para eu satisfazer tua vontade. Quero te conhecer por completo minha flor.

SOLANGE – *(Provocante)* Sim, tenho outros, mas não posso revelar tudo agora. O senhor terá que descobrir.

FINZINHO – Senhor está no céu, aqui está um pecador querendo acertar as vontades da minha, da minha princesa mais linda. Que é meu maior presente.

SOLANGE – Estou sem ar, nunca, nenhum desses descortês me disseram coisas tão carinhosas. Finzinho eu não quero ficar longe de você me amor.

FINZINHO – Mas quem disse que ficar longe, é não estar perto?

SOLANGE – O que?

FINZINHO – Eu quero dizer que nem sempre podemos estar juntos, mas isso não quer dizer que estamos separados.

SOLANGE – Mas não vamos pensar nisso agora. Estamos juntinhos e quero ter uma noite ma-ra-vi-lho-sa.

FINZINHO – Você terá as melhores noites de sua vida meu amor. (*Um tapinha na bunda de Solange*) Eu Finzinho lhe prometo. Não posso garantir que será essa noite, porque não ajeitei as coisas para isso. Mas outras infinitas noites teremos para estarmos juntinhos. Peço que compreenda, apenas hoje. Eu tenho que ir. Alguém está a minha espera, minha mãezinha. Eu queria muito ficar mais eu também tenho uns segredinhos.

SOLANGE – Segredinhos? Conte me agora. Quero saber de todos os seus segredinhos Finzinho.

FINZINHO – Vou te contar minha paixão. Minha mãe, minha mãezinha querida, que tento amo. Está lá em Jaçanã, sozinha naquela casa fria, esperando ver seu único filho retornar. Entendeu? E se eu perco esse trem? Que você conhece muito bem. Só amanhã de manhã.

SOLANGE – (*Ressabiada*) Não entendi, não quero entender. O senhor não vai me deixar aqui desolada, estropiada, cheia de amor para lhe dar. Se o senhor for embora eu vou atrás, e se estiver me escondendo alguma coisa, é hoje que descubro tudo. E se tiver mulher na história eu te capto numa facada só.

AMÉLIA – (*Em oculto*) Solange minha filha, namora mais baixo, estou cansada, preciso dormir. Abaixa essa televisão, que filme violento é esse. Essa mulher é louca. Sossega o facho.

SOLANGE – (*sussurrando*) Está vendo você acordou mamãe com todo esse circo. Você não vai embora agora. Eu não serei trouxa. Você acha que vou

acreditar em fadinhas, simpatias e horóscopo? Nem nas macumbas de mamãe eu ando acreditando Finzinho.

FINZINHO – (Amedrontado) Sua mãe faz macumba? Ela descobre as coisas?

SOLANGE – Faz sim, descobre qualquer coisa. Até quem é o mais trouxa nessa história. Olha Finzinho eu abro mão de tudo, menos de não ser enganada. A casa caiu, ou eu não me chamo Solange da Amélia. Se o senhor não ficar aqui hoje, ou irei contigo. Maldita hora que você apareceu no meu trabalho.

FINZINHO – Eu não fui no seu trabalho, eu fui levado por um sentimento. Eu peguei um bilhete de trem no seu guichê. E você me paquerou. Foi o destino mesmo que nos uniu.

SOLANGE – Por que não pegou o trem em outra estação?

FINZINHO – Eu preciso ir. Entenda! Por favor. Mamãe!

SOLANGE – Mamãe? Hoje não tem mamãe nem papai. Hoje quero ficar contigo, aqui ou na sua casa. Namorar muito.

FINZINHO – Minha mãe, ela não dorme enquanto eu não chegar.

SOLANGE – Uma hora ela dorme, o sono bate e a véia arreja.

FINZINHO – Não fala assim da véia não.

SOLANGE – (*gritando*) Falo sim, vou falar o que quiser.

AMÉLIA – Solange sua filha da puta, eu quero dormir, amanhã tenho mandinga cedo pra fazer. Se eu levantar eu te arrebento.

SOLANGE – Vai dormir mamãe.

FINZINHO – Trate sua mãezinha com carinho meu amor, mãe vale mais que tudo. A minha não dorme enquanto eu não chegar, fica preocupada. E que sou filho único. Você precisa entender.

SOLANGE – Não entendo nada. Quanto mais você tenta me enrolar, mais eu quero ficar com você.

FINZINHO – *(Decidido)* Não, não posso. Minha mãezinha, considere. Ela não dorme enquanto eu não chegar. Como pode a pobrezinha ficar acordada a noite inteira. Já pensou na carinha dela no dia seguinte?

SOLANGE – Então eu vou contigo.

FINZINHO – Não posso fazer essa surpresa para minha mãezinha, ele não gosta de receber ninguém sem um aviso prévio. Vai que falta alguma coisa para a visita. Ela gosta de tudo impecável quando chega alguém lá em casa. Da próxima vez eu prometo que eu durmo. Eu te amo meu amor. Te amo muito, você é minha mulher linda, a mais maravilhosa.

AMÉLIA – *(Gritando)* Solange venha cá. Minha dentadura caiu, eu não consigo achar nem a tomada muito menos os dentes. Venha aqui menina.

SOLANGE – To indo mamãe, e você Finzinho, me espere aí. Nem tente fugir, porque eu irei atrás, eu vasculho Jaçanã inteiro e lhe acho. *(Sai ordenando que Finzinho que fique onde está.)*

FINZINHO – *(Aflito)* Nossa senhora não sei de que, me ajuda. Dona Teresa arranca meu coró se não durmo em casa. *(Sai nas pontas dos pés).*

(Repete o trem do início, Finzinho parece aliviado entre os passageiros)

CORO

Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser

Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã

Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
Além disso, mulher, tem outra coisa
Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
Sou filho único, tenho minha casa pra olhar
Não posso ficar

Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
Além disso, mulher, tem outra coisa
Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
Sou filho único, tenho minha casa pra olhar
Não posso ficar

*MÚSICA/ ENVELHECER É UMA ARTE**PERSONAGENS:**TITA**VANINHO**ZÉ MARIA*

Numa mesa de bar, alguns amigos conversando

VANINHO – *(passando a mão na cabeça de Tita)* Chora não homi, a vida e feita de histórias, e essas não lhe falta. Quantas coisa nós vivemos juntos? Quantas coisa você viveu antes, noutros tempo. Vai esquentar a cabeça por que tá ficando véio?

TITA – Mas é uma coisa que fere lá dentro, eu sinto de um jeito que nem sei explicar. Se fosse um livro, minhas páginas estariam todas em branco. Se fosse um cérebro não conseguiria nem pensar. Essa é a ideia, que os mais novo tem de nós. A gente não serve pra nada.

VANINHO – Não!

TITA - É um sofrimento danado homi. Quando era criança, dizia para minha falecida mãe. Não quero chegar aos trinta não, trinta já e muita vida. Pra que chegar aos 31? Ela olhava pra mim, sorria e dizia, deixa de besteira moleque, a vida é uma dádiva de Deus. Viver é bom demais.

VANINHO – E você tem alguma dúvida?

TITA – Ai que tá, viver é bom, o ruim e perder a identidade, e ser chamado de veio, tio. Perdi meu nome? Minha mãe me deu um nome de batismo, me chame por ele.

VANINHO – Chegaram os trinta e agora mais que o dobro. Quantos anos juntos meu amigo. As juntas já não são aquelas coisa. Mas a mente repleta de memórias de coisas boa.

TITA – História e que não falta, né Maninho? Mas os anos chegaram. E as vez eu penso que nada fiz.

VANINHO – Deixa de besteira homi, fizemos tantas coisa que se fosse colocar num papel, iria precisar da papelaria toda.

TITA – Mas essa história de ouvir “alô velho, alô tio. Isso não é bom não.

VANINHO – De bola não, ignora. Afinal estamos velho mesmo.

TITA – *(olha para Vaninho e desaba a chorar)*

VANINHO – Mas o que foi agora homi, que chororo é esse? Só porque disse que os anos passaram?

TITA – Você disse que estamos véio mesmo.

VANINHO – Ora bolas, estamos com mais anos nas costas, mas isso não quer dizer que estamos veio, que já morremo.

TITA – Isso e o que você pensa, pro jovem a gente já não serve pra nada. Nem pra ficar de pé num trem, e só eu entrar no trem que alguém já diz, sente por favor senhor. Quando alguém me esbarra, já vai logo dizendo, desculpa aí tio.

VANINHO – Mas isso é sinal de respeito.

TITA – E outra coisa, senhor está no céu. E eu ainda estou na terra.

VANINHO - Uma coisa é certa Tita, nascemos, crescemos, a idade chega, a vida passa. Oia hõmi, bem aventurado o homem que vive todos os momento de sua vida procurando ser feliz. Porque uma hora a ponta do nariz cai, a bunda desce, a orelha cresce absurdamente e o franzido vem. E às vezes a gente faia na hora

H. E vamos aproveitar, porque ainda estamos vivo. Quer ser jovem? Pega a fotografia para matar a saudade.

ZÉ MARIA – *(Chegando no bar cumprimenta os amigos)* Fala véio, e ai tio.

VANINHO – *(Olha para tita sorrindo)* E ai carcaça veia.

ZÉ MARIA - *(sorrindo)* Essa eu não conhecia.

(Os três caem na risada)

Sugestão:(coro no palco figurando no boteco).

Velho amigo não chore
 Pra que chorar
 Quando alguém lhe chamar de velho
 Não de bola, não esquite a cachola
 Quando alguém
 Lhe chamar de velho
 Sorria cantando assim
 Sou velho e sou feliz
 Mas velho é quem me diz
 Quando alguém
 Lhe chamar de velho
 Sorria cantando assim
 Sou velho e sou feliz
 Mas velho é quem me diz
 Comigo também acontece
 Gente que nem me conhece
 Gente que nunca me viu
 Quando passa por mim
 Alô, velho! Alô, tio!
 Eu não perco a estribeira
 Levo na brincadeira
 Saber envelhecer é uma arte

Isso eu sei, modéstia à parte
Saber envelhecer é uma arte
Isso eu sei, modéstia à parte
Velho amigo, velho amigo
Não chore pra que chorar
Quando alguém lhe chamar de velho
Não de bola, não esquite a cachola
Quando alguém
Lhe chamar de velho
Sorria cantando assim
Sou velho e sou feliz
Mas velho é quem me diz
Quando alguém
Lhe chamar de velho
Sorria cantando assim
Sou velho e sou feliz
Mas velho é quem me diz
Comigo também acontece
Gente que nem me conhece
Gente que nunca me viu
Quando passa por mim
Alô, velho! Alô, tio!
Eu não perco a estribeira
Levo na brincadeira
Saber envelhecer é uma arte
Isso eu sei, modéstia à parte
Saber envelhecer é uma arte
Isso eu sei, modéstia à parte
Saber envelhecer é uma arte
Isso eu sei, modéstia à parte
Saber envelhecer é uma arte
Isso eu sei, modéstia à parte...

MÚSICA/ SAUDOSA MALOCA

PERSONAGENS:

OFICIAL DE JUSTIÇA

MATO GROSSO

JOCA

TIANINHA

DORA

MARGARIDA

RUBINATO

A meia luz, solista, música em andamento lento, as pessoas vão entrando caminhando sem direção.

Se o senhor não está lembrado
Da licença de contar
Que aqui onde agora está
Esse edifício alto
Era uma casa velha um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais um dia nem quero me lembrar
Veio os homens com as ferramentas
O dono mando derruba.

TIANINHA – *(de sua janela, fala com todos que passam)* Bom dia Joca.

JOCA – Bom dia Bastiana. Como estão as coisa? Ficou sabendo do acontecido?

TIANINHA – Da morte do filho do Zé Bezerra?

JOCA – Que dó.

TIANINHA – Josefina está destruída, amava demais aquele menino. Olha quem vem lá. Margarida, que bolsa pesada é essa mulher? Comprou o mercado todo, ajuda lá Joca.

MARGARIDA – Lá em casa é assim Tianinha, desde que o pai dos meninos foi se embora, eles não querem me obedecer. Toda produtividade é por minha conta. Não sei se vou aguentar por muito tempo. E ando cismada que estão envolvidos com coisas erradas.

JOCA – Da bobeira não Margarida, cipó velho não arruma. Me dê essa bolsa ai, deixo lá em sua casa. Até mais tarde, se precisar de mais alguma coisa é só chamar. *(Sai)*.

TIANINHA – Quanta disposição para te ajudar, eu sempre achei que Joca tem uma queda por você.

MARGARIDA – Deixa de pensar besteira mulher, aguento homem mais não. *(Mostrando cicatrizes que sofrera com o ex)* Olha quanta marca aquele desgraçado me deixou, e ainda queria sexo gostoso. Fazia por medo, aquela praga dos infernos. Até te lembrar eu me arrepio toda.

TIANINHA – Mas Joca é homem descente, tirando a bebedeira.

Margarida – Pega pra você então.

TIANINHA – *(faz o sinal da cruz.)* cruz- credo

MATO GROSSO - *(Entra)* Bom dia, hoje tem conversa heim, quando essas duas começam, enquanto não passar tudo a limpo não para. Alguma novidade Tianinha?

TIANINHA – Morreu o filho mais velho de Josefina.

MATO GROSSO – Sabe de quê?

TIANINHA – Sei não Mato Grosso.

MARGARIDA – Eu ouvi na venda umas coisas ruins, mas esse povo é maldoso.

MATO GROSSO – Mas pra mãe, não tem disso não, elas sofrem de qualquer maneira.

DORA – (*Entra*) Bom dia, oces não tem mesmo o que fazer (risos).

TIANINHA – Ta indo onde mulher?

DORA – Jogar no bicho, sonhei a noite inteira com o maldito.

MATO GROSSO – Fala ai Dora, que bicho era, eu jogo também.

DORA – Querendo roubar minha sorte safado.

MATO GROSSO – Sabe que aqui a gente e tudo família.

TIANINHA – Tudo família, cada um de um pai (*ri*). Olha gente, tem gente nova no pedaço e veio nos visitar, todo engomado.

MARGARIDA – Eu sabia que um dia as coisas iriam melhorar por aqui. A gente vive muito mal. Eu rezo todos os dias. Acho que chegou nossa vez.

OFICIAL – Bom dia! Como vocês estão? São todos moradores daqui da região?

MARGARIDA – Tianinha é a mais antiga, é a nossa prefeita, comanda tudo aqui, todo mundo respeita muito ela.

TIANINHA – Tem que colocar ordem se não, isso vira um furdução.

MATO GROSSO – Aqui todo mundo se conhece. Aqui um cai, outro levanta. A vida aqui farta tudo, mas aqui a gente é feliz.

O – IsFICIALso é o que importa. Os números das casas é um pouco confuso, não acho o 522. Algum de vocês sabe onde fica?

TIANINHA – Vai pelo número não, vai na intuição, qual o nome que você procura?

OFICIAL – Olha dona, como é mesmo seu nome? Lembrei dona Tianinha. As pessoas que vivem lá não são reconhecidas. Não consta seu nome no documento. Preciso encontrar o número 522.

TIANINHA – Mato Grosso, qual o número de sua maloca?

MATO GROSSO – Sei não. Quem cuida da parte burocrática e o Joca. Ele deve saber.

OFICIAL – Onde encontro S.r. Joca?

MATO GROSSO – O negócio deve ser bom mesmo. Joca virou até senhor.

TIANINHA – Olha quem está vindo lá, o S.r. Joca.

OFICIAL – Bom dia Sr Joca, o senhor mora no número 522?

JOCA – Sim, eu, Mato Grosso e as vez, uns que ficam sem teto.

OFICIAL – Bem, o senhor sabe que essa propriedade pertence a uma das famílias mais nobre de São Paulo. E eles, negociaram esse terreno, que vale muito dinheiro para um grupo de comerciantes, que irão derrubar tudo. E farão uma nova construção no local. Lamento, lamento muito, mas vocês terão que desocupar o imóvel em 10 dias. Ou serão tirados a força.

JOCA – Fala isso não homi, nos não temo onde ir, essa é nossa casa. Isso é tudo que temos.

(Todos em choque, tentando entender o que está acontecendo).

MATO GROSSO – E nós vamo pra onde?

JOCA – Precisa de dez dias não moço, o que a gente tem cabe no bolso de trás.

Música/ Despejo na favela

Sugiro que o trecho a seguir seja a capela, solo e andamento lento. As pessoas se despedindo das outras.

Vou sair daqui
 Pra não ouvir o ronco do trator
 Pra mim não tem problema
 Em qualquer canto eu me arrumo
 De qualquer jeito me ajito
 Depois, o que eu tenho é tão pouco
 Minha mudança é tão pequena
 Que cabe no bolso de trás

Apagam se as luzes, foco de luz sobre Rubinato

RUBINATO - Tem gente que é bela, tem gente que é feia (sorrir), tem gente que impressiona e tem gente igual a gente. Gente também é gente, ama, sofre, desgasta, renova e alcança. Oia, tem gente que ri. Tem gente que chora. Tem gente que espera. Tem gente agora. Todo mundo é gente, com suas alegrias, com suas mazelas, com suas dores, com seus amores. Pensa e fala da gente. Coisas de gente, às vezes exigente. Igual a gente.

(Todos no palco em uníssono, com muita euforia).

Música/ Saudosa Maloca

Se o senhor não está lembrado
 Da licença de contar
 Que aqui onde agora está
 Esse edifício alto
 Era uma casa velha um palacete assobradado
 Foi aqui seu moço
 Que eu, Mato Grosso e o Joca
 Construimos nossa maloca
 Mais um dia nem quero me lembrar
 Veio os homens com as ferramentas
 O dono mando derruba
 Peguemo' toda' nossas coisas
 E fumos pro meio da rua
 Apreciar a demolição
 Que tristeza que eu sentia
 Cada táuba que caia
 Doía no coração
 Mato Grosso quis gritar
 Mas em cima eu falei
 Os homens está 'cá razão
 Nós arranja outro lugar

Só se conformemos quando o Joca falou
"Deus dá o frio conforme o cobertor"
E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
E pra esquecer nós cantemos assim
Saudosa maloca, maloca querida
Que din donde nós passemos dias feliz de nossa vida
Saudosa maloca, maloca querida
Que din donde nós passemos dias feliz de nossa vida
Saudosa maloca, maloca querida
Que din donde nós passemos dias feliz de nossa vida
Saudosa maloca, maloca querida;

Sobre o autor: JOTA JOÃO, Formado em Música e Letras, trabalhou por quase duas décadas com Canto Coral em seu formato tradicional. Há mais de 5 anos ingressou no Universo do Coro Cênico. Produtor Musical, Preparador Vocal e Corporal. Como ator atuou nos Espetáculos: Animália/ Gianfrancesco Guarnieri e O auto da Compadecida/ Ariano Suassuna.

Contato: jotajoao.conectado@gmail.com

AS CUMADI

Temoteo Ramos

PERSONAGENS:

CUMADI ZANGADA

CUMADI MEIO SURDA

MULEKOTE

PAI PINGA

GURIA DO JORNAL

ATOR

PALHAÇÃO

PALHACINHO

MOZÃO

MOZINHO

GRAVAÇÃO LOCUTOR DE LOUCURAS DE AMOR

GRAVAÇÃO LOCUTOR DE RÁDIO

*Um espaço, duas janelas suspensas no ar e atrás de cada janela ao fundo, um cubo com outros objetos. Entra a música: "curioso eu sou apenas mais um".
Acendem-se as luzes*

CUMADI ZANGADA: *(aparecendo na janela)* Alfredo! Abaixa essa merdessa música! Aqui não tem ninguém surdo pra escutar música nessa artura... Nem música isso é. Isso mais parece zuada de gente louca. Tá querendo mostrar pros vizinhos que cê tem apareio de som? Aqui é casa de família e não baile da terceira idade!

CUMADI MEIO SURDA: *(aparecendo na outra janela e com uma corneta acústica na orelha)* Bom dia cumadi. Bom dia cumadi. *(gritando)* Bom dia cumadi!

CUMADI ZANGADA: Que tem de bom?

CUMADI MEIO SURDA: Calma como sempre... O que aconteceu cumadi?

CUMADI ZANGADA: *(vendo que a música não sai)* Dá pra tirar essa porcaria dessa merdessa música, que eu não estou escutando nada do que a Minerva tá dizendo! *(para cumadi meio surda)* A vida é dura e tô braba com o Alfredo!

CUMADI MEIO SURDA: *(com a corneta acústica abaixada)* Caiu a dentadura na bacia do banheiro?

CUMADI ZANGADA: Num me dexa irritada, Minerva! Já basta o Alfredo que me dexa loca!

CUMADI MEIO SURDA: Ah! Pegou emprestada a do Alfredo e não coube na boca.

CUMADI ZANGADA: Eu num tô cum paciência!

CUMADI MEIO SURDA: E não adiantou a insistência? Tenha calma cumadi. Eu sei o quanto é ruim, querer mastigar a comida e não conseguir, toda hora ter que tomar sopa... E quando quer comer uma carne? Não dá pra mastigar, ai tem que ficar chupando o bife... Eu já passei por isso. *(cumadi zangada apontando para a corneta acústica, cumadi meio surda nota sem graça que não a estava usando. coloca a corneta e disfarça)* Por que tá nervosa cumadi?

CUMADI ZANGADA: O pobrema é o Alfredo, cumadi.

CUMADI MEIO SURDA: O que tem seu marido, cumadi?

CUMADI ZANGADA: O organismo do panaca tá funcionando direitinho cumadi. Todo dia às cinco horas da manhã ele faz xixi, depois às sete horas ele faz cocô.

CUMADI MEIO SURDA: Se o intestino tá funcionando direitinho, qual é o problema cumadi?

CUMADI ZANGADA: O pobrema é que ele só desperta às oito horas!

CUMADI MEIO SURDA: Pra resolver o problema, é só começar a usar fralda geriátrica.

CUMADI ZANGADA: Mas a sorte é que ele já usa essa tar de frarda gediatica.

CUMADI MEIO SURDA: Não cumadi, não se fala gediatica se fala geriátrica.

CUMADI ZANGADA: Minerva, por um acaso cê é professora de português pra fica corrigindo os outros? Que mania feia de ficá corrigindo as pessoa! A fralda é minha! Eu quero dizê... Dele! E eu chamo ela como eu quiser! É feio isso. Para cum essa merdessa mania feia. Toda hora... Toda hora fica corrigindo os outros...

CUMADI MEIO SURDA: *(interrompendo)* Calma cumadi, calma... Não tá mais aqui quem falou.

CUMADI ZANGADA: Como não, eu ainda tô te vendo aí. Vai me dizê que tô falando cum fanstama. Vai me dizê que eu tô falando cuma visão de ótica? Cê é uma visão do outro mundo? Cê viro arma penada?...

CUMADI MEIO SURDA: *(interrompendo)* Parou! Não estou aqui pra brigar... Você sabe que eu não gosto de falar da vida alheia, e também não suporto fofoca! Mas você viu quem passou aqui ontesdonte de carro novo?

CUMADI ZANGADA: Para com isso cumadi, num gosto de fofoca! Quem foi?

CUMADI MEIO SURDA: O vizinho que mora naquela casinha feia lá em baixo, no número 24. Nunca vi ele trabalhando, como pode está de carro novo?

CUMADI ZANGADA: Deve tá robando o safado.

CUMADI MEIO SURDA: Oh! Cumadi não fala assim, coitado do rapaz...
(*abaixando a corneta acústica*)

CUMADI ZANGADA: Vai vê ele trafica...

CUMADI MEIO SURDA: Tá saindo com véia rica? Num acredito que ele é gigolô.

CUMADI ZANGADA: Não disse isso. E não é coisa que me importe.

CUMADI MEIO SURDA: O estrupício tá roubando carro forte? Duvido muito... O coitado não tem nem onde cair morto.

CUMADI ZANGADA: Oh, véia surda! Coloque no ouvido a corneta.

CUMADI MEIO SURDA: Ah! Se descobre que tá saindo com Romeu em vez da Julieta... É bem provável. Tem gente que faz qualquer coisa por dinheiro. Mas cumadi, a senhora não devia falar assim das pessoas... (*distraidamente coloca a corneta no ouvido*) cada um tem o direito de fazer o que quiser de sua vida.

CUMADI ZANGADA: Num tô falando mar de ninguém, cê que ouviu tudo errado! Para di coloca e tira esse treco da oreia. Cê precisa presta mais atenção cum isso, senão fica fazendo trapaiada. E ainda por cima fica ai falando da vida alheia, num gosto! E é mió muda de assunto e para di fala da vida dos otros! Cê viu quem tá de marido novo?

CUMADI MEIO SURDA: Sem querer fazer fofoca, quem?

CUMADI ZANGADA: Aquela véia safada que mora no número 31.

CUMADI MEIO SURDA: Não fala assim dela coitadinha... Você só pode está de brincadeira. Mal acabou de separar do quarto marido e já tá com outro? (*distraída abaixa a corneta acústica*)

CUMADI ZANGADA: Tá atrais de homi com dinheiro.

CUMADI MEIO SURDA: Casou com o pobre do jardineiro? Mas o jardineiro já não era casado?

CUMADI ZANGADA: Não! Foi cum homem que tinha dinheiro de montão.

CUMADI MEIO SURDA: O jardineiro já tinha separado faz um tempão? Dessa eu também não sabia. Preciso contar pra Mafalda, ela não vai acreditar. (*distraída coloca a corneta no ouvido*)

CUMADI ZANGADA: Não é nada disso, vamo muda a prosa antes que eu brigue cocê.

CUMADI MEIO SURDA: Eu não te entendo. Você fica falando dos outros e depois quer brigar comigo. Você é muito nervosa. Vê se fica calma... Fiz um cafezinho não faz muito tempo... Quer tomar um golinho de café preto?

CUMADI ZANGADA: Na verdade eu prefiro ele branco cumas bolinhas vermeia! Craro que é preto!

CUMADI MEIO SURDA: Você precisa controlar esse nervosismo. Quer que eu traga na xícara?

CUMADI ZANGADA: Não! Joga no chão e traz cum rodo!

CUMADI MEIO SURDA: Você não tem jeito mesmo, hein! *(abaixando a corneta acústica e chorosa)* Não é minha culpa se você tá nervosa com seu marido.

CUMADI ZANGADA: Eu sou assim na minha vida!

CUMADI MEIO SURDA: Agora você ficou comovida? Eu não tô brava. Você é assim, mas tem bom coração... Mas você precisa ser mais calma.

CUMADI ZANGADA: Não é nada disso que cê entendeu. Cê faz um bando de pergunta cretina.

CUMADI MEIO SURDA: Não paga o que aconteceu, mas vem voando costurar minhas cortinas? Olha até que não é uma má ideia. Elas estão precisando de uns remendos mesmo! E já faz tempo que estou te pedindo pra fazer isso. Obrigado. *(cumadi meio surda coloca a corneta acústica)*

CUMADI ZANGADA: *(sem perceber)* Sua Bruxa! Véia surda, louca e gagá. Tá pensando que eu vô ai costura alguma coisa? *(percebe a corneta na orelha da cumadi meio surda. se olham por um instante)* Já tô indo, só vô pega agúia e linha!

(Vira-se de costas, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem)

CUMADI MEIO SURDA: *(tira a corneta da orelha)* Essa minha vizinha sempre zangada. O dia inteiro de mau humor e brigando com o marido. Eu não! Estou casada há sessenta anos, cinco meses, quatro dias, cinco horas e dois minutos e nunca briguei com o meu marido... Vocês estão curiosos pra saber qual a receita? Pois bem, meu marido tinha uma égua de estimação que ele criou desde pequena. Era a criatura que ele mais amava na vida. Depois de casados resolvemos vir morar aqui em *(nome do local da apresentação)* éramos muito pobres não tínhamos carro, só uma carrocinha meia vida. Coloquei nossas coisinhas na carroça, ele amarrou a carroça na égua e viemos. Andamos alguns quilômetros e a égua, coitada, tropeçou. Meu marido olhou bem firme para a

égua e disse: um. Mais alguns metros, a égua tropeçou de novo. Meu marido encarou a égua com brabeza e disse: dois. Na terceira vez que ela tropeçou, ele sacou da espingarda e deu uns cinco tiros na bichinha. Eu fiquei apavorada e perguntei brava: Mas porque você fez uma coisa dessas, homem? Meu marido me encarou e disse: um. Depois disso nunca mais brigamos. *(põem a corneta na orelha – entra som de crianças brigando)* Por falar em briga... Olha essas crianças brigando de novo. Dá pra vocês pararem de brigar seus merdinhas!

MULEKOTE: *(saindo de trás da janela e diz em direção à coxia)* Se eu te pega de novo, eu te quebro sua cara!

CUMADI MEIO SURDA: Já chega! Você não acha que está grande demais pra ficar brigando na rua?

MULEKOTE: E desde quando tem limite de altura pra brigar na rua... E foi ele que começou.

CUMADI MEIO SURDA: Não quero saber quem começou! Você não tem vergonha de brigar com um menino menor que você?

MULEKOTE: O que a senhora queria? Que eu esperasse ele crescer?

CUMADI MEIO SURDA: Oh! O respeito moleque!

MULEKOTE: Oh! Vó me dá doi real?

CUMADI MEIO SURDA: Não! Você tá achando que eu sou banco?

MULEKOTE: Claro que não vó. Se eu achasse que a senhora fosse banco, eu teria pedido mais.

CUMADI MEIO SURDA: Menino... Olha como fala com sua vó! Pra que você quer o dinheiro?

MULEKOTE: Pra gastar.

CUMADI MEIO SURDA: Eu sei que é pra gastar, mas gastar com o que?

MULEKOTE: É pra comprar uma linda e maravilhosa peteca petequenta.

CUMADI MEIO SURDA: *(baixando a corneta)* Não senhor! Não vou dar dinheiro pra você ficar gastando a toa! Se é uma peteca que você quer, eu vou te dar uma que eu tenho guardada aqui. É uma linda petequinha... Era da sua mãe, ela costumava brincar quando pequena.

MULEKOTE: Eu não quero essa porcaria véia!

CUMADI MEIO SURDA: Eu não teria melhor ideia? Que menino bonzinho...

MULEKOTE: Larga de ser mão de vaca e me dá o dinheiro. Estou esperando!

CUMADI MEIO SURDA: Traga então pra cá que ficarei o dia inteiro brincando. Que menino compreensivo. Espera que já vô pegá.

(Vira-se de costas, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem)

MULEKOTE: Essa minha vó é zureta! Ela é surdinha e tem que usar esse negócio no ouvido para ouvir direito. Quando ela se esquece de usar: não ouve direito, troca todas as palavras, fala alto e as vezes passa a maior vergonha. Uma vez meu vô me contou que eles estavam na igreja... Todo mundo prestando atenção em silêncio na missa. De repente minha vó, falou no ouvido do meu vô: meu bem, eu acabei de soltar um peido daqueles fedidos que doem até na alma, a maior carniça. Ainda bem que não fez barulho nenhum. O que você acha que

eu devo fazer? Meu vô disse: agora não adianta nada, mas quando sairmos daqui vou mandá arrumar sua corneta acústica!

(Pai pinga saindo de trás da janela e cantando uma música; que for sucesso do momento, umas partes canta de uma forma inteligível e outras não.)

MULEKOTE: Me dá dói real?

PAI PINGA: Vai pedi pro seu pai, seu moleque!

MULEKOTE: Mas você é meu pai.

PAI PINGA: Então não vai pedi não!

MULEKOTE: Não acredito pai! Você já foi bebê?

PAI PINGA: Já sim! Já fui bebê, já fui criança e agora sou adulto.

MULEKOTE: Pai... Você sabia que a pinga destrói famílias?

PAI PINGA: A bomba atômica também!

MULEKOTE: Pai... Você sabia que a pinga causa malefícios pra sua saúde?

PAI PINGA: E a minha cinta malefícios pro seu lombo!

MULEKOTE: Pai... Você sabia que quem bebe, esquece as coisas?

PAI PINGA: Então vai bebe pra vê se esquece de mim, moleque!

MULEKOTE: Pai... O Brasil está no ranking mundial de países com maior número de pessoas que bebem. E você não para de beber?

PAI PINGA: Claro! Temos que manter a pontuação! Tá vendo estou contribuindo para o bem da nação. Eu sou de uma grande ajuda. Dá-lhe campeão! Vai Curintcha!

MULEKOTE: Pai por que você bebe?

PAI PINGA: Porque não dá pra comer! Filho, por que você não cala essa merdessa boca? Antes que eu lhe dou uma coisada no meio da sua boca e quebro tudo seus dentes na parede? E outra, eu bebo porque há vinte anos atrás, o senhor médico mandou! E eu não vou contra a descrição médica! O médico falou tá falado! Ele serve de cura pra nós. Ele tem o santo remédio... A receita certa do remédio que vai trazer a... O bem pra nós! Ele faz pro bem maior...

MULEKOTE: *(interrompendo)* Pai! O que o médico falou?

PAI PINGA: Eu tavo com um problema no olho, uma chagas. Doía muito... Eu falei pro doutor: seu médico, eu tenho um problema. É o meu olho. Ele não tá são. Ele fez uns exames e me examinou. Ai, ele me deu uma receita e disse: não esquece, pinga três vezes ao dia! Daquele dia em diante eu venho largando brasa. Tá certo que antes disso eu já tomava uma coisinha ou outra...

MULEKOTE: Mas pai, seu olho já melhorou e você continua bebendo?

PAI PINGA: Claro! Vai que a doença volta! Eu que não sou besta. Continuo até hoje me cuidando, zelando pro bem estar da minha saúde. E é graças a esse santo remédio, que você tem a capacidade de ter um paizão bem sucedido na saúde do corpo físico! Essa é sua verdadeira alegria e que você tem que se alegrar.

MULEKOTE: Então pai, me dá dói real!

PAI PINGA: Pra que você quer dói real?

MULEKOTE: Pra gastar!

PAI PINGA: Então pode deixar que eu mesmo gasto por você.

MULEKOTE: Ah pai! O senhor é um mão de vaca! Eu vou pedir pra minha mãe!
(Sai, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem)

PAI PINGA: Aproveita e pede pra mim também, tô precisando. E fala que é pra um investimento... *(começa a chorar)* Eu tô em tristezas no coração! O choro me alivia, evacua minha alma. Eu tava num velório. Um conhecido amigo meu, morreu quando deixou de viver. Isso é muito triste... Eu tava do lado do caixão, cadastrando minhas últimas indolências, quando chegou perto de mim uma mulher chorando em lágrimas; ela chorava tanto que até pareciam umas lágrimas de crocodilo. Ela disse: O senhor era amigo do finado meu marido?... Até então eu não sabia que ela tinha ficado viúva do marido dela, que era meu conhecido amigo. Eu disse: sim senhora! Inclusive, eu fui a última pessoa com quem ele falou antes de morrer. Ai ela me perguntou o que ele disse. Ele me disse que se eu não parasse a brincadeira de balançar o andaime ele ia cair!

GURIA DO JORNAL: *(atira o jornal na cabeça do pai pinga)* Óhh! O jornal!

PAI PINGA: *(recuperando-se o golpe)* Você tá louco, zé moleque? Por que não me avisa antes de jogar o seu jornal?

GURIA DO JORNAL: Tá bom. Óhhh! O jornal! *(atira outro jornal na cabeça do pai pinga)*

PAI PINGA: *(recuperando-se o golpe)* Alguém anotou a placa do caminhão? Você é xaropeta da cabeça? Como ousas atirar essa arma mortífera na cabeça de um pai de família?

GURIA DO JORNAL: Mas agora eu avise... E não é culpa minha se você estava na frente da casa que eu ia jogar o jornal.

PAI PINGA: Moleque! Você tem que me respeitar os mais velhos! Fique sabendo que eu tenho toda idade pra ser seu pai.

GURIA DO JORNAL: Para de me chamar de moleque, porque eu não sou moleque eu sou menina! E você me respeita porque eu tenho idade pra sua fi... *(olha Pai Pinga cambaleando)* pra ser filha de outra pessoa!

PAI PINGA: Tá bom mil e umas desculpas. Também vestida assim eu pensei que era um menino. Você é menino ou menina?

GURIA DO JORNAL: Eu já disse que sou menina. E me visto do jeito que eu quiser. Ah é! E você é menino ou menina?

PAI PINGA: Eu não sou menino e nem menina! Eu já sou um homem! Adulto! Eu sou gente grande. Mas me diga uma coisa pra mim. Hoje em dia com os métodos da tecnologia; internet, ninguém mais vende jornal de porta em porta.

GURIA DO JORNAL: Como não eu vendo!

PAI PINGA: Olha senhor... *(guria do jornal olha feio)* rita! Desculpa te ensiná a verdade, mas esse seu emprego tá ultrapassado. Assim você vai vivê de fome. Antigamente tudo bem, mas hoje em dia tem empresas que entregam o jornal de carro, de van ou coisa ou outra... Quando as pessoas gostam de jornal elas fazem encomenda uma assinatura, e a empresa entrega fácil. Tá vendo se lascou pivete.

GURIA DO JORNAL: E daí tio? Sempre tem alguém que compra! E o sol nasce pra todos! Além disso, eu também ofereço serviço de leitura.

PAI PINGA: Como é isso?

GURIA DO JORNAL: Se a pessoa quiser eu leio o jornal pra ela... E eu também tenho jornal com notícias que ativam a memória, ajudando as pessoas a lembrarem coisas do passado.

PAI PINGA: Muito bonito... Não entendi. Ele ajuda as lembroas pessoarem, não, não qué dizê as pessoas lembrarem? Você quer dizer que tem um jornal pra vender, com notícias que ajudam a ativar a memória, me auxiliando a lembrar coisas de um passado longínquo?

GURIA DO JORNAL: Mais ou menos isso...

PAI PINGA: Então eu vou compra um! Quero aprender essa técnica.

GURIA DO JORNAL: Oh tio, eu só vendo pra quem tem dinheiro.

PAI PINGA: Você por um acaso tá querendo insiluar que eu não tenho nenhum dinheiro?

(Guria do jornal tenta responder.)

PAI PINGA: Fica você sabendo, que se eu quiser eu compro toda sua frota de jornal!

(Guria do jornal tenta responder)

PAI PINGA: Fica você sabendo que se eu quisesse eu comprava caminhões de jornal e ainda contratava mais de quinze moleques *(guria do jornal olha feio)* e quinze meninas também pra vender jornal.

(Guria do jornal tenta responder)

PAI PINGA: E pra mostrar que eu tenho dinheiro, sabe quantos jornais eu vou comprar?

GURIA DO JORNAL: Quantos?

PAI PINGA: Um! Me vê um jornal... Ah! E eu quero ser atendido como todo freguês normal. Você vai me entregar como você entrega pra todo mundo nas casas. *(estende os braços)*

GURIA DO JORNAL: Tá bom! Óhh o jornal *(atira o jornal na cabeça do Pai Pinga)*

PAI PINGA: *(cambaleando)* Assim papai num guenta! Você tá maluco!

GURIA DO JORNAL: Foi você que disse pra eu te entregar o jornal como eu entrego nas casas. E eu entrego assim.

PAI PINGA: Eu só não te sento uma tapada no pé da orelha, porque agora eu vou reler meu jornal... Eu quero vê qual é a técnica pra relembrar coisas do passado distante. *(lendo o jornal)* Entra em circulação a unidade monetária brasileira, o cruzado novo... Em São Paulo é inaugurado o Memorial da América Latina... Palmas capital do estado de Tocantins é fundada... Fernando Collor de Mello é eleito o 32º presidente do Brasil... Ué! Aqui só tem notícias do que aconteceu no ano de 1989. É... E eu me lembro porque foi um ano muito importante pra mim, porque foi a primeira vez que eu... Dirigi um carro, era um fusca... Ué! Mas cadê as técnicas de ativação de memória? Não tem nada só notícia antiga. Esse jornal é um charlatão!

GURIA DO JORNAL: O que é melhor que um jornal antigo, pra fazer lembrar do passado?

PAI PINGA: Seu charlatão! Você me vendeu um jornal velho, um jornal de 1989!

GURIA DO JORNAL: Foi você que quis comprar!

PAI PINGA: Quero o dinheiro que eu investi de volta!

GURIA DO JORNAL: Você nem pagou ainda.

PAI PINGA: Você tem razão, quanto é?

GURIA DO JORNAL: Dói real.

PAI PINGA (*dando o dinheiro*) Toma aqui o dinheiro. Agora quero meu dinheiro de volta!

GURIA DO JORNAL: Não tem devolução de dinheiro e nem de mercadoria! Comprou tá comprado! Se você quiser vai procurar seus direitos!

PAI PINGA: Boa ideia essa sua... Eu vou mesmo procurar meus direitos. E não é amanhã e nem depois de amanhã e nem daqui a dois três dias, é agora! Vou agora no Cupom fazer uma reclamação! Porque esse produto que você vendeu, é um produto com defeito de data. E eu sou consumidor e tenho meus direitos. (*Sai, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem.*)

GURIA DO JORNAL: Óhh o jornal! (*ameaça atirar na plateia*) Não... Pra vocês eu vou ler uma notícia. Extra! Extra! Extra! Extra! (*para plateia*) Eu sempre quis dizer isso... Extra! Extra! Genildo é encontrado morto na casa de Tonho com seis tiros na cara! Genildo é encontrado morto na casa de Tonho com seis tiros na cara! Genildo estava dirigindo o seu carro esportivo a toda velocidade, na curva tentou parar, os freios falharam e o carro se chocou no poste. Genildo foi lançado pelo teto solar, voou uns 10 metros e acabou atravessando a janela do quarto de Tonho no segundo andar! Mas ele sobreviveu. Tonho que acabara de acordar vê Genildo no chão do quarto, todo arrebentado, sangrando e coberto de vidro. Genildo tentou se levantar segurando na maçaneta do guarda-roupa, que é muito pesado e acabou desabando em cima dele, quebrando vários ossos do seu corpo. Mas o mesmo não o matou! Com muito esforço, ele conseguiu sair debaixo do guarda-roupa, engatinhou até a escada, tentou se levantar apoiando-se no corrimão, mas o peso dele quebrou o corrimão e ele desabou por toda a

escada, ficando estatelado no chão com um ferro do corrimão fincado em sua barriga. Mas ele não morreu! Genildo conseguiu arrancar o pedaço de ferro de sua barriga. Então, seguido por Tonho, engatinhou até a cozinha e tentou se levantar apoiando no fogão, que também não aguentou o seu peso e caiu sobre o pobre coitado. E o pior de tudo é que Tonho tinha deixado um bolo assando no forno, que caiu em cima de Genildo! Genildo não aguentou o calor; e após sofrer inúmeras queimaduras, juntou todas as forças e jogou o forno contra os armários. Depois disso ele abriu a geladeira para aliviar as queimaduras com gelo, mas tropeçou e acabou caindo dentro dela, em cima dos comes e bebes, se machucando ainda mais com as prateleiras, e lá ficou, todo ensanguentado. Mesmo assim, Genildo consegue sobreviver a isso! Mesmo com muito frio, queimado e com inúmeros ferimentos, viu o telefone na parede e reuniu suas últimas forças para tentar pedir ajuda. Apoiou-se na parede tentou alcançá-lo, mas, ao invés do telefone ele pôs a mão na caixa de fusíveis e zap! Dez mil volts passaram por ele, fazendo-o cair duro. Isso não o matou. E após levantar-se com muita dificuldade, tentou dizer algo, mas Tonho sacou de um trinta e oito e deu seis tiros em sua cara. Matando-o ali mesmo! Na delegacia o delegado perguntou qual o motivo que levou Tonho a matar Genildo. Tonho respondeu que o sujeito além de invadir, não parava de destruir sua casa!

(Cumadi meio surda aparece na janela, com a corneta acústica abaixada)

GURIA DO JORNAL: *(vai atirar o jornal na cumadi meio surda, se contém olha para o público e oferece delicadamente)* Óhh o jornal!

CUMADI MEIO SURDA: Já é natal? *(levantando a corneta acústica)* Ainda não meu filho...

GURIA DO JORNAL: Eu não sou menino, sou menina.

CUMADI MEIO SURDA: Desculpa menina é que também com essas roupas, você fica parecendo um menino. Por que você não coloca um vestidinho? Se vista igual uma menina.

GURIA DO JORNAL: Minha tia, esse é meu uniforme de trabalho.

CUMADI MEIO SURDA: E você trabalha do que?

GURIA DO JORNAL: Sou vendedora de jornal. E vendo de porta em porta... Vai um tia?

CUMADI MEIO SURDA: Não obrigada! Alias minhas vistas já não me ajudam e assim, não consigo ler.

GURIA DO JORNAL: Não tem problemas! Eu também forneço serviço de leitura. Se a senhora pagar um pequeno adicional eu posso ler o jornal pra senhora.

CUMADI MEIO SURDA: Que gracinha... Ótimo, porque ler eu não consigo mesmo, agora escutar eu escuto bem. E quanto é o jornal com leitura?

GURIA DO JORNAL: É doi real!

CUMADI MEIO SURDA: Então está bem leia pra mim.

GURIA DO JORNAL: Com qual notícia a senhora quer que eu comece?

CUMADI MEIO SURDA: Deixe-me ver vamos começar com as notícias da área da saúde.

GURIA DO JORNAL: É pra já! Extra! Extra! Extra! Extra! (*para plateia*) Eu sempre quis dizer isso... Extra! Extra! Médicos do centro de pesquisas da faculdade americana de Wisconsin-Madison (*enrola-se pra falar*) dessa faculdade ai, apontam as doenças mais comuns nos idosos. São elas: mal de Parkinson, demência, osteoporose, diabetes, câncer de mama, câncer de cólon e reto, catarata...

CUMADI MEIO SURDA: (*sentindo incomodo*) Tudo bem, tudo bem leia outra...

GURIA DO JORNAL: Não! Peraí que tem mais doenças aqui ó: acidente vascular cerebral, hipertensão arterial, câncer de pele, câncer de próstata... Mas fica tranquila que essa a senhora não pega. Agora já as outras, é bem provável.

CUMADI MEIO SURDA: Por favor, leia outra notícia.

GURIA DO JORNAL: (*folheia o jornal*) Extra! Extra! Extra! Extra! (*para plateia*) Eu sempre quis dizer isso... Extra! Extra! Idoso morre na fila do INSS! Dona Jupira morre de um AVC nesta (*data da apresentação*) quando aguardava na fila do INSS por mais de sete horas...

CUMADI MEIO SURDA: Vamos pra próxima, por favor...

GURIA DO JORNAL: (*folheia o jornal*) Extra! Extra! Extra! Extra! (*para plateia*) Eu sempre quis dizer isso... Extra! Extra! Municípes de (*cidade da apresentação*) conseguem nova conquista!

CUMADI MEIO SURDA: Ai que bom... Essa é uma notícia boa. Me diga qual foi a conquista?

GURIA DO JORNAL: Foi acertada hoje pela prefeitura de (*cidade da apresentação*) a compra de um terreno para a construção de mais um cemitério. Pois com o aumento da taxa de morte entre os idosos, o antigo não conseguia suprir a necessidade deixando muitos sem um enterro digno...

CUMADI MEIO SURDA: Tem alguma notícia sobre animais? Eu gosto muito de animais...

GURIA DO JORNAL: Vamos ver (*folheia o jornal*) Tem sim minha tia. Extra! Extra!...

CUMADI MEIO SURDA: (*brava*) Ai meu saco! (*calma*) Por favor, vai logo pra notícia.

GURIA DO JORNAL: Tá bom tia. Um grande fenômeno foi constatado nesta manhã no reino animal! Foi avistado um bando de aves que migrou fora de época para um lugar inusitado...

CUMADI MEIO SURDA: Oh! Essa é uma notícia interessante... E pra onde eles migraram?

GURIA DO JORNAL: Pra uma casa de repouso!

CUMADI MEIO SURDA: Como assim? Onde já se viu uma coisa dessas?

GURIA DO JORNAL: (*lendo o jornal*) Esse fato foi constatado após encontrarem um bando de pássaros da espécie *Pandion haliaetus*... (*enrola-se pra falar*) Dessa espécie aí... Na casa de repouso "Esperamos Você" localizada na cidade de (*cidade da apresentação*). Os pássaros mataram e devoraram dez idosos e deixaram quinze feridos gravemente. O corpo de bombeiros foi...

CUMADI MEIO SURDA: Tá já entendi! Por um acaso tem alguma notícia aí, que não fale só de idosos?

GURIA DO JORNAL: Claro! Aqui fala também de um ato heroico de um jovem salva vidas na praia.

CUMADI MEIO SURDA: Então, por favor, leia.

GURIA DO JORNAL: Um salva-vidas de apenas vinte anos, salva três idosos que estavam festejando na praia de (*cidade da apresentação*) o risco que o jovem correu, não se comparou com a alegria de ter salvado três vidas.

CUMADI MEIO SURDA: Que maravilha! Até que enfim uma notícia boa.

GURIA DO JORNAL: Ele só lamenta que os idosos tenham morrido em seguida, por não aguentarem os ferimentos causados pelos crustáceos e a entrada de muita água nos pulmões!

CUMADI MEIO SURDA: O que que é isso! Nesse jornal só tem notícia de idoso? Só desgraça na vida dos velhinhos?

GURIA DO JORNAL: Não minha tia. É que eu procuro ler as notícias de acordo com o perfil de cada cliente. E como a senhora é velha, eu sabia que ia gostar desse tipo de notícia. Gostou né?

CUMADI MEIO SURDA: Claro que não menina! Eu gosto de todo tipo de notícia, não só sobre idosos. E também não suporto notícias ruins. Não gosto de ouvir sobre desgraça na vida dos outros! Bom, agora deixa eu entrar que já vai começar o programa do Datena. E eu não quero perder. Assisto todo dia.
(Sai, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem.)

GURIA DO JORNAL: *(para a plateia)* Extra! Extra! Extra! Extra! O circo chegou! O circo chegou! Chegou na tarde desta *(data da apresentação)* na cidade de *(cidade a apresentação)* o "Circo Cidando"! Onde se apresentarão por dois meses.
(Entra uma música clichê de circo. Atores vão até o cubo e começam a se caracterizar nas próximas personagens. Durante a caracterização)

ATOR: *(para o sonoplasta)* Parou! Parou! Essa música tá meio manjada... Coloca uma coisa mais atual, mais artístico-cultura, mais intelectual. Mas sem perder a essência do circo. Por favor, colabora com nós!

(Entra a mesma música com a batida de funk. Atores sinalizam com o polegar e continuam a caracterização dançando o funk. Caracterizados como palhaços clichês de porta de loja, os atores entram em cena. Muda para outra música circense. Palhação e Palhacinho; cada um em uma extremidade do palco, pulam e cumprimentam a plateia feito bobos. Palhação percebe palhacinho do outro lado, mostra pra plateia e vai pulando em sua direção. Palhacinho executa a mesma ação que Palhação. Palhação tenta abraçar palhacinho, este passa por debaixo de seus braços. Palhacinho após passar por debaixo dos braços de palhação, começa rir e mostra para plateia. Esta ação acontece três vezes, na quarta abraçam-se de verdade. Palhação chama Palhacinho mostra uma coisa para ele no chão. Palhacinho encurva-se e olha para o chão. Palhação chuta a bunda de Palhacinho. Palhacinho cai no chão e chora. Palhação pede desculpas e traz Palhacinho até seu ombro e consola-o. Palhacinho levanta a cabeça do ombro de palhação e da um beijo em seu rosto. Palhação empurra palhacinho e limpa o rosto com nojo. Palhacinho mostra uma coisa no chão para Palhação. Palhação encurva-se para olhar. Palhacinho tenta dar um chute na bunda de Palhação. Palhação volta-se rapidamente e olha para Palhacinho. Palhacinho disfarça o chute. Esta ação acontece três vezes, na quarta Palhacinho irritado abaixa para mostrar e leva um chute de Palhação. Palhação dá risada. Palhacinho irritado vai dar um tapa em Palhação. Palhação abaixa-se. Palhacinho erra o tapa dando uma volta e ficando de costas para Palhação. Palhação dá um chute na bunda de Palhacinho. Palhacinho cai no chão e chora. Levanta-se do chão nervoso e corre atrás de Palhação. Os dois começam a correr em círculo pelo espaço. Após alguma voltas, Palhação para e Palhacinho continua correndo. Palhacinho cansado se apoia em Palhação para descansar. Então ao perceber que está escorado em Palhação os dois se assustam. Começa novamente a correria. Desta vez Palhacinho para de correr e Palhação continua. Após algumas voltas, Palhacinho dá uma rasteira em Palhação, que cai no chão e começa a chorar. Palhação levanta-se bravo e corre atrás de Palhacinho. Os dois saem de cena. Entra música brega ou música romântica de serenata. Vão até o cubo e começam a se caracterizar nas próximas personagens. Aparece em cena um carrinho de brinquedo caracterizado como

um carro de loucuras de amor. Esse carrinho pode ser puxado por uma linha da coxia ou empurrado por alguém. As declarações de amor acontecem até ambos estarem totalmente caracterizados. Depois de caracterizados Moção fica atrás da janela e Mozinho – ainda com maquiagem de palhaço – em frente da outra. Inicia-se a gravação.)

GRAVAÇÃO LOCUTOR DE LOUCURAS DE AMOR: Moção... Quando eu te vi meus olhos se encontraram com os seus! Foi amor à primeira vista! Moção... Meu amor por você cresce a cada dia depois que comecei a te amar! Moção... Em cada momento, um instante, Em cada instante, uma afirmação. Em cada afirmação, uma certeza de que jamais tiraria você do meu coração! Meu Moção... Mesmo que o ouro perca o seu valor, mesmo que o sol deixe de brilhar, por toda vida eu vou te amar... Moção... De perto conheço o amor, de longe conheço a bondade. Hoje conheço você que amo de verdade. Moção você é a luz que ilumina meu viver te amo de montão! Moção... Rosas são vermelhas e violetas são azuis e meu amor por você é verdadeiro! Moção... Perguntei aos sete ventos qual é a mulher mais bonita no mundo e eles me disseram que é você! Moção... Se a Lua me dissesse que você me ama, eu não acreditaria. Se o Sol me contasse que você me ama eu não ligaria. Se as estrelas a mim confessassem que você me ama eu rejeitaria. Mas como foi você quem disse eu acredito. Moção... Meu coração dispara quando te vejo. É amor ou é paixão? A única certeza que tenho é que esse sentimento é verdadeiro por você. Moção...

MOZINHO: *(sai da personagem)* Chega! Já deu! *(música desafina, ator empurra o carrinho pra fora de cena. Entra na personagem)* Ooooooooooi Moção... Quem é o meu...

MOZÃO: Moziinho... *(mostra que seu rosto está maquiado)*

MOZINHO: *(passa a mão no rosto e percebe que está maquiado. sem graça)* Só um minutinho *(sai pra retirar o resto da maquiagem. entra carrinho do "loucuras de amor" com a mesma gravação em velocidade acelerada)*

MOZÃO: (*brigando com o carrinho*) Ah! Não de novo não! (*joga o carrinho pra coxia*)

MOZINHO: Ooooooooooi Mozãoooo... Quem é o meu docinho de coco? (*pra plateia*) hoje eu não queria vir aqui, queria ficar em casa jogando vídeo game...

MOZÃO: Sou eu... (*pra plateia*) toda vez que ele me vê ele começa falando a mesma coisa... Vai começar o melaço.

MOZINHO: Mozão... Quem é minha balinha de caramelo? (*pra plateia*) espero que hoje ela não queira tomar sorvete, não tenho nenhum cascalho...

MOZÃO: Sou eu... (*pra plateia*) será que desta vez ele tem dinheiro? Queria tanto tomar um sorvete, mas esse Mané anda sempre duro...

MOZINHO: Mozão... Quem é meu bolinho de chocolate com morango? (*pra plateia*) Eu já tô de saco cheio... Toda vez que encontro ela, tenho que ficar falando essa baboseira. Olha como ela fica derretida...

MOZÃO: Sou eu... (*pra plateia*) Agora ele pergunta quem é o bom bocado e depois quem é o churros. Fala a verdade, quem diz pra namorada: quem é meu churros de leite condensado?

MOZINHO: Mozão... Quem é bom bocado?

MOZÃO: Sou eu... (*pra plateia*) não falei... O cara não se toca. Quem ele acha que é o rei do brega?

MOZINHO: Mozão... Quem é meu churros de leite condensado?

MOZÃO: Sou eu... Oh! Mozinho assim eu me sinto uma bomboniere (*pra plateia*) Seu barrigudo de uma figa.

MOZINHO: Desculpa Mozão. Eu só quis dizer que você é tudo que eu mais gosto. *(pra plateia)* sua magricela de meia tigela.

MOZÃO: Não tem problema não eu não fiquei brava. *(pra plateia)* Tem problema sim e eu fiquei com raiva sim.

MOZINHO: Hoje vamos fazer uma coisa retrô e romântica... Vamos namorar no portão a luz do luar. *(pra plateia)* Saída de gênio. Assim não precisamos ir pra nenhum lugar e eu não tenho que gastar dinheiro.

MOZÃO: Ai que romântico... Não importa o lugar desde que eu esteja ao seu lado. *(pra plateia)* La vem mais uma desculpa do Durango Kid. O bicho não tem nenhum doi real no bolso...

MOZINHO: Afinal a gente tem tanta coisa pra conversar, Mozão.

MOZÃO: Isso é verdade, Mozinho.

MOZINHO: *(após uma leve pausa e um desconforto de falta de assunto)* Então...

MOZÃO: Então...

MOZINHO: *(suspirando)* Aiai...

MOZÃO: *(suspirando)* Aiai...

MOZINHO: *(suspirando)* Éééé...

MOZÃO: *(suspirando)* Éééé...

MOZINHO: Ufa...

MOZÃO: Ufa...

MOZINHO: Pois é...

MOZÃO: Pois é...

MOZINHO: Pois então?

MOZÃO: Mozinhoouuuu. Você... Você...

MOZINHO: Eu... Eu...

MOZÃO: Você... Gostou de ir no circo?

MOZINHO: Gostei...

MOZÃO: Ah! Legal...

MOZINHO: E você?

MOZÃO: Eu o que?

MOZINHO: Gostou?

MOZÃO: Sim...

MOZINHO: Ah! Legal... Mozãoooooooooooo... Eu já disse que te amo tanto?

MOZÃO: Sim, mas fala de novo...

MOZINHO: Eu te amo tanto...

MOZÃO: Ai que amor, ai que romântico ai que tudo... Linducho!

MOZINHO: Linda! Cosia meiga do meu coração... Tchutchuzinho...

MOZÃO: Linducho!

MOZINHO: Tchutchuzinho, indo, coija toda minha vida...

MOZÃO: Linducho!

MOZINHO: Tchutchuzinho, inho, inho de tudo... Fofucha!

MOZÃO: Você que é minha fofochura...

MOZINHO: Não é você!

MOZÃO: Não é você!

MOZINHO: Mozãoooo... Eu já disse hoje que você é linda?

MOZÃO: Não.

MOZINHO: Então eu digo: linda!

MOZÃO: Ai que amor. Fala de novo?

MOZINHO: linda! E você me ama?

MOZÃO: Claro que sim! Te amo mais que tudo! Você é meu mozinho.

MOZINHO: E você é meu mozão!

CUMADI ZANGADA: *(em off)* Genilda já deu pra fica de sem vergonhice no portão? Eu num gosto de safadagi na frente di casa! Para cum isso e vem logo esvazia minha cumadi!

MOZÃO: Já vou vó, já vou!

CUMADI ZANGADA: *(em off)* Ou cê vem agora ou eu te meto a mão na cara!

MOZÃO: Mozinho, que pena... Minha vó vem estragar tudo! Logo agora que a conversa estava tão gostosa, tão interessante... *(para plateia)* Salva pela véia coroca! lupi

MOZINHO: Poxa moção... Que pena *(para plateia)* Que bom, agora posso ir para casa jogar vídeo game.

CUMADI ZANGADA: *(em off)* Será que eu tenho que i aí te puxá pela oreia?

MOZÃO: Não vó tô indo. *(para plateia)* Eu tenho que fazer de conta que tô chateada.

MOZINHO: Então amanhã nos vemos? *(para plateia)* Diz que não, diz que não. Amanhã vou comprar um jogo novo.

MOZÃO: Tá bom pode vir. Fico te esperando nessa mesma hora? *(para plateia)* Se eu falar que não é capaz de dizer que vai se matar... *(para mozinho)* Tchou até amanhã. Te amo meu amorucho!

MOZINHO: Eu também minha amorucha. *(para plateia)* Além de não conseguir comprar meu jogo, não vou poder assistir meu desenho favorito... *(para moção)* Então tá até amanhã. Pode entrar que eu já vou indo.

MOZÃO: Ah! Não vai você primeiro.

MOZINHO: Ah! Não entra você primeiro.

MOZÃO: Ah! Não vai você primeiro.

MOZINHO: Ah! Não entra você primeiro.

MOZÃO: Então os dois ao mesmo tempo.

MOZINHO: Tá bom. No três. Um, dois, três. *(após ameaçarem sair por três vezes, começam a sair. mozão sai completamente. vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem. mozinho em cena)*

MOZINHO: Como eu amo esta mulher! Todos os momentos que passamos juntos são assim agradáveis. Conversamos sobre tudo, os mais variados assuntos. Eu procuro fazer de tudo pra vê-la feliz: agrado e dou presentes. Sou um cara romântico. Eu não acho que ser romântico seja brega... Sabe o que eu gosto de fazer? Gosto de ouvir histórias de amor que passam nas rádios é. Um dia também mandei uma carta pra rádio, contando sobre um encontro maravilhoso que tive com uma ex-namorada. Eu fiquei tão feliz quando minha carta foi lida no ar que até gravei... Vou colocar pra vocês escutarem. *(sai, vai até o cubo e caracteriza-se na próxima personagem)*

VOZ DE RADIALISTA: Agora vamos ler a cartinha de mais um ouvinte, na seleção das mais românticas. Essa carta é do caro ouvinte: Antônio Firmino da Silva. Lembro como se fosse ontem... Não me lembro muito bem a data. Mas sei que foi num sábado que liguei a cobrar do meu celular, para minha recém-namorada Francisclécia, para combinarmos um passeio romântico. Como estava desempregado a mais de dois meses, não podia levá-la a um jantar à luz de velas, mesmo sendo essa minha vontade. Então me adiantei e antes que ela sugerisse algo do tipo, propus algo romântico. Algo inovador e que ao mesmo

tempo não fosse brega. Propus um pic-nic no parque da cidade de (*nome da cidade da apresentação*). Ela aceitou com alegria imensa. Combinamos o seguinte: ela levaria um pratinho de salgado e um de doce e eu levaria as bebidas. Todo perfeito! O domingo do encontro estava ensolarado, pegamos o ônibus depois de ter esperado por mais de duas horas no ponto. Lembro-me que a timidez de ambos fez com que ficássemos calados esse período. No ônibus, pedi ao cobrador se podíamos passar os dois na roleta, pois só tinha dinheiro pra uma passagem de ida e uma de volta. Ele autorizou! Isso foi bom, pois passamos a roleta juntinhos. Chegamos no parque estava lotado. Conseguimos um cantinho aconchegante próximo ao banheiro masculino. Mas não importava o local, o importante era estar ao lado dela. Ela trouxe torta de frango e empadinha de palmito. Estava uma delícia! Ela disse que foi ela mesma que preparou tudo, até que, quando fui passar o pratinho da empadinha pra ela, vi embaixo a etiqueta do mercadinho. Como ela não percebeu que eu vi, fiz de conta que não sabia de nada. Eu levei duas garrafas de refrigerante Xereta: uma de Cola e uma de Laranja... Uma pena que com o calor elas esquentaram. Eu não sabia que ela não tomava refrigerante. Como sou esperto, também levei três saquinhos de Ki-Suco de laranja. Como prova de amor esvaziei uma das garrafas de refrigerante na pia do banheiro masculino e enchi-a com a água do bebedouro, porém não estava gelada... Uma pena... Coloquei o Ki-Suco dentro e fiz um delicioso suco de laranja. Comemos e bebemos e após cinco minutos de conversa a comida já tinha acabado. Mas nosso amor não! Sem saber direito o que dizer, ficamos algumas horas em silêncio admirando o movimento do parque: crianças correndo e falando palavrão, uns gordos pançudos correndo suados, cachorros mijando nas árvores, diversos vendedores oferecendo seus produtos, o sol escaldante... Uma vista deslumbrante. Li uns poeminhas pra ela de minha autoria... Jurei amor eterno, disse que ela seria minha esposa e queria que ela fosse mãe dos meus filhos. Fiz isso no nosso primeiro passeio romântico para mostrar pra ela que eu não sou homem de brincadeira e que queria compromisso sério. Embora não aparentasse, após meu discurso caiu um baita pé d'água, pegando-nos desprevenidos. Ficamos ensopados. Sem mais o que fazer, fomos embora e pegamos o ônibus, e ainda estávamos molhados. Foi

engraçado... Passamos novamente juntinhos na roleta, pois agora só me restava o dinheiro da volta... Foi um dia inesquecível tanto pra mim quanto pra ela... Pena que não durou muito nosso caso de amor... Não sei porque... Essa foi a cartinha do ouvinte Renilson. Mandem também a sua! Agora ficamos com mais um sucesso da música popular brasileira. *(entra a música: "curioso eu sou apenas mais um". as duas cumadi aparecem na janela)*

CUMADI ZANGADA: Arfredo! Abaixa essa merdessa música! Aqui num tem ninguém surdo pra escutá música nessa artura... Nem música isso é! Isso mais parece zuada de gente louca. Tá querendo mostrar pros vizinhos que cê tem apareio de som? Aqui é casa de família e não baile da terceira idade! Ou cê desliga essa porcaria ou eu vô fazê cê engoli esse rádio.

CUMADI MEIO SURDA: Continua calma como sempre!

CUMADI ZANGADA: Eu sô a pessoa mais carma desse mundo! O que me irrita é atitude e pergunta cretina! Já terminei a custura.

CUMADI MEIO SURDA: Ah! Cumadi muito obrigada. Agradecida mesmo, pode deixa por ai mesmo, depois eu pego.

CUMADI ZANGADA: Cê sabe que eu num sô di fala da vida alheia, e também não suporto fofoca, mas cê viu quem passou aqui ontesdonte embuchada?

CUMADI MEIO SURDA: Para com isso cumadi, não gosto de fofoca! Quem foi?

CUMADI ZANGADA: Foi a aquela moça que mora sozinha no número 71.

CUMADI MEIO SURDA: Não acredito! Tão novinha e já tá grávida. E nem casada é, né?

CUMADI ZANGADA: Pois é cumadi hoje em dia tá assim: um bando de muié solteira tudo cum fio.

CUMADI MEIO SURDA: É verdade nada de casar e muito de coisar! Eu nem desconfiava. Era tão quietinha, não era moça de ficar fazendo zuada em casa... *(distraidamente, abaixa a corneta acústica)*

CUMADI ZANGADA: É cumadi, as mais quétinhas são as mais gosta.

CUMADI MEIO SURDA: O que ela mais tinha era filho nas costas? Meu Deus, mas nunca vi ela com nenhum. Só se eles moram com a avó, ou com o pai...

CUMADI ZANGADA: *(interrompendo)* Ai, ai, já tá confundindo novamente.

CUMADI MEIO SURDA: E é tudo de pai diferente? Você tá bem informada, hei. Como você fica sabendo dessas coisas?

CUMADI ZANGADA: Escuta surdinha, vamos fala do que interessa!

CUMADI MEIO SURDA: Fica na surdina ouvindo as conversas. Ah! Depois fala que não gosta de uma fofoca... Mas fala a verdade, de vez em quando é bom uma fofquinha, né? Sem má intenção é claro!

CUMADI ZANGADA: Chega! Vou entrar, tenho mais o que fazê. *(sai)*

CUMADI MEIO SURDA: Vai começa a novela na TV. Eu também vou entrar, não quero perder o capítulo da novela, Ah! Cumadi essa novela tá tão bonita, *(percebe que está falando sozinha)* Já entrou e nem se despediu, véia sem educação.

Sobre o autor: Temoteo Ramos paulistano, formado na FASCS (Fundação das Arte de São Caetano); no curso Técnico em Artes Dramáticas e no SENAC; no curso Técnico de Radialista.

Contato: tintimazramos@gmail.com





Mostra FIC de Processos e Experimentos

Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO 2021

INSCRIÇÕES ABERTAS
PARA OS CURSOS DE
ARTES VISUAIS, DANÇA,
MÚSICA E TEATRO

TURMAS 2021, 2º semestre
Até 26 de junho
www.fascs.com.br/inscricoes

Prefeitura de São Caetano do Sul Fundação das Artes de São Caetano do Sul

Diretora Geral: Ana Paula Demambro
Conselho de Curadores – Presidente:
João Manoel da Costa Neto
Diretora Pedagógica: Suzete Moreno

Pronatec

Equipe acadêmico-administrativa

Coordenador Geral: Reinaldo Monteiro
Coordenador Adjunto: Sérgio de Azevedo
Supervisão Administrativa: Adriano Faria
Supervisão Pedagógica: José Adriano
Albuquerque e Robson Ferraz.
Apoio acadêmico-administrativo: Carolina Lionel,
Daniele Máximo, Elô Gelfuso, Gustavo Cano e
Marcelli Massei

Equipe docente

Agente cultural/Produção cultural
(Assistente de produção cultural): Alberto Magno,
Carlos Doles, George Vilches e Maria Emília Gomes
Cenografia (Auxiliar de Cenotecnia): Livia Loureiro
e Paula Venâncio
Dramaturgia (Assistente de Dramaturgia): Diego Cardoso,
Diogo Noventa e Ligia Souza Oliveira
Figurino (Figurinista): Fatima Lima, Valéria Feldman
Jogos, lazer e entretenimento (Recreador Cultural): Flávia
Bertinelli, George Vilches e Rita Cavassana
Maquiagem (Maquiador): George Vilches e Vitor Flausino
Práticas de Dança (Assistente de coreografia): Maria Emília
Gomes, Rita Cavassana e Julia Mauro

Acesso

Todas as atividades são gratuitas.
As atividades serão realizadas de forma remota, por meio
de recursos telemáticos e audiovisuais. Acesse o site e as
redes sociais para acompanhar a programação.

FUNDAÇÃO DAS ARTES | PRONATEC



Mostra FIC
de Processos e
Experimentos
Programa Fundação das Artes FIC

JUNHO_JULHO2021

Informações
(11) 4239-2020
www.fascs.com.br
facebook.com/fascs
youtube.com/ficfascs



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

